

CONGADAS DE MINAS GERAIS



Jeremias Brasileiro

Jeremias
Com Toda Sinceridade
Ministro
Do Sr. Jeremias
23
11
20

CONGADAS DE MINAS GERAIS



Jeremias Brasileiro

Para **Emiliana Terezinha de Jesus**

Vivíssima **mãe** sempre bastão de unidade familiar.

In Memoriam: **Jerônimo Brasileiro da Silva.**

Austero **Pai** que não curvou-se diante do poder corrompedor.

Meus Irmãos { Custódio Brasileiro, Cristovão Brasileiro e José Geraldo }

Minhas Irmãs { Maria Terezinha; Maria do Nascimento, Maria Emiliana, Maria Auxiliadora e à Sobrinha Jémine Alini }

Esse sustentáculo familiar foi fundamental no resultado final de **Congadas de Minas Gerais.**

SUMÁRIO

Apresentação.....	11
Prefácio.....	13
Introdução.....	15
Apresentação Conceitual.....	17
O Negro Diante da Ideologia Racial.....	18
1.0 - O Insuflamento à Fé.....	21
1.1 - Surgimento do Congado no Alto Paranaíba.....	21
1.2 - Aspectos do Congado no triângulo Mineiro.....	23
1.3 - Do Distrito de Santa Maria ao Uberlândia Dois Mil.....	23
1.4 - Cavalhada no Congado.....	24
1.5 - Um Reinado Africano no Brasil.....	26
1.6 - Os Festeiros no Congado.....	26
2.0 - As Lendas de São Benedito e de Nossa Senhora do Rosário.....	27
2.1 - São Benedito na África.....	27
2.2 - São Benedito na Itália.....	27
2.3 - São Benedito, A Lenda Que o Jesuíta Criou.....	28
2.4 - Nossa Senhora no Mar.....	28
2.5 - Nossa Senhora na Árvore.....	28
2.6 - Nos Sermões de Vieira, A Força Ideológica do Rosário.....	29
3.0 - O Congado Em Uberlândia.....	31
3.1 - Primeira Versão do Congado em Uberlândia.....	31
3.2 - Segunda Versão do Primeiro Tambor.....	32
3.3 - Santa Ifigênia Não Pode Reinar.....	33
3.4 - A Capela do Rosário.....	33
4.0 - As Irmandades do Rosário.....	37
4.1 - Donos da Religião, Donos da Escravidão.....	37
4.2 - Da Diáspora Africana à Resistência Cultural.....	38
4.3 - Dos Espaços Geográficos Ocupados.....	39
4.4 - Da Psicologia Preservacionista Congadeira.....	39
.	
5.0 - Os Ternos de Congado Em Uberlândia.....	41
5.1 - Ternos Extintos ou Inativos.....	45
5.2 - Características Principais dos Ternos.....	45

5.3	- Terno de Congado Sainha.....	47
5.4	- Congo Camisa Verde.....	52
5.5	- Marinheiro 'de Nossa Senhora do Rosário.....	54
5.6	- Moçambique Princesa Isabel.....	57
5.7	- Moçambique Pena Branca de Nossa Senhora do Rosário.....	59
5.8	- Catupé Nossa Senhora do Rosário.....	61
5.9	- Congado Nossa Senhora do Rosário Catupé.....	63
5.10	- Marinheiro de São Benedito.....	65
5.11	- Moçambique de Belém.....	67
5.12	- Terno de Congado Santa Ifigênia.....	70
5.13	- Marujo Azul de Maio.....	72
5.14	- Moçambique do Oriente.....	73
5.15	- Terno de Catupé Azul e Rosa.....	75
5.16	- Congado Congo Branco.....	75
5.17	- Congado Amarelo Ouro.....	76
5.18	- Congo Verde e Branco.....	77
6.0	- Simbologias do Congado	81
6.1	- A Diversidade dos Rituais.....	82
6.2	- Ritmos, Evoluções, Coreografias.....	90
6.3	- Rituais de Coroação	91
6.4	- Reinado em Uberlândia.....	93
6.5	- Cantorias no Congado	94
6.6	- Cantorias de Moçambique para Nossa Senhora.....	95
6.7	- Cantorias de Moçambique para São Benedito	96
6.8	- Cantorias de Congo para Nossa Senhora	96
6.9	- Cantorias de Congo para São Benedito.....	97
6.10	- Cantorias Antigas e Modernas	97
7.0	- O Congado em Rio Paranaíba-MG.....	105
7.1	- Quintalião no Quilombo de Ambrósio	107
7.2	- Uma Herança Ancestral.....	107
7.3	- Ternos de Rio Paranaíba-MG	109
8.0	- Outros Ternos de Congado.....	111
8.1	- Moçambique Manjerição, Bambui-MG	111
8.2	- Moçambique de Adoração, Rio Paranaíba-MG	111
8.3	- Penacho de Marcação, Luz-MG.....	112
8.4	- Catupés de Tamborins.....	112

8.5 -Terno de Carmo do Paranaíba-MG.....	113
8.6 - Congo Real Santo Antônio, São Gotardo.....	113
8.7 - Grupo de Cateretê Filhas de Maria, Carmo do Paranaíba.....	113
8.8 - Moçambique de Cruzeiro da Fortaleza –MG.....	113
8.9 - Vilão Fantástico,Serra do Salitre-MG	114
8.10 - Congado Catupé São Benedito, Patrocínio-MG.....	114
8.11 - Moçambique de Nossa Senhora, Pátos de Minas-MG.....	115
8.12 - Moçambique de Louvação, Lagoa da Prata- MG.....	115
8.13 - Batalhão do Norte, Uberaba-MG.....	115
8.14 - Camisa Verde, Ituiutaba-MG.....	116
8.15 - Bombachinho,São Gotardo.....	116
8.16 - Catupés de Reco-Recos.....	116
8.17 - Congo de Araxá-MG.....	117
8.18 - Moçambique Rosário de Maria - Guimarães MG.....	117
8.19 - Congo Real de Córrego Dantas MG.....	117
8.20 - Temó dos Marinheiros de Itapecerica-MG.....	117
8.21 - Congado Em Ibiá-MG.....	118
8.22 - Congado Em Cruzeiro da Fortaleza-MG.....	118
8.23 - Congado Em São Gotardo-MG.....	118
8.24 - Congo Verde de Araguari –MG.....	119
8.25 - Terno Verde de Monte Alegre de Minas.....	119
8.26 - Guarda de Moçambique de Azurita – MG.....	119
9.0 - Da Eternidade do Congado no Segundo Milênio.....	121
9.1 - Quase Uma Conclusão	121
9.2 - Pinturas e Poemas de Nós: Os Congadeiros	125
9.3 - Cronologia De Um Ritual.....	133
9.4 - Bibliografia.....	135
9.5 - Outros Textos Literários do Autor.....	138
9.6 - Biografia.....	139
9.7 - Ficha Técnica Para Maiores Informações.....	145

Agradecimentos

Ao mutirão de Solidariedade que foi fundamental na realização desse trabalho: Ancestrais de todos nós raízes de África.

Nessa odisséia em busca da reconquista do tríduo congadeiro que desde o seu nascedouro exibiu os Temos de Catopês, Moçambiques e Congos; conheci centenas de seres humanos que acreditaram nesse livro e fizeram o possível para a concretização do mesmo.

Os percalços foram enormes e só consegui superá-los com a força espiritual dos amigos vinculados com o fazer cultura tradicional. Ainda em 1984, contei com o apoio de Irinéia em uma fazenda de Patrocínio - MG e durante os meses que na companhia de seus filhos e esposo pude ter a honra de conviver, aproximei-me de vários trabalhadores rurais congadeiros.

Um agradecimento especial à **Victor C.W. Dzidzienyo**, Director, School Of Architecture And Computer Sciences, Washington. Victor foi contundente ao afirmar-me que para escrever a história do Negro "é necessário recorrer aos tempos dos povos bem antes da escravidão e observar quem escreveu partindo apenas do período escravocrata com qual intenção e a serviço de quem". À João Domingos, Capitão de terno em Cruzeiro da Fortaleza-MG que ajudou-me a compreender os significados das danças, dos cantos e das simbologias ainda existentes nos Congados de Minas Gerais e que vez ou outra nos remetem às práticas ritualísticas africanas.

Expressiva foi a colaboração do Professor Ayres Veríssimo do Sacramento Major, de São Tomé e Príncipe e ao Encarregado de Negócios da Embaixada do Camroun no Brasil [Df. Ndoe Messi Thierry Edgard Joseph].

Quando foi difícil encontrar apoio cultural para formatar os dados coletados, o Rogério pediu imediatamente para a Regina digitar os originais no gabinete da vereadora Liza Prado.

À Maria José Moreira Torres e aos companheiros Leudinésio, Leandro, Nei, Lucilene, Cristina Gonçalves, Ronaldo Ferreira, Heloísa Gomides e Beatriz Melo.

Outras pessoas se fizeram presentes nessa jornada e entre tantas necessito destacar o Professor João Marcos, Antropólogo da Universidade Federal de Uberlândia; a Professora Elisa Rocha Otoni e o popular João Professor; ambos de Rio Paranaíba-MG.

Aos companheiros e companheiras da COAFRO: Gilberto Antônio, Messias Limírio, Pai Zezinho, Graciemília, Maisley, Daniela, Dona Lázara, Douglas, Edilson, Neide, Gilberto Neves e Ramon.

Aos companheiros do movimento negro de Uberlândia: GRUCOM. MONUV A AKAB. ORIODARA MULHERES DE ÉBANO. MULHERES NEGRAS MARIA DA GLÓRIA e GRICOVEL.

Às Professoras: Marisa e Mara, Professor Fabrício, companheira Eurípia e em memória à Maria Célia Cence Lopes, que juntamente com Eivaldo incentivou-me nessa jornada cultural desde novembro de 1980.

Ao Deputado Federal Gilmar Machado.

Ao Presidente da Fundação Cultural PaI mares: **Dr.** Carlos Moura.

Agradeço a Artista Plástica Lilian de Castro que soube com maestria retratar algumas simbologias do Congado.

Apresentação

A publicação de um livro é O momento sublime do trabalho de qualquer escritor. No caso de um autodidata, este momento é como uma vitória de Davi contra Goliás. Em se tratando de um escritor, autodidata e negro, a publicação de "*Congadas de Minas Gerais*" significa uma tríplice vitória. É este o feito de Jeremias Brasileiro contra o processo de exclusão que o arrancou da escola desde cedo para ajudar a família trabalhando como servente de obras, trocador de ônibus e vigilante particular. É a vitória contra a falsa "democracia racial" brasileira que impede a ascensão dos negros ao seletor clube da intelectualidade nacional.

Jeremias é um dedicado artesão das palavras. Poeta com oito livros publicados, sua lavra poética foi elogiada através de mensagem de Carlos Drummond de Andrade. Depois dessa expressiva produção literária, ele se lança agora à pesquisa histórica. "*Congadas de Minas*" chega aos leitores, revelando um homem preocupado com sua identidade histórica. O carinho de Jeremias com a investigação da resistência dos afrobrasileiros faz dele um colecionador de documentos históricos. Ele guarda em casa, fotos, publicações, fitas cassetes e viedocassetes com gravações sobre as manifestações da cultura negra de Uberlândia e região. Talvez ele seja o único a reunir tanto material bibliográfico sobre os negros em Uberlândia, recebendo em casa visitas de estudantes secundaristas e universitários para suas pesquisas escolares. Devido a seus atributos intelectuais - mesmo ainda concluindo o supletivo de segundo grau é que este ainda jovem escritor negro veio a figurar na publicação "Quem é Quem na Negritude Brasileira" (*). Sua breve história aparece ao lado de fundamental importância para o conhecimento de um aspecto da cultura afrobrasileira tão marcante em Minas Gerais.

Foi pela originalidade e pioneirismo desta pesquisa que Jeremias despertou a atenção para o seu trabalho, mostrando e apresentando suas anotações nos encontros brasileiros preparatórios à Conferência Mundial Contra o Racismo e a Discriminação Racial. Especificamente, nos encontros de Alagoas e Uberlândia(MG), oportunidades em que ele contou com o reconhecimento do Df. Carlos Moura. Posteriormente, como

presidente da Fundação Cultural Palmares, partiu dele o estímulo e a autorização para a publicação desse livro. E que veio a se concretizar com o apoio da Coordenadoria Municipal Afro-Racial (COAFRO), da prefeitura de Uberlândia(MG), na negociação, e organização. Necessário destacar o apoio dos funcionários da Fundação Palmares para viabilizar esta publicação.

Gilberto Neves
Coordenador da COAFRO
Prefeitura de Uberlândia (MG)

(*) Quem é quem na Negritude Brasileira: volume 1. Organizado e pesquisado por Eduardo de Oliveira - São Paulo. Congresso Nacional Afro-Brasileiro/Secretaria Nacional de Direitos Humanos do Ministério da Justiça,1998.

Prefácio

Jeremias Brasileiro é autodidata. Um pesquisador obstinado, cujos métodos de pesquisa em nada deixam a desejar em relação à investigação acadêmica. Seu acervo é riquíssimo e sua capacidade de organizá-lo é de fazer inveja ao bibliotecário da universidade.

Tudo isso fica claro na exposição que Jeremias faz dos resultados de suas incursões pelo universo do congado nesta sua obra. Ela é resultado de um processo que remonta ao seu primeiro olhar de criança sobre as manifestações congadeiras da cidade de Rio Paranaíba em Minas Gerais. Próxima ao setecentista Quilombo do Ambrósio e de religiosidade muito forte, em Rio Paranaíba fundem-se fragmentos do imaginário medieval, provavelmente com seus "piorréias", "Chicos Tortos" e "Bobals", além da fone presença afro-brasileira que, no conjunto, inspiram o poeta, a crônica, o romance.

É esse universo que fez despertar em Jeremias Brasileiro, o interesse pela pesquisa do congado no Alto Paranaíba e Triângulo Mineiro. Seu foco são as cidades de Rio Paranaíba e mais especificamente as manifestações do congado em Uberlândia.

São quinze ternos e Jeremias percorre cada um deles, o congo, o marinheiro, o catupé e o Moçambique, buscando informações importantes para o enriquecimento de seu trabalho. Por outro lado, também, informações que revelam preocupação, no que diz respeito ao futuro da cultura popular. Sabemos que ela resiste ao processo de globalização, mas até quando, sem perder a sua essência.

A essência da cultura popular está na sua memória e nos seus significados. E Jeremias Brasileiro, ao adentrar esse universo, é como se estivesse fazendo um estudo da própria árvore genealógica. Um trabalho artesanal da memória de seus antepassados e de outros congadeiros.

Mas não só. Revitalizar a memória congadeira significa redimensionar o conceito de valores culturais. Manifestações tais como o Congado e a Folia de Reis, dentre outras, precisam sair da simples denominação de "folclore" e adquirirem o "status" de cultura. Marilena Chauí, na década de 80 já chamava a atenção para o fato de que equivocadamente denominamos aquilo que o povo faz de folclore e o que as elites fazem ou apreciam, de cultura.

Assim, a obra de Jeremias Brasileiro tem um valor inestimável, que não pode ser ignorado. Especialmente nesses tempos em que buscamos tanto uma identidade de brasileiros e a possibilidade de que o Brasil se encontre consigo mesmo. Certamente é verdade, não encontraremos uma identidade, mas várias, nesse universo cultural tão heterogêneo e, por isso mesmo, tão rico. O congado é uma dessas identidades e Jeremias Brasileiro um de seus principais expoentes.

Sebastião Vianney R. Ferreira
Professor de Antropologia -UNIT

Introdução

De modo fácil, Jeremias Brasileiro passeia pelos meandros do universo das Congadas de Minas e possibilita ao leitor o contato com práticas, valores e sentidos importantes para os participantes dessa forma de culto aos ancestrais, como afirma o autor, as Congadas de Minas são realizadas por nações (negras) diversas e possuidoras de antepassados comuns (com o histórico de sofrimento em território brasileiro semelhantes), que desenvolveram significados e expressam-no por meio de danças, de percussões africanizadas, de cantorias que conviveram com as imposições e perseguições do ritualismo cristão, ora mimetizando-se, ora afirmando-se como diferente, mas acima de tudo fazendo-se presentes até os dias atuais.

Essas práticas sociais negras, visíveis em várias partes do país, mas, de modo especial, as do Estado de Minas Gerais, região analisada pelo autor, andaram lado a lado com alguns dos momentos importantes da constituição desta nação. A Independência, o advento da República, a construção das formas embrionárias de urbanização, as diversas expansões da fronteira de desbravamento e exploração das riquezas naturais deste país, entre outros momentos, conviveram com fragmentos de lembranças da Dança com a Serpente ou com as Espadas, com a fé a confiança na intercessão de São Benedito, Santa Ifigênia, Nossa Senhora do Rosário e outros Santos e Orixás de contato simples e sintonia direta desse grupo de homens e mulheres negras e de seus antepassados. Jeremias Brasileiro fornece ao leitor a oportunidade de deixar o ranço e o estigma, muitas vezes, reforçadas por pesquisadores de diversas áreas, de que as populações negras neste país são desprovidas de histórias ou contribuições significativas na constituição desta nação. Talvez de forma não intencional, essa obra desnuda o ideal de um povo único, mal amalgamado na condição de ser brasileiro, que esbarra facilmente nos condicionantes para a constituição de uma nação, que são "...a posse em comum de um rico legado de memórias..., o desejo de viver em conjunto e a vontade de perpetuar, de uma forma indivisa, a herança que se recebeu' ..."1 revelando-nos com uma multiplicidade de valores e sentidos históricos que coexistem nesse país. Nesse estudo, o autor volta-se às Congadas de Minas e evidencia, aspectos da origem, como as palavras pronunciadas em Angola e Kalunga, e a presença de crioulos brasileiros - filhos de negros africanos, entre outros elementos em festas de Congado do Estado de Minas Gerais e, permite compreender a pouca participação de outros segmentos populacionais inseridos nessas comemorações, a pouca compreensão e valorização dos incontáveis significados e sentidos desse universo, revelados pelo tratamento exótico e caricato das referências à essas comemorações, reforçando a não comunhão diante do rico legado de experiências históricas desses homens e mulheres negras, e por extensão denuncia a intenção de que determinados grupos sociais até querem se aproximar dessas atividades, desde que elas assumam uma outra característica e conseqüentemente, outro sentido, atesta a perspicácia e a coragem contida nesse livro.

A forma de intervenção do pesquisador, na busca por fotografias, no melhor momento de uma entrevista, uma conversa e a construção de relações de confiança e respeito entre o pesquisador e os inúmeros entrevistados, que também entrevistam o pesquisador, para então abrir os guardados íntimos e dividir as lembranças, os valores que emanam das imagens, denota a persistência e o cuidado de um profissional preocupado com o tratamento dispensado aos detentores desse conhecimento, que poucas vezes ganha espaço para além das monografias de final de curso de graduação das instituições de ensino superior ou de algum repórter ávido por algo 'novo e diferente'.

Por fim, transparece, nesse estudo, a preocupação de Jeremias Brasileiro com a persistência do não tratamento sério e não, exclusivamente, determinado pela perspectiva européia ocidental capitalista de cultura. Pois o autor aponta a presença de diversos elementos culturais e históricos, presentes no interior das Congadas e dos diversos interesses no Estado de Minas Gerais que se aproximam, mas não se fundem, como o revelado em uma canção da Festa na cidade de Patrocínio "Pra Rei branco nunca vê/ o Rei Congo é nosso Rei/ o Rei Congo é nosso Rei/ outro Rei queremos não", que permite a compreensão de que há um incessante e histórico embate de valores, em que os registros, o tratamento e a manutenção respeitosa do conjunto de memórias dos homens e mulheres negras não foi efetuado.

Nesse sentido, de modo geral, a maior parte dos estudos, sobre as práticas sociais desse ou de outros grupos que encerram elementos que destoavam da forma européia ocidental capitalista (não sendo única no interior da Europa), que se espalha para alguns continentes, tenta impor-se de forma inquestionável e difusa, ora agregando valores, ora desautorizando, fossilizando formas, modos de se viver, terminavam por privilegiar a intenção contida no projeto europocêntrico de se viver. Por sua vez, os diversos termos extintos (finalmente alguns são retratados em um livro), os nomes das pessoas que dedicaram suas vidas a essas comemorações, transmitindo os segredos aos jovens de confiança, a todos os antepassados negros que possuem nessa obra um espaço, um veículo para que as crianças negras possam, na atualidade, olhar para o passado e saber que possuem lugares de memória, com sentidos e valores, fazem da leitura desta um singrar inconfundível de questões históricas de homens e mulheres negras, dentre tantas a serem tratadas, nesse mar de homogeneização, reforçado pelos tempos de (propalada) globalização.

Um trabalho de envergadura e responsabilidade, e, acima de tudo, questionador, mesmo quando as condições do estabelecido insistem e parecem afirmar, diariamente, nunca terem sido diferente.

Luiz Carlos do Carmo

*Mestre em História Social pela Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo e Professor da Universidade Federal
de Goiás/Campus Avançado de Catalão/GO.*

1 RENAN, E. "What is a nation? In HALL, Stuart. "Identidades Culturais na Pós Modernidade Rio de Janeiro. Ed. DP&A, 1997

1. Apresentação Conceitual

o Congado é um culto aos ancestrais de hierarquia superior, realizado por nações diversas, possuidoras de antepassados comuns e que através de danças, de percussões africanizadas, de cantorias antes venerativas somente ao Rei Congo e depois cristianizadas por influências jesuíticas, mimetizou-se ou paralelizou-se dentro da fé popular brasileira¹.

Hierarquia Superior - o sagrado respeito aos mortos para não decepar o cordão umbilical que os liga espiritualmente à vida por toda a eternidade. Culto aos Reis Rainhas e Anciãos; assim os congadeiros reverenciam com seus ritmos alegres, todos os ancestrais.

Nações Diversas - cada guarda é considerada uma nação distinta, ainda que possuindo as mesmas características de dança, de cantoria, de instrumentos e de indumentárias. Em Uberlândia há seis nações de Congos; quatro nações de Moçambiques; duas nações de Marinheiros; uma nação de Marujos e três nações de Catupés.

Religiosidade Afro - as primeiras cantorias possuíam uma linguagem às vezes incompreensível, pertencente aos cultos realizados nas tendas ou terreiros de candomblé.

Danças e Percussões africanizadas - além do culto, várias danças rememoravam nascimento de crianças nas aldeias ou palácios, a chegada das chuvas, as grandes colheitas, a saudação da primavera, o coroamento de um novo Zambi ou Soba (grande senhor) e o reconhecimento do Rei que chegando ao Brasil é recebido pelos escravos através de bailados reais, comemorativos e guerreiros; usando cantigas com dialetos próprios, providenciando fartas feijoadas para toda a corte do Rei Congo transformado em Rei Perpétuo.

As danças ainda dramatizam a histórica luta deflagrada pela nação Conga do Rei Cariongo e Príncipe Suená contra a Rainha Ginga Nbandi de Angola. Ginga do Reino Matamba. Segundo fontes do Reinado do Rosário em Itapeçerica, a nação do Congo declara guerra contra a nação dos Moçambiques comandados por Ginga Nbandi.

Mimetismo - para xinguilar - invocar os espíritos - o quimbanda ou feiticeiro, executava sua Kú - bungula - dança dos curandeiros - usando chocalhos de cascavel presos aos pulsos e pernas, aos sons do ngoma - tambor - e do dicanza - grande reco-reco de madeira.

No Brasil, o carimbamba - benzedor - mimetizava-se no principal dançador de Moçambique ou ia à frente de um terno de vilão, limpando os caminhos frontais e expulsando as cargas negativas que se encontravam nas esquinas. As gungas eram os chocalhos e dançar em volta do bastão estendido no asfalto era o mesmo que tentar transformá-lo em serpente.

2. O Negro diante da Ideologia Racial

A presença da Igreja na Festa do Rosário, as vezes acontece em dois momentos distintos, que tem o poder do padre (liturgia católica) e o poder dos negros (missa conga ou missa afro). Na missa oficial prevalece a liturgia comum e o coroamento dos Santos (São Benedito e Nossa Senhora).

Na missa conga é introduzido o vivenciar cotidiano do homem Negro; ofertório com rapadura, pipoca e fatias de pão, sendo a Bíblia levada para o altar através de um dançador que aos sons dos atabaques contagia a multidão. A primeira e segunda leitura possuem textos produzidos pela comunidade que reafirma sua negritude ou fala dos preconceitos sociais.

Gusmão diz desse conflito permanente que "...depois da festa, é o tempo do padre da Igreja oficial, uma "outra Igreja", com a qual identificam-se e, ao mesmo tempo não se identificam" (GUSMÃO,1995,p.93). Em Rio Paranaíba -MG , um "amplo olhar" possibilita ao observador atento desenovelar uma intrigante teia de relacionamentos aparentemente estáveis.

Os negros que antigamente habitavam a parte alta e baixa da cidade, estão agora encurralados com o crescimento do município. Não há democracia urbana ,a parte central é ocupada totalmente pelos brancos, sendo os negros habitantes das áreas brejeiras, altas e pontas delineadas para moradias populares. Nem por isso deixa de existir entre esses grupos negros com as suas residências perfiladas ou à distância de um grito, certas divergências pessoais com alguns membros da comunidade que segundo alguns: "ainda aceitam desaforo e fica sorrindo, escuta galhofa e dá gargalhadas, faz piada da cor para alegrar roda de amigos". Matoso diz ." homem preto depende absolutamente de sua" repersonalização" , de uma certa aceitação de sua posição no corpo social" (Ibid.,op.cit.P.172).

Gusmão afirma que" o processo de politização da " raça" passa pela exclusão, já que a troca de pele, embranquecimento, resulta das muitas tentativas de " integração social do negro no mundo dominado pelo branco e o conduz à alienação" (Ibid., 1995.p.231).

No congado é latente a existência desses emaranhados ideológicos e esse trabalho desenvolvido em nove capítulos, é apenas uma contribuição na tentativa de dar visibilidade real aos agentes históricos responsáveis pela manutenção dessa cultura que ainda existe em várias cidades de Minas Gerais e representa a força viva do povo negro no Brasil.

No Capítulo 1 abordamos a problemática da fé e de como essa chibata foi serva fiel dos Jesuítas e os conflitos surgidos desde o primeiro instante em que os negros começam a venerar seus ancestrais sob o disfarce da fé cristã.

O Capítulo 2 sintetiza algumas lendas a respeito de Nossa Senhora e de São Benedito, uma outra forma de ampliar o domínio cristão através da Companhia de Jesus - Jesuítas a serviço do colonizador - fazendo que negros aceitem o Rosário feito dádiva do céu e a escravidão como um caminho santo que os levaria ao paraíso da libertação espiritual.

O **Capítulo 3 , 4, e 5** tratam especificamente do Congado na cidade de Uberlândia, através do histórico textual e fotográfico será possível perceber que o mundo congadeiro é o plantão da resistência cultural do povo negro uberlandense.

O **capítulo 6** desvenda vários rituais que existiram ou ainda existem, mesmo que transfigurados em outros atos simbólicos. A sacramentação de alguns instrumentos congadeiros demonstra que além da unidade espiritual permanecer intacta , os negros souberam resistir ao massacre ideológico; as cantorias revelam uma característica dos antigos capitães que eram capazes de contar histórias através de versos simples.

O **Capítulo 7** aborda o congado em Rio Paranaíba -MG , uma lenda de negros escravos- Quintalião - e a força de Rosa Manca - escrava fugidia - faz que mito e realidade entrelacem-se na história congadeira rioparanaibana responsável pelo surgimento de grandes capitães que revelavam através de versos picantes (cantorias de ponto) , a falsa ingenuidade existente em dançadores conscientes do papel social reservado-Ihes na sociedade preconceituosa e ao cantarem" **eu não sou negrero,cria de ninguém"** alfinetavam os racistas à sós não assumidos e coletivamente arraigados aos mais antigos processos discriminatórios utilizados para excluir o povo negro da distribuição de renda no Brasil.

Em outros temos de congado no **Capítulo 8**, presencia-se a pujança regional existente através da festa do Rosário principalmente no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba . De Itapeçerica a Ituiutaba , essa cultura continua forte e renova-se constantemente para não perder sua referência africana.

Quase uma conclusão é o que traz o **Capítulo 9**,sinteticamente analisamos alguns fatos de outrora aliados a outros atuais para, mostrarmos que o Congado é mais eterno do que muita gente pensa; sua durabilidade continua superando prognósticos negativos e além disso, tentamos dizer que nem tudo nesse culto reflète a história oficial escrita por vários historiadores com apoio da Igreja Jesuítica.

¹ O Ritualismo Cristão está inserido no congado através da missa,da cruz e das imagens de santos católicos.



O Escritor Jeremias Brasileiro, diante da Igreja do Rosário de Miraporanga, construída em 1850 e em total estado de abandono pelo poder público até maio de 2001, quando então foi restaurada (23/08/2000, Arq:JB).



A Igreja do Rosário de Uberlândia que foi fundada em 1876 (Foto. Margarete Arroyo, 1996).

Capítulo 1

O INSUFLAMENTO À FÉ

1.1 - Surgimento do Congado no Alto Paranaíba

São Francisco das Chagas do Campo Grande - atual Rio Paranaíba cidade de Minas Gerais - possuía em 22 de junho de 1760, cerca de 500 habitantes.

Em 1763, a população aproximava-se de 1500 pessoas. Esse aumento constante era causa do fluxo migratório oriundo do Sul de Minas e é nesse ano que terminam a construção da Capela do Rosário, no entanto, só em 1844, oitenta e um anos depois, é concluída a Igreja Matriz, ficando a do Rosário destinada às atividades religiosas dos negros escravos, livres ou fugidos, geralmente do Sul de Minas.

Por volta de 1853, surge oficialmente documentos a respeito de escravos trabalhadores que já estavam na região desde 1628, a maioria registrada como garimpeiros. "Havia uma fábrica de ferro, pertencente ao Capo Francisco Mendes de Carvalho com 4 escravos para os trabalhos" (VARGAS, 1995, pp.31/34/103). A destruição de documentos - do Município de Rio Paranaíba - existentes no Cartório de Carmo do Paranaíba, pode ter comprometido para sempre, a história dos escravos trabalhadores em garimpos e fazendas do então arraial de São Francisco das Chagas do Campo Grande; esse município oficialmente reconhecido com o nome de Rio Paranaíba surge no ano de 1924.

Ainda no dia 01 de agosto de 1847, 50 pessoas estavam aptas a votar. Eram somente homens que possuíam renda mínima de 200.000 (duzentos mil réis). Entre esses privilegiados sociais, estava Manoel Joaquim Cabral de Melo, que se tomaria Barão de São Francisco.

Nesse ano de 1847, já existe evidência concreta do Congado. Eram grupos pequenos, constituídos de oito a doze dançadores, tendo como instrumentos principais, os tambores, reco-reco e pandeiros para os Congos e as caixas, conta de lágrimas e sementes dentro de pequeníssimas cabaças amarradas acima dos tornozelos ou servindo às mãos como chocalhos agitados pelos moçambiqueiros ou ainda os tamborins confeccionados pelos catopês.

Quirino, ex-escravo do Barão de São Francisco, mesmo em estado de saúde paupérrima devido à velhice, tentava acompanhar a Festa do Rosário que possuía como festeira oficial, Dona Albina Maria de Melo, filha de Manoel Joaquim Cabral de Melo.

Os festejos no arraial duravam dias, o mastro era erguido em um domingo e o seu descimento só ocorria no domingo próximo após uma semana de intensas festas realizadas no terreno em declive frente à Igreja do Rosário. Nesses grupos quase que africanizados, não havia nenhum dançador branco e mesmo assim, a única devoção permitida aos congadeiros através de seus batuques, era de entrega total a Nossa Senhora do Rosário.

A Igreja Católica proibia qualquer outro tipo de religiosidade e até mesmo os protestantes eram vítimas, sofriam perseguições absurdas quando tentavam instalarem-se no arraial. Por isso, os negros que evitavam adorar Nossa Senhora, sendo livres ou escravos, eram obrigados pelos donos de garimpos e fazendeiros, a usarem o crucifixo cristão; essa intolerância religiosa chegou a produzir o assassinato do Padre Francisco Goulart [vítima de emboscada em 04/04/1927], devido ao seu conservadorismo político contra os protestantes.

A hierarquia congadeira no arraial de São Francisco, contava com um Meirinho do Mastro, um Capitão do Povo, Rei do Bordão e o General ou Guarda da Coroa. Esse esquema facilitava a disciplina desejada pelos padres que através dela conseguiam controlar qualquer possibilidade de dispersão.

Entretanto, mesmo com esse rígido aparato opressor, havia o Sineiro do Rosário que ao anunciar nascimentos, mortes ou festas, intercalava entre essas badaladas notícias de fugas, roubo de diamantes e reuniões clandestinas.

O dicanza (reco-reco), espécie de bambu dentado e usado em tempos de Congo tinha origem africana e Sô Joaquim (Zé Mingau) cuja avó fora uma índia, era um participante ativo dos festejos negros ocorridos na Vila; Maria Joaquina, esposa de Sô Joaquim, bisavós maternos de Jeremias Brasileiro, juntamente com Francisco Mendes da Silva e Maria Conceição de Jesus - avós maternos; João Jerônimo da Silva - assassinado com tiro de espingarda ao abrir uma porteira, por causa de demanda envolvendo porcos que estavam destruindo sua plantação de mandiocas - e Brazilina Maria de Jesus - avós paternos - sempre viviam em sintonia com as atividades congadeiras em São Francisco das Chagas.

Esses motivos fizeram-me centralizar Rio Paranaíba como a representante congadeira do Alto Paranaíba. Além de ser o meu solo natal e o berço dos meus ancestrais, até o ano de 1995, conseguia reunir um expressivo número de temos vindos de todas as cidades vizinhas para participar da Festa do Rosário realizada no mês de outubro.

1.2- Aspectos do Congado no Triângulo Mineiro

Em se tratando de vastíssima região, optei por trabalhar o Congado na cidade de Uberlândia considerando algumas situações: mudança em definitivo de minha família no

ano de 1975 e uma necessidade interior de entender a família negra uberlandense que participava ao mesmo tempo de várias festividades ,como o carnaval, religiosidade, pagode e muitos até em Folia de Reis.

Despossuído de meios técnicos e percebendo que as pessoas mais antigas estavam morrendo sem deixar sequer um depoimento a respeito de suas vivências congadeiras iniciei sem contar com qualquer apoio, uma pesquisa de campo, através de uma observação sistemática, silenciosa, dos grupos de Congado em Uberlândia. Tinha pleno conhecimento de esforços anteriores. Embora importantíssimos, eles eram produzidos com intuítos universitários ou de funcionários públicos que naturalmente recebiam para realizar alguns projetos afins e não satisfazia os meus questionamentos.

Essa pesquisa parecia para muitos, impossível; queria produzir um trabalho sem ficar amarrado ao academicismo e ao mesmo tempo demonstrava certas resistências em aceitar como verdades alguns textos já escritos baseados tão somente em bibliografias antigas que generalizavam os festejos congadeirossem respeitar as suas especificidades regionais e locais.

Nunca foi fácil as tentativas de coletar principalmente as imagens fotográficas havia uma desconfiança justificável por temor de que eu fosse componente de algum temo uberlandense; a todo instante deixava transparecer que possuía uma alma congadeira e descobri mágoas antigas, orgulho político, desmotivação no entregar ao Município algumas fotografias raridades quase extintas.

1.3 - Do Distrito de Santa Maria ao Uberlândia Dois Mil

Há referências históricas de que em 1876, o Padre João Dantas Barbosa inicia a construção da Igreja do Rosário na São Pedro do Uberabinha e no ano de 1891 o Vigário Pio. Dantas incita o negro a participar das festividades religiosas em uma outra Capela erguida na Praça do Rosário, (PEREIRA, 1996,p.30). Em Miraporanga antigo distrito chamado Santa Maria - já existia uma Igreja do Rosário desde 1850. As construções das capelas em homenagem a Nossa Senhora não possuem uma história linear; haviam edificações que os padres levantavam na tentativa de reunir seu rebanho negro já disperso, que, dependendo da localidade escravocrata e da personalidade cultural dos escravizados, poderiam ficar vários anos, em total ociosidade e por fim desmorronar-se.

Portanto, empiricamente poderíamos captar esses conflitos e formularmos algumas hipóteses; seria realmente o surgimento de uma Igreja do Rosário em 1850 no antigo distrito de Santa Maria - atual Miraporanga - uma opção voluntária dos negros escravos ou livres? E se fosse apenas mais um engenho espiritual autorizado pelo Papa na expectativa de que seus sinhás cristãos pudessem forçar qualquer tribo de negros a testemunhar uma fé colonial?

Quando o próprio negro erigiu a sua capela ou lapidou a sua gruta entre rochas ele plantou seu ritual de fé. Filho de Orixá ou não, esse escravo reestruturalizou sua alma de humanidade espiritualizada muito antes do primeiro Jesuíta conhecer "poder do fogo."

Diante desses fatos, não seria nada ilógico afirmar que o Congado em Uberlândia possui raízes mais antigas; ele pode ser de 1851, se considerarmos o envolvimento do negro no levantar dessas capelas do Rosário, desde seus nascedouros e assumindo-as ao término da construção.

Entretanto, o distanciamento do negro dessas igrejas tornaria os seus rituais de fé desconsiderados historicamente ao não ficarem nas folhas dos livros de tombos da Igreja Católica. Tem-se às vezes a impressão de que o negro saiu da África e caiu no Brasil, desaparecendo no mesmo instante, quase que em passe de mágica. Tratados como seres vencidos, os pesquisadores da região em maioria absoluta, reservam-Ihes alguns parágrafos em suas páginas forjadoras de grandes nomes colonizadores da região.

N a realidade, a história do Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba, está congestionada de heróis. São patriarcas filhos do coronelato, os desbravadores com suas espadas abrindo corpos de índios e fazendo as picadas nas matas; ela está repleta de entrepostos comerciais, rota de diamantes, tropeiros de gado e traficantes de ouro.

E os negros unidos aos índios contra esses inimigos comuns? Índios Arachás Cataguás, Kaypós, Goyanazes, Caetés e Tapuyus? Ninguém acreditaria que esses agentes históricos povoaram a cantoria de vários capitães de congada. Ninguém acreditaria que tantos gestos corporais foram herdados desses homens e alguns ainda vivem escondidos em ternos mais distanciados da urbanidade fatal (Video,20/10/ 1991,Arq:JB).

1.4 - Cavalhada no Congado

Encenação que segundo o catupezeiro Ovídio, tinha origem nos tempos de D. João VI no Brasil; os padres temerosos das represálias que poderiam acontecer por parte da coroa portuguesa, tentaram proibir a coroação do Rei Congo e da Rainha Conga.

Ovídio dizia: "Aí uns padres com medo do bispo, mandá escondê o Rei e Rainha no meio da mata". E prosseguia: "E aí os congadero revoltá e pegá uns cavalo pra saí atrás dos Reis". "E aí quando eles encontrá os Reis no meio da mata, eles fez coroação deles e transformá eles em Rei perpétuo e Rainha perpétua, pra mostrá que eles num iam adorá o Rei de Portugal, que eles já tinham o Rei deles".

João Brasileiro acrescenta: "lá na cachoeira - município de Serra do Salitre-MG

- a gente reunia os cavalos um mês antes da festa começá e deixava eles na internada. Só no dia da apresentação é que a gente ia buscar os cavalos". E prossegue: "Ainda hoje essa tradição acontece, mais de jeito simples, que o povo novo não tem a fé que a gente tinha".

João Professor, como é conhecido o entusiasta professor de História de Rio Paranaíba-MG, diz que o Rei Perpétuo - Aristeu - também se escondia no mato e era procurado por uma turma de cavaleiros, que percorriam os campos de Rio ParanaíbaMG.

Foi em Patrocínio-MG no arraial dos Pedra - quando eu estava trabalhando em uma colheita de feijão, no ano de 1984 - que ouvi o agregado da fazenda Elizângela e Sr. Aurelindo - entoar alegremente uma cantoria que falava desses tempos de reis em matagais:

Quando Rei branco chegô
o Padrim mandô sumi
nosso Rei nossa Rainha
pra Rei branco nunca vê.

o Rei Congo é nosso Rei
O Rei Congo é nosso Rei
outro Rei queremos não
outro Rei queremos não"

1- dir/esq: em pé, o quinto: Jão Brasileiro; o oitavo: Francisco Brasileiro; o décimo terceiro: José Brasileiro; todos irmãos de Jerônimo Brasileiro e de Ovídio Jerônimo (1931, Serra do Salitre).



2- Cavalhada no Congado, ano de 1935 em Serra do Salitre, Minas Gerais.
(Fotos: doação de Antonio; filho de Francisco Brasileiro).

1.5 - Um Reinado Africano no Brasil

Segregados pelo racismo cristão, os escravos buscam na memória dos griots velhos detentores das tradições históricas africanas - uma forma de preservar aspectos básicos do viver antepassado em comunidade tribal e impossibilitados de freqüentar a igreja ariana brasileira, os negros aglomeram-se nos terrenos em volta das paróquias e criam ritos religiosos impregnados de dança, cantoria e festividade coletiva.

Em seguida redimensionam alguns valores culturais, instituindo um reinado capaz de reverenciar os espíritos dos ancestrais. Os reis, rainhas, príncipes e súditos desfilam em cortejo pelas ruas empoeiradas das vilas. O senhorio preocupado com essa forte veneração, tenta influenciar na escolha do reinado; um chefe que estivesse mais próximo da Sinhá, poderia servir de intermediário nas desavenças surgidas entre escravos rebeldes e feitores sanguinários.

1.6 - Os Festeiros no Congado

Festeiros são pessoas participantes do congado ou adeptos do mesmo. Eles ficam responsáveis pela organização dos festejos através de donativos e novenários antes da festa - e servir lanches ou refeições para os temos e comunidade nos dias que contecem o reinado congadeiro.

A escolha dos festeiros se dá de diversas formas:

Uberlândia tem as festeiras (Rainhas) e os festeiros (Reis) escolhidos através de coroamento realizado no ano anterior. Eliane Moreira foi Rainha Festeira no ano de 1999, realizou um farto lanche para os congadeiros e decorou o ambiente de tal forma que deixou os visitantes contagiados de emoção.

Na cidade de Rio Paranaíba, poucas são as pessoas que oferecem jantar ou lanches e quando o fazem é para pagar promessas.

Há os que são escolhidos quando conseguem pegar uma coroa de flores atirada no meio dos prováveis candidatos a festeiros do ano seguinte.

Existe cidade em que a igreja cobra um percentual do festeiro e o mesmo precisa se responsabilizar pela guarda de dois temos principalmente vindos de longe, fomecendolhes lanche e almoço e há os festeiros que se comprometem apenas com determinados temos, dos quais fazem parte são admiradores ou cumprem algum tipo de voto; eles participam da campanha - arrecadando donativos - e contribuem tanto com indumentárias quanto com a reposição de instrumentos danificados.

Capítulo 2

AS LENDAS DE SÃO BENEDITO E DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

2.1 - São Benedito na África

Benedito era um escravo africano. Antes livre conhecia os segredos dos temperos que satisfaziam o paladar de toda aldeia. Só que Benedito não podia ser um gênio. Escravo cozinheiro, alimentava todos à qualquer hora e lugar.

Seus algozes invejosos tentavam destruí-lo ao obrigá-lo cada dia ir mais longe buscar grandes quantidades de alimentos que um homem comum não conseguia transportar. Benedito partia e retomava em tempo. Tudo o que os senhores pediam, ele trazia. A comida sempre na hora e o tempero sempre igual.

Incapazes de suportar um escravo inteligente, resolveram queimar Benedito e sem querer transformá-lo, no protetor de todo negro.

2.2- São Benedito na Itália

Embarcado em Luanda - porto de Angola -, sob o jugo de correntes, Benedito é desembarcado em pleno solo italiano. A sua incomparável destreza no preparo de comida, fez que seu destino fosse a cozinha de um convento.

Ali, diariamente, Benedito alimentava todos os necessitados. Quando seus superiores ameaçavam fechar os portões por não haver mais alimento na despensa, Benedito chegava com seus grandes panelões e alimentava todo mundo, até ao último esfomeado.

Tentaram descobrir todas as artimanhas de Bené, como era capaz de alimentar durante anos, com a mesma porção de alimentos, os miseráveis que a cada refeição sempre apareciam em número maior. Em não conseguindo desvendar prodígio tanto reconheceram em Benedito a natureza do milagre, fazendo que após sua morte, fosse transformado em santo.

2.3- São Benedito, a Lenda que o Jesuíta Criou

A universalidade envolvendo as lendas em torno da imagem de São Benedito, demonstra o quão perfeito foi a sincronia entre os jesuítas e a escravaria no Brasil. Embora forjadas com o intuito de acobertar a forte resistência do negro às correntes coloniais, os mitos ainda permanecem vivos na memória dos congadeiros mais antigos.

O imaginário popular fez que através dos tempos, essas estórias fossem adaptadas de acordo com a região e a oralidade do contador. São Benedito, filho de escravos angolanos, nasceu em meados do Século XVI, em San Fratello, Sicília, Itália. No início do século XVII, ainda antes de ser considerado santo, já possuía devotos no Brasil.

2.4- Nossa Senhora no Mar

Na choça o negro escravo entoava seus cânticos de saudade e de revolta. Nos fétidos porões das caravelas assassinas, abarrotadas de seres humanos, só se ouviam silenciosos lamentos feito preces dirigidas a Nossa Senhora pelos que já estavam catequizados em pleno solo africano. Aos outros, de tribos distantes e culturas diferentes, só havia a possibilidade de acreditar espiritualmente na força de seus deuses.

Já na praia, açoitados, acorrentados e famintos, vendidos aos lotes pelos traficantes escravocratas, os escravos presenciavam a imagem de Nossa Senhora, a redentora.

E os homens brancos com seus instrumentos, não conseguiram retirá-la das águas. Os índios, os caboclos, fracassaram na mesma tentativa de recuperar a imagem sagrada.

Quando surgiram os pretos pés descalços, moçambiqueiros que eram oriundos de Moçambique, seus tristes tambores falantes conseguiram emocionar Nossa Senhora e por isso tomaram-se os seus escoltadores oficiais.

2.5- Nossa Senhora na Árvore

Os catequizadores brancos resolveram construir uma matriz homenageando "Nossa Senhora do Rosário. Nessa igreja de homens brancos, os pretos não poderiam entrar. Na tarde de inauguração, a imagem da santa foi transportada em andor, com uma festiva solenidade.

Em aísium (silêncio) os pretos pés descalços reuniram-se no alto de um morro entoaram seus cânticos lamentosos e fêz-se no instante uma presença iluminada de mulher a sorrir, sentada em um galho de Damuré (árvore sagrada).

Os pretos pés descalços acreditaram ser milagre de Nossa Senhora ao descobrirem ser a mesma imagem que estava no rico altar da matriz. A chibata correu solta, os brancos tinham certeza de que era truque dos negros, aquele misterioso sumiço de Nossa Senhora.

Sucessivamente esse mistério aconteceu. Os brancos buscavam a santa durante o dia e à noite ela retomava para a árvore. Cansados, resolveram construir uma cape linha sob a frondosa damuré. Noutra dia, uma nova imagem surgiu no altar da matriz e a que ficara no morro, ninguém conseguiu retirar, pois tomara-se tão pesada quanto uma grande pedra.

2.6 - Nos Sermões de Padre Vieira, a Força Ideológica do Rosário

As lendas de Nossa senhora, serviram para justificar com mais docilidade a escravização dos africanos. Em um de seus ideológicos sermões, o jesuíta Padre Vieira assim resumia a necessidade do chicote cristão:

"Assim, a Mãe de Deus anteendo esta vossa piedade, esta vossa devoção, vos escolheu de entre tantos outros de tantas e tão diferentes nações, e vos trouxe ao grêmio da Igreja, para que lá (na África) como vossos pais, vos não perdêsseis, e cá (no Brasil) como filhos seus, vos salvásseis. Este é o maior e mais universal milagre de quantos faz cada dia, e tem feito por seus devotos a Senhora do Rosário".E continua: "Oh, se a gente preta tirada das brenhas da sua Etiópia, e passada ao Brasil conheceria bem quanto deve a Deus, e a sua Santíssima Mãe por este que pode parecer desterro, cativo e desgraça, e não é senão milagre, e grande milagre".(In:Folha deSão Paulo,12/12/99/p.23).

Nesses sermões dirigidos aos escravos, Vieira fortalece a imagem do Rosário maquiavélico e bondoso, pois acredita que as suas coisas de Angola precisam ser pacientes com seus carrascos:"Quando servis aos vossos senhores, não os sirvais como quem serve a homens, senão como quem serve a Deus; porque então não servis como cativos senão como livres, nem obedecéis como escravos, senão como filhos" .

Esse sermão de Antonio Vieira para os membros da Irmandade do Rosário dos Pretos no Recôncavo Baiano ilustra a doutrina cristã da escravidão "que comparava a África ao inferno onde o negro era escravo de corpo e alma; o Brasil ao purgatório, onde o negro era liberto na alma pelo batismo; e a morte à entrada no céu."

Capítulo 3

O CONGADO EM UBERLÂNDIA

3.1 - Primeira Versão do Congado em Uberlândia

Ranulfo José Paulino - neto de Paulino Estevão da Costa - diz que: "Os primeiros temos de congado surgiram no distrito de Santa Maria - atual Miraporanga - . Foi de lá que nasceu o moçambique que antes não era aceito no São Pedro do Uberabinha". E continua: "Monte Alegre-MG, Centralina-MG e Itumbiara-Go, foram lugares que tiveram a festa levantada por vovô Paulino Estevão e ele era candieiro de carro de boi sempre disposto a incentivar toda a comunidade negra." Foi também um tempo em que os homens vestiam bonitas roupas confeccionadas manualmente e os gerais usavam as espadas reluzentes". E acrescenta: "havia orgulho dos congadeiros em desfilar na frente dos temos. Os mais antigos membros dos festejos, colocavam uma faixa no corpo com o nome da Irmandade do Rosário". Ranulfo finaliza: "uma outra situação muito comum era todos os temos passarem em um benzedor para limpar os dançadores e instrumentos."

"Essa proximidade com os centros espíritas fez crescer o preconceito social que considerava o congadeiro um praticante de feitiço. Certa vez uma senhora não deixou seu filho sair porque tinha visto a dona do temo entrar num centro de Umbanda, do qual a mesma era a chefe". Apesar de tudo, o negro uberlandense é muito forte e continua com a sua fé e não arreda o pé da Igreja do Rosário, ali ninguém toma mais da gente não, e o povo novo que vem chegando tem de saber dessa história também de outro jeito e não só aquela que os poderosos escrevem que eles tem dinheiro pra contar a história e espalhar do jeito que desejam".

Ocupar que seja duas vezes ao ano - no segundo Domingo de novembro e Segunda feira - o trecho da Floriano Peixoto a começar da Praça do fórum terminando na Igreja do Rosário e de noite realizar o percurso processional ; a conquista anual desses espaços dantes delimitados aos chamados "homens de cor" da cidade, faz que o coração de cada

congadeiro palpita orgulhosamente ao sentir-se o único de corrente cultural poderosíssima.

É assim que surge um canto novo qual grito guerreiro anunciando aos desejosos de sepultar rituais afros no centro de Uberlândia: "Ah Hu" A Igreja é nossa "Ah Hu! " A Igreja é nossa!. Esse uníssono - verso solto da garganta do Congo Camisa Verde quase perto da Igreja do Rosário em quinze de novembro de 1999, reafirma uma vez mais a resistência de um povo que arranca de suas entranhas cotidianas maioria miseráveis, o axé - força vital - que os mantém cabeça erguida em nova era milenar.

Ranulfo convicto afirmava que "o congado procede lá de Santa Maria (atual Miraporanga), desde que lá os escravos fundaram uma Igreja do Rosário", e seu argumento tem consistência uma vez que nessa região habitaram escravos que mais tarde vieram para as margens do Rio Uberabinha, habitando nas adjacências do atual Bairro Patrimônio.

Através de Ranulfo, fica-se sabendo dos litígios fundiários antigos e de como grandes famílias negras foram sumariamente espoliadas e depois desalojadas de suas casinhas de pau-a-pique e adobes: "é muita gente mesmo que ficou rica tomando o que era dos pretos pobres, as terrinhas que eles receberam sem papel passado em cartório e no fim os caras iam lá e registravam que nem se fosse deles e ainda tinha uns que ficavam tontos e assinava papel com o polegar, que era tudo analfabeto". Segundo Gusmão, "o festival e o papel em branco representam a 'escritura do abraço' com que o fazendeiro expande seus domínios: diz ser seu o que não é tomando possível a expulsão dos habitantes de uma terra (GUSMÃO, 1995, p. 121).

3.2 - Segunda Versão do Primeiro Tambor

Após intensa jornada de trabalho desumano, Velho André (sem referência fotográfica ou documental), com a sua resistência física aos frangalhos, recolhia do fundo da alma, os seus últimos movimentos corporais.

No canto da choça coberta de capim, um tambor de couro puro, aguardava mestre André. E todos os negros, até os mais de longe, circunvizinhos da região do Rio das Velhas e de Olhos D'água, deitados em suas esteiras de palhas esparramadas sobre o chão batido, ainda que com o corpo latejando só cansaço, ouviam os tristes sons surgidos através do tambor de Velho André.

De acordo com várias fontes, foi no ano de 1876 que essa história teve início. Nesse tempo esses homens escravos, estavam ansiosos pela liberdade e os mais velhos temiam pelos filhos revoltados que não queriam esperar a bondade de Princesa Isabel. Com a carta de alforria, todos dançaram por três dias, transformando o congado em data festiva e comemorativa. Esses festejos no entanto, celebravam os escravos que lutaram para pôr fim à escravidão e não para homenagear a Princesa Isabel.

A Princesa da Caneta de Ouro, foi construída aos poucos através de sutis sugestões ideológicas trabalhadas principalmente em cima dos crioulos - escravos nascidos no Brasil - considerados mais maleáveis que os radicais negros africanos.

"Ô mãe véia! Hoje vamo batê congo?" É assim que se expressa atualmente, em pleno ano dois mil, a criançada congadeira eternizando ideal de resistência do lendário Velho André.

3.3 - Santa Ifigênia Não Pode Reinar.

Uma vez por ano, os negros reuniam-se em um local que hoje é a Praça Tubal Vilela em Uberlândia-MG. Houve um tempo em que esses negros só podiam transitar no lado esquerdo da Avenida Afonso Pena, principalmente entre as ruas Olegário Maciel e Goiás. No cinema, um espaço chamado "poleiro" era destinado aos ditos "homens de cor".

Eles vinham de diversas regiões do cerrado, a pé ou em carro de boi; vários deles se encontravam perto do atual posto da matinha, outros no bairro Martins e alguns saíam do Bairro Patrimônio(contava Walter Inácio,zelador da Igreja do Rosário e falecido no início de 1999)

Selma Maria S. Souza - comandante do Marinheiro de São Benedito justifica a ausência de Santa Ifigênia no Reinado:

"No começo foi os marinheiros que acharam Santa Efigênia no fundo das águas do mar e aí levaram pra igreja e o povo começou abusar por causa da cor negra dela.

Triste por não ser aceita ela voltou pro mar e sem saber os marinheiros acharam ela de novo"."Só os marinheiros conseguia arrancá essa negra do fundo lá do mar (sic) e levá para a praia aonde o moçambique pegava e levava ela de volta pra igreja e como a ingratidão do povo era grande e os brancos não queriam uma santa negra, os moçambiqueiros encontraram na praia uma imagem de Nossa Senhora e levaram para a igreja e por ser de uma santa branca aí os brancos deixaram ficar ao lado do São Benedito e é por isso que em Uberlândia é quase sempre os marinheiros que abrem o desfile no dia da festa".

3.4 - A Capela do Rosário

Em Uberlândia - antiga São Pedra do Uberabinha - os negros reunidos na Praça Tubal Vilela, sonhavam em construir uma capela do Rosário. No distrito de Santa Maria já havia desde 1850 uma Igreja de" Nossa Senhora do Rosário, autorizada pelo Papa para que os escravos pudessem rezar. Era proibido a entrada de negros na Igreja Matriz dos brancos.

Waldomiro dos Reis diz que foi Manoel Angelina, o responsável pelo transporte sobre os ombros, de um cruzeiro de madeira." Ele saiu da Praça Tubal Vilela e o levou até ao terreno da atual Igreja de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito."As capelas não possuem uma história linear elas surgem sempre em momentos bons para os senhores de escravos,entretanto, negros erigem imagens em grutas e oram para os seus deuses de além mar.

O fator fundamental dessas Igrejas será o inevitável surgimento dos congos e moçambiques já existentes na clandestinidade, uma vez que cantar cânticos em condições desfavoráveis fazia parte dos escravos na lida dos canaviais, engenhos, cafezais e minas;

com ou sem igrejas essa forma cultural haveria de existir, principalmente longe dos olhos chicoteadores dos jesuítas.

Em Uberlândia, a Igreja do Rosário inicialmente levantada em 1876, ainda preserva sua característica original. Resultante de controvérsias, pois José Mendes de Oliveira, ex - Vice Presidente da Irmandade do Rosário, afirmava que o terreno onde se localiza a Igreja, era de seu bisavô; enquanto que o relato oficial informa da construção usando recursos dos escravos, fazendeiros e políticos locais. Esse espaço exclusivo aos negros escravos ou forros, serviu segundo alguns, "para esconder negro fujão", uma expressão dominante dos escravocratas que ainda permanece na mentalidade do país.

Esse esconder dentro das Igrejas, nada tem de fictício, várias confrarias ou Irmandades, construíam porões para abrigar os fugitivos e nesses tempos, José Mendes falava de negros que procurados pela polícia, entranhavam-se no meio dos congos e desapareciam, deixando os "farda" atordoados.

Essas artimanhas escravas transformadas posteriormente em lendas, ilustram a filosofia doutrinadora da Igreja-Jesuítica; à luz das interpretações mais realistas, é possível perceber que um grupo de congadeiros constituídos pelos pais, tios, irmãos, sobrinhos e parentes próximos, poderia perfeitamente proteger em seu interior, qualquer negro pertencente ao clã, pois seria complicado para qualquer perseguidor, distinguir perfeitamente o escravo fugitivo.

Em Miraporanga, a Igreja do Rosário de meados do Século XVII e as informações orais de alguns remanescentes dos antigos congadeiros, confirmam que os moçambiques surgiram nesse local, e só depois de quase cem anos é que começaram a participar do congado na São Pedro do Uberabinha. Esse é outro dado interessante no congado de Uberlândia; aqui os moçambiques já eram temidos desde 1850 e esse preconceito enraizou-se entre os devotos cristianizados que sempre consideravam os capitães como descendentes de feiticeiros.

Foi essa fama de poder que fez do Moçambique o temo com direito de entrar nas Igrejas do Rosário [especialmente em Uberlândia] e ainda defender corajosamente esse patrimônio, da sociedade capitalista que de tudo fez para transformá-lo em pó.

¹ Atual Monte Alegre de Minas, possuía direito sobre Miraporanga e depois de serem emancipados os distritos de Santa Maria (Monte Alegre) e de Uberabinha (Uberlândia), Miraporanga tomou-se espaço territorial de Uberlândia (20/11/1995).



*Esq/dir: Paulino Estevão da Costa, avô de Ranulfo José Paulino.
Em seqüência: Fiinha, Crioula e Joventina.*

*Primeiro esq/dir:
São Melquiades que saía de
Uberaba para dançar em
Uberlândia.*

*Primeiro dir/esq:
José Paulino (1940, doação de
Ranulfo J. Paulino em abril
de 1999).*



*O cimento cultural de uma jornada
congadeira; Vó Carminha e o seu tataraneto
Flávio Lúcio Júnior com as cores do Congo
Camisa Verde. Bairro Patrimônio, 1995.*

*Missa Afro realizada pelo
Padre Preguinho, na Igreja do
Rosário de Uberlândia em
novembro 1995. Arq. JB*



Capítulo 4

AS IRMANDADES DO ROSÁRIO

4.1 - Donos da Religião, Donos da Escravidão

Em 1441, já existiam escravos em Portugal- os Bantos - trazidos da Guiné e no ano de 1535 começa oficialmente a chegar ao Brasil, os negros vindos do Congo e de Angola. Inicia-se a cruzada catequista para cristianizar a chamada fé pagá e um dos principais artifícios será com o Rosário de Maria. Paulatinamente os escravos desenvolvem seus próprios rituais e em 1552, o jesuíta Padre Antonio Pires informa da existência de festivas procissões das quais participam somente os negros africanos de Pernambuco.

I Por volta de 1705 e 1706, o Padre Antonil viajando pelos vales de Minas, encontra ternos e uma Irmandade, na cidade de Vila Rica-Ouro Preto (In:Folha São Paulo,03/08/98.p.13).Em 1891, o vigário Pio Dantas Barbosa, preocupado com a evangelização dos negros uberlandenses, resolve alterar a estratégia política anterior; multa de réis e cadeia a s praticantes de -cultos afros e outras magias e começá a incentivar o retorno desses escravos ao seio da Igreja católica. *Assim*, as cerimônias congadeiras contam com os moçambiques do .Distrito de Santa Maria - atual Miraporanga' - e os congos existentes na cidad Pereira, 1996,p.30).

Mutu Uzuela o Kidi Kiê - a pessoa diz a sua verdade. As Irmandades do Rosário não poderiam tornar-se em um movimento de homens livres, ainda que em alguns lugares tenham contribuído de forma significativa para alforria e outras movimentações libertárias.O que as Irmandades demonstram é a capacidade organizacional do negro, sempre deixada em segundo plano pelos ideólogos da eugenia; agora "o escravo aparece como agente histórico fundamental, ele lutava por seus direitos tanto no dia-a-dia do cativo-implementando suas condições de vida, poupando para pagar sua alforria, fugindo-,como em revoltas sangrentas que conseguiram benefícios reais (In:Gazeta Mercantil,28/0112000,p.O2).

E foram os ex-escravos que criaram a Irmandade do Rosário e de São Benedito dos Homens de Cor em Uberlândia; enquanto registro oficial, traz a data de julho de 1916 e o nome de Irmandade do Rosário de Uberabinha e o seu primeiro Mordomo (presidente) foi Firmino José Martins, depois o Sr. Manoel Francisco.

A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário em Uberlândia, possui uma estrutura funcional complexa, além de ter uma presidência hereditária questionada, os temos só recebem carta de comando - espécie de ordem para participar dos festejos - se estiverem filiados à mesma, as guardas que conseguem registros em cartórios, participam do reinado sem o aval da Irmandade.

4.2- Da Diáspora Africana à Resistência Cultural

Os negros que chegaram ao Brasil, acreditavam em toque de tambor somente como ritual de liberdade, eles não foram arrancados da África, sonhando com tempos bons. Primeiro apareceu a garganta de ferro com a sua boca cristã, arrasando os plantios de inhame, mandioca, milho e mais; com as pastagens cheias de gado que sustentavam as aldeias, os reinados, os impérios e todos os tipos de hierarquias tribais. As doenças do branco dizimaram centenas de homens e crianças e a peste européia completou o processo de terra arrasada ainda antes da tropa colonizadora tomar para si o solo africano que parecia ser um mundo de ninguém. Depois da terra destruída surgiu o branco de paz; ele trazia um Deus prometendo céu vermelho, quem não aceitasse esse rei, era bucha pra canhão. E aquele que aprendera a sobreviver nas guerras tribais, mesmo sendo escravo de tribo maior, conseguia depois de algum tempo, ser livre e alojar-se no grupo outrora rival; esse guerreiro não estava preparado para o Deus colonialista, de lábia amiga, presentes brilhantes e promessas de amor.

E agora em Uberlândia (setembro de 1995) a primavera começa com os temos de congado da Irmandade saindo em campanha de peregrinação e fé; sob solou chuva os dançadores percorrem as ruas, principalmente dos bairros, alegres e ruidosos, chamando atenção das crianças e despertando a ira dos adultos semblantes fechados desejando por todos os meios ficar livres dos sons fortes dos tambore

Quem no dia vê os temos ricamente vestidos, sequer imagina o sofrimento que passam até chegar ao apogeu; quantos não e quantas críticas encontram nesses dias somente uma energia divinizada faz que todos suportem e renovem as esperanças anuais.

É um encontro coletivo de resistência cultural, temporada de vencer humilhação dos motoristas que não respeitam os dançadores, dos síndicos que ordenam fechar registro de torneira para impedir gente cansada de saciar sede das crianças; dos bacanas que freqüentam espaços sociais e se irritam quando necessitam passar entre as pessoas agrupadas em frente da igreja do Rosário.

4.3- Dos Espaços Geográficos Ocupados

Nos deslocamentos urbanos realizados por determinados grupos de congado, percebe-se que seus domínios territoriais podem estar em qualquer canto da cidade. O Moçambique Princesa Isabel certa vez saiu do seu quartel no Patrimônio, atravessou Avenida Rondon Pacheco, chegou à Igreja do Rosário; foi à Oficina Cultural, subiu Avenidas Afonso Pena, Monsenhor Eduardo, Maranhão, Floriano Peixoto, para descansar no Bairro Custódio Pereira. No retomo, cantando e tocando instrumentos, o Moçambique desceu pelas ruas do Bairro Tibery, Santa Mônica, Santa Maria, Saraiva e por fim chegou em frente ao Bairro Patrimônio e depois do jantai;partiu novamente, percorrendo um roteiro diverso daquele realizado durante toda a manhã e tarde.

Os espaços ocupados - residências - que um terno visita, são respeitados pelos demais, e esses lugares nem sempre fazem parte de uma região específica! Há congadeiros que saem dos seus bairros para realizar novenás e gritar leilões em casa mesmo vizinhas de outro grupo. No entanto, essa convivência fraternal depende da reciprocidade, pois certas guardas, ainda vivem de tal forma arraigadas aos costumes ancestralistas, que o simples bater tambor de um congo deslocado e sem afinidade pode ser interpretado como provocações gratuitas.

Ainda que essa territorialidade não esteja formatada apenas no espaço físico circunvizinho ao seu quartel, existe um complexo fator rememorando antigas fidelidades tribais ao clã em que determinado quintal quilombeiro permaneça associado Por isso o surgimento de pequenos conflitos originários em sua maioria devido às percussões agressivas executadas em ambientes desfavoráveis ao terno isitante. Contudo, sem a capacidade de desenvolver uma teia de contatos informais vários grupos congadeiros ficam estáticos, preservando apenas setores básicos necessários para uma sobrevivência anual, enquanto outros, conseguem aumentar gradativamente seus espaços culturais de ações religiosas.

4.4- Da Psicologia Preservacionista Congadeira

O tentar demonstrar indiferença quando da aproximação excessiva de pessoas desvinculadas de vivencialidade cultural congadeira, faz suscitar questionamentos genéricos: "vocês.não gostam de gente branca", "Vocês não gostam de misturar-se."

Sem conhecer às estruturas emocionais que funcionam à simples presença de um estranho, fica mais fácil simplificar. Acontece que essa resistência formal ao aproximar-se de pessoas possuidoras de mentalidades diferentes, surge em graus distintos nas personalidades daqueles que tentam preservar dinâmicas de trabalho, juntamente com o grupo social no qual estejam inseridos.

Uma pessoa negra pode lançar um olhar de ironia e desafio ao presentir alguém de faixa etária similar invadindo seu espaço social, tem-se temor quase inconsciente de que essa aproximação possa destruir alguns relacionamentos estáveis.

Esse ciúme interligado com a defesa territorial sempre é visto como atitude de orgulho ou preconceito e outra estrutura preservacionista está no elo familiar, cujo tradicionalismo histórico valoriza a família hierárquica; o patriarca ou matriarca como chefe principal. O respeito à memória dos mortos é constantemente lembrado, bem como as cerimônias em louvor aos mesmos; os idosos, adultos, jovens e crianças, originários de um mesmo ancestral convivem com todos os demais parentes, bisavós, avós, tios, primos de todos os graus.

Essa lógica intimista faz que as manifestações coletivas tenham uma importância psicológica essencial nas relações humanas, possibilitando o exercício de várias atividades quer sejam congadeiras ou fraternais. É por isso que não basta ser apenas um indivíduo simpaticante com determinado tema, apenas em épocas de congado para adentrar no seio do mesmo e conhecer suas entranhas. Contudo, o maior de todos os entraves emotivos a impedir nesse início de século vinte e um, o congo uberlandense de atrair turisticamente um grande público destinado aos festejos anuais, se deve aos conflitos entre os tamborzeiros de raiz e as emergentes bandas folclóricas [grupos de dançadores sem compromisso com o culto congadeiro].

Vários aspectos diferenciam essas guardas temporárias, dos temas tradicionais ausência de etnicidade real assumida e descaracterização do visual permanente através das indumentárias, as cores representam a moda do momento e os grupos surgem em qualquer lugar que seja oportuno, principalmente se existir a possibilidade do surgimento de equipes jornalísticas; há uma destruição da oralidade, pois que desprovidos de cantadores descendentes dos capitães mais antigos, a palavra é desprezada e se não fossem os instrumentos acompanhando as coreografias, grande parte desses blocos dançantes, seriam idênticos aos grupos de dança de folclóricos.

O ilusório aumento de participantes nos desfiles, empobreceria a Festa do Rosário, e esse argumento está na voz triste dos saudosistas temerosos quanto ao futuro da reinação se a mesma transformar-se tão somente em uma indústria cultural profana.

Essa guarda constituída de pessoas sexagenárias, sequer aceita discutir a inserção dos blocos dançantes ou bandas folclóricas em um desfile especial na noite de Sábado, ficando o Domingo e a Segunda Feira, para os temas ritualísticos e é isso que faz o festejo de Uberlândia sobreviver enquanto identidade étnica-cultural; o tradicionalismo está na essência do preservar alguns elementos fundamentais cores, instrumentos, indumentárias, cantorias, comidas e unidade familiar envolvendo todos os graus de parentescos conhecidos dentro e fora da linhagem cuja origem remonta ao primeiro escravo que fez da congada um ritual de resistência e fé.

Capítulo 5

5.0. OS TERNOS DE CONGADO EM UBERLÂNDIA

Felizmente surgiu-me a oportunidade de conhecer o moçambiqueiro José Rodrigues antes de terminar esse livro e o seu depoimento foi tão esclarecedor sobre certo espaço histórico do congado em Uberlândia, que resolvi em homenagem a todos os dançadores anônimos, inserir o vivencialismo de José Rodrigues um dos legitimadores da cultura congadeira e raro conhecedor de uma época que vai dos anos 40 até meados dos anos 70.

"(...) Uberlândia era só poeira, da linha mogiana para baixo, os ternos tudo tirava folia na casa do Sô Elias, era lá que todos comiam, aí foi que eu dei a idéia dos leilão, aonde modificou muita coisa. Antes vinha o terno com o alferes pra tirá folia e ganhava uns quinhentos réis, esse negócio de leilão fui eu que arrumei vendo uns filme de escravos vendidos em leilão e aí eu falei pros chefe, uai! porque a gente num faiz assim que nem no filme e arruma prenda prá leiloá. E foi assim que a coisa pegô. Até os capacetes, o modelo novo foi eu que arrumei vendo os filme de escravo lá no Regente e rto Paratudo, mas eu trabalhava mesmo era no Regente aonde todo mundo me conhecia como o Zé do Cinema e é assim que tem muita coisa de africano no congado e o povo usa e nem conhece(...)".

Emocionado, José Rodrigues revela inconscientemente, fazer parte de um legado histórico não reconhecido, ainda que tenha sido responsável através de idéias formatadas a partir de sua vivência dentro do cinema, quando aproveitava para captar natela algumas peculiaridades existentes nas indumentárias de personagens africanos e retrabalhá-las em seu mundo congadeiro, dando novamente vida aos adereços vistos nos diversos filmes.

"(...) Ali na linha mogiana, vinha, o Camisa Verde cantano; chuva vai/ chuva vem! chuva miúda! num mata ninguém. Eu era um menino assim de oito ano, aí o Sô Leônidas fez aparecê um enxame de marimbondo e esparramá os nego tudo, é que eles tinha de cantá verso de chegada assim; dona da casa nós vei visitá, dá nos licença pra nós entrá, mais não, eles cantô a chuva e o Leônidas soltô os marimbondo em cima deles(...)".

Após segundos de silêncio em que prantos ameaçam cair, José Rodrigues continua a rememorar seus tempos bons.

"(...) *Eu comecei a dançá nos Marinheiro, depois fui para o Camisa Verde fiquei uns tempos no Congo Sainha e depois vim pro Moçambique São Benedito de Belém. O Vicentão arrumou o primeiro Sainha, mas mudou para Barrancas e aí o Sô Rafael chegô de Tupaciguara e quis fundá um novo Sainha, mas teve de sê cum outra cor que o Saia do Vicentão era azul e eles pensava que um dia ele podia voltá e levantá o terno, mas o Sainha de agora [06/1112000J já usa cor branca e azul, mas no começo era só saia branca, homenagem que vem dos antigos, das paia africana (...)*".

Nesse trecho José Rodrigues confirma o quanto a cor era importante para qualquer temo e de como símbolos africanos estavam inseridos dentro do fazer cultural dos vários temos. Em seguida redimensiona o significado do Moçambique quando o mesmo sai sem dar as cacundas para a santa

"(...) *Os moçambiques entra na Igreja do Rosário é porque foram eles que tirou a santa da pedra, é que os congos ia e não dava conta, mas eles dava a cacunda pra ela e o Moçambique não, chegô e pegô ela e vei trazendo de fasto até chegá na Igreja, agora esse mundo de bastão que anda usando é bobagem, que o bastão cruzado, benzido, só os capitão pode usá, o resto é prá enfeitá (...)*".

José Rodrigues não consegue segurar a emoção ao falar dos antigos companheiros que se foram.

"(...) *Em Uberlândia tinha muito terno, mas aí os da Vila Martins separou com os da Vila Operária e ai os de lá foi acabano e os de cá foi ficano, dos de lá que acabou tinha o Camisa Amarela do Sô Vicente, o Boa Esperança, o do Osmar, do Sô Fidico, o Camisa Cor de Rosa, o Sô Protássio tinha um grande Moçambique junto com o irmão Ologir e ai depois do Ologir deixar o terno, o Sô Protássio arrumô de novo, mas depois que morreu, o terno acabô(...)*".

Além de relembra os temos e as pessoas, José Rodrigues reafirma o grande cisma congadeiro ocorrido em Uberlândia, assunto evitado pelos mais antigos e comprova a tese de que os sobreviventes foram os do lado de cá, da Vila Operária.

Enfim, algumas discretas lágrimas descem pela face, quando fala dos recentes e distantes amigos que morreram.

"(...) *Foi uns ano bão aqueles! Do Bastião da Donà Zefa ; o Dionísio; o Sô Américo; o Chico Cambão ; o Gardino; o Caixeiro Só Quindin (Jôao Romão) " O Zé Madalena ; o Jôao Adão ; o Só Ofício que vinha lá da Vila Fabrício em Uberaba, prá dancá aqui com a gente e depois a gente ia dançá lá prá pagá a visita dele, era um tempo bão aquele e esse ano a gente vai de novo cantá pra muito ancestral que foi, que levá os fundamento (...)*".

O Moçambique de Belém costuma entoar cânticos celebrando os antepassados que em suas épocas também cantavam para os seus ancestrs, reafinnando a cada geração, o

respeito às hierarquias espirituais que continuam através das cantorias presentes nos sentimentos dos congadeiros (Áudio,06/I 112000).



Congo Camisa Verde de 1950 (Fonte: Deny Nascimento).

1940, José Rafael ao lado da bandeira do Congo Sainha (Fonte: Dona Abadia).





Congadeiros e um encontro de Capitães na década de 1940 (fonte Sr. Ranulfo)



Tio Cândido, Comandante Geral da Festa do Rosário na Cidade de Uberlândia- MG.

5.1 - Ternos Extintos ou Inativos

Penacho - de acordo com Enildon Pereira e Ranulfo Paulino, esse foi um dos primeiros ternos existentes em Uberlândia.

Vilão - o popular Zé Bicudinho - primo de Grande Othelo - dançou nessa guarda que possuía uma cantoria alegre e envolvente.

Congo Cor Rosa - criado por Marcelino Machado, não conseguiu sobreviver por muito tempo.

Alaranjado - seus dançadores terminaram procurando outros ternos, na época sem estrutura, ficava difícil manter um terno de congado.

Congo Boa Esperança - Waldomiro dos Reis (Brigela), diz que esse terno era animado, tanto na cantoria quanto na dança dos seus congadeiros.

Emergência - criado para substituir ternos faltosos aos compromissos, era constituído principalmente de crianças(N arduchi, 1988).

Moçambique Branco - foi o Emergência, que Protássio trocou de nome. Protássio gostava de participar da festa do congado em Olímpia-SP.

Alvorada - situado no Bairro Martins quando ali havia uma capela de São Benedito,esse terno desintegrou-se e transformou-se depois em dois moçambiques;Princesa Isabel de Nestor Vital e o Pena Branca, atualmente nas mãos de Luiz Miguel e Geraldo Miguel .

Beira-Mar - formado por Tio Cândido e João Cabeçudo, tomou-se mais tarde o terno Santa Efigênia.

Camisa Cor de Rosa - criado pelo Sr. Miltão (Milton Ferreira), em 1971 foi registrado com o nome de Moçambique de Belém.

Azul e Rosa - fundado em 1988, por Enildon Pereira Silva, o Catupé Azul e Rosa encontra-se fora de atividade há vários anos. No mês de setembro e novembro de 1999, Enildon dançou como capitão no Marinheirinho de Nossa Senhora do Rosário, de Uberlândia-MG e em 2001 retomou com o Azul e a Rosa.

5.2- Características Principais dos Ternos

Ternos são grupos de dançadores com uma média de setenta componentes no Triângulo Mineiro e de vinte pessoas no Alto Paranaíba. Eles dividem-se em vários estilos, de acordo com a origem dos primeiros fundadores e da tradição familiar:

Moçambique - Esse terno surgiu com os pretos pés descalços,genuínos escravos africanos; de música e ritmo cadenciado, sua cantoria é profundamente religiosa e tem nos seus instrumentos básicos a zabumba, a patagoma , gunga, xique-xique, etc. O mastro só é erguido com a presença do Moçambique e em sua ausência, o terno de Catupé fica sendo o responsável.

Catopês - os atuais Catupês, aparecem ao mesmo tempo em que são criados os moçambiques e congos; a formatação dos catupês se dará através de cantorias cujos

dialetos lembram Angola e as danças de kalembe[críticas sociais] que surgem da influência do escravo angolano; as suas cantorias antigas diziam da vida dos negros:

- Orirá Kalungá [cantar em kalunga] - Makafo cansado num qué kurimá, makafo cansado, só qué requerá, (velho cansado não quer trabalhar, velho cansado só quer descansar).

- Canto Angola - Vim de ngola, golina vá dá, lá na zanzala, vá fazê tantan (vim de Angola, bebida vou dar e lá na senzala vou bater tambor); o catupé pode substituir o moçambique em seus compromissos e embora tenha surgido para representar o índio na maioria das cidades tomou-se impossível uma diferenciação, pois, as indumentárias indígenas foram substituídas por outras com detalhes mais africanizados.

Moçambicão - representa a árvore genealógica de um grupo familiar, bisavós avós, netos, sobrinhos, e somente os comandantes usam os bastões. O Moçambique original, quando adentra em uma residência para realizar cantoria de novenário, evita passar alguns instrumentos e materiais percussivos em baixo de um varal que esteja estendido no quintal; os dançadores fazem que esses objetos passem acima dos arames e ao retomarem sempre em processo de recuo sem dar as costas para a residência em cuja sala fica as imagens de Nossa Senhora e São Benedito, os moçambiqueiros repetem o mesmo ritual até chegarem à rua.

Congo - tradicionalmente é considerado o mais antigo de todos nos festejos, juntamente com o moçambique e os catupés; seu canto pode ser alegre ou triste e o ritmo musical alterna momentos lentos e rápidos dependendo da dança a ser executada, os instrumentos mais importantes são: caixa, tamborim, reco-reco, pandeiro e acordeon.

Marinheiro - A farda impecavelmente preparada, simboliza a organização coletiva e individual da comunidade. Suas características musicais são muito similares às dos congos e possuem muitos dançadores que gostam de um batido forte, diferente dos demais. A potência dos instrumentos faz estremecer o ar por onde passam, é uma enormidade de maracanãs (caixas grandes), ripiliques (caixas menores), surdos e chocalhos. Os marinheiros homenageam os mouros que utilizavam as marlotas vestuário idêntico a uma capa curta - para esconder as espadas e evoluírem como em formação de guerra, natendo fortemente os seus tambores; em Uberlândia recebeu o nome de Marinheirão. Além disso, eram reconhecidos pela expressão mar abaixo simbolizando a chegada ao Brasil, como escravos desembarcados entre as ondas que açoitavam as praias.

Marujos - Os cantadores de cheganças ao visitar os devotos. Seus primeiros cantadores narravam os dias de lutas das expedições navais cristãs, contra os mouros - islâmicos da Mauritània. Os dançadores descendiam dos caboclos - filhos de brancos e índios - que através de gestualidades, representavam os combates travados em pleno mar. No fim do século vinte, os marujos apresentam danças adaptadas aos ritmos negros e músicas entusiastas ao louvar seus Santos protetores; o Azul de Maio em Uberlândia, tem a sua cantoria de chegança, "eu sou do Azul de Maio, eu vim te visitá."

Penacho - a maioria desses ternos, executam apenas passos de marcação e utilizam várias coreografias, que são executadas pelo grupo que evolue em filas duplas.

Vilão - possui cantoria emotiva e alegre de acordo com o momento: chegada agradecimento, saída, encontro com alguém que respeita o terno. Sua dança retrata o combate da Rainha Ginga de Angola contra os portugueses e a luta dos mouros que são vencidos pelos cristãos.

Folia de Nossa Senhora - venera em versos sucintos, o poder da Virgem Maria, usando vocal melódico característico das folias de reis. A Indumentária é muito simples; chapéu enfeitado com fitas multicores; camisas amarelas; calça preta, azul ou branca e um alferes com a bandeira de Nossa Senhora do Rosário.

O primeiro capitão possui um tamborim e o segundo cantador se faz acompanhar de um violão e os demais componentes são: um sanfoneiro, quatro violeiros do lado direito e cinco pandeiristas do lado esquerdo, juntamente com um tocador de reco reco e outro de xique xique; algumas mulheres dançadoras complementam a coluna da direita.

Interessante salientar que essa folia apresenta-se qual uma guarda de congo durante o seu evoluir processional e quando cessa o seu movimento progressivo, iniciase harmonicamente através dos ritmistas, um inusitado foliar de reis junto aos breves responsórios de louvor a Nossa Senhora, (Video,20/1 0/1991 ,Arq :JB).

Camdombe - Francisco do Congo Sereno de Rio Paranaíba diz que o Camdombe era "formado com a reunião dos comandantes de outros ternos que realizava encontro de congado fora dos tempos das festas e usando tambores eles faziam a Guarda de Camdombe com a missão de louvar em cantorias; os espíritos dos ancestrais escravos que morreram lutando pela liberdade de todos os negros africanos no Brasil." (20/10/1991). .

É riquíssimo o ritual do congado e cada região desenvolveu estilos próprios de representações bem como nomear seus instrumentos com nomes desconhecidos em outros lugares. Se em Uberlândia há o tambor chamado Surdão, surdo e surdinho existe localidade em que os tambores são chamados de "**Jeremias, Santana e Santaninha**"; principalmente em cidades que possuem algumas Guardas de Camdombes.

5.3- Terno de Congado Sainha

"Existe desde a época do Sr. Elias do Nascimento, um dos fundadores e primeiro presidente da Irmandade. Antes, o Sainha era do Abadio e do Vicente e por problemas políticos na campanha do Tubal Vilela, o Sainha voltou pras mãos de Elias do Nascimento. O temo já chegou a possuir cerca de 120 dançadores.

O José Rafael, o José Justino e o Leônidas, pegaram depois o temo e com o abandono do Leônidas e falecimento do Rafael, o temo Sainha ficou comigo e *com* o Zé Justino. Muitos soldados agora capitão, passaram pelo Sainha que tem cores branca e azul clara e as sanfonas, caixas de couro, cuíca, violão, chocalhos e reco-reco *como* instrumentos mais usados", confirma Dona Abadia.

Além disso, os capitães do Sainha, juntamente *com* Dona Abadia, resistem aos avanços da modernidade e continuam fiéis às tradições do congo, que mantêm seu ritmo,

seu canto e sobretudo a sua fé. É um grupo de pessoas historicamente calejadas, capazes de viver sem os holofotes da vaidade.

Dona Abadia, octogenária de personalidade extremamente forte, conduz o *Congo Sainha* com os mesmos princípios herdados de seu falecido esposo - José Rafael. O temo relembra o canto tradicional dos primeiros escravos e o "modo peculiar de dançar dos negros e mais as toadas, onde se encaixam, aqui e ali, termos e expressões africanas, referências à escravidão, entoadas dentro do ritmo negro, quente" (NEVES, 1980, p.12).

Conhecido inicialmente *como* "temo dos saias", a *sainha* era indumentária homenageando a palha que sempre foi essencial na vida dos povos africanos.

A palha que cobre a cabana, vem desde o começo do mundo, servindo enquanto esteira, rede, corda e balaio para o povo negro (BRASILEIRO, 1998, p.3).

Na década de 1990, o *Congo Sainha* perdeu duas figuras tradicionais da cultura negra uberlandense: Eurípedes Bemar'des de Assis-"Mestre Negrão" e o entusiástico Walter

Prata-"Mestre Capela"(personalidade carismática em todos os setores sociais).

Ambos, foram vitimados por fulminantes ataques coronários; "mestre negrão" em frente da porta principal da Igreja do Rosário em dia de festa e "mestre capela" em um baile afro, antes do pagode começar. Os dois faleceram em plena atividade, fazendo o que mais adoravam.

José Eustáquio, herdeiro da patente (direito de comando) do *Congo Sainha*, acredita que poderá dar continuidade ao trabalho desenvolvido desde os tempos mais remotos do Século XIX.

Para José Eustáquio, "o *congado* em Uberlândia é um culto religioso que tem alguma coisa de folclore, não muito, mas já tem e antes não tinha e a gente precisa mesmo avançar, mas sem perder o passado, os antigos, a tradição". Zezão possui propostas para o novo milênio e elas entram em conflito com o pensamento da velha guarda entrincheirada no *Congo Sainha*. Eustáquio deseja um tempo de independência sem ficar preso ao poder público; quer ser valorizado durante o ano, quer trabalho social, quer emprego para os desempregados, quer fazer do *Sainha*, "um espaço de luta em busca de dias melhores para os seus *congadeiros*."

De certa forma, esse embate entre os noviços capitães e os últimos depositários fiéis de uma histórica tradição cultural negra, prenuncia uma ruptura da tênue fronteira que separa os valores de ontem em relação àqueles que desejam produzir futuros diferenciados dos seus ancestrais.

Mário Antônio é outro *congadeiro* veterano e no ano dois mil completou quase meio século de *congado*. No *Congo Sainha* desde os dois anos de idade, Mário conhece *congada* e relembra de fatos históricos que sobreviveram à margem dos relatos oficiais: "Um dia quando a gente ia pra uma cidade da região, começou a cair uma grande chuva e eu nunca esqueci da imagem do Zé Madalena e do Sô Rafael dançando em círculo na carroceira do caminhão e aí nenhum pingo de água caía naquele lugar e quando o caminhão passou, Zé Rafael foi mais lá pra frente e com uma reza forte, acalmou a

tempestade e a gente desceu do caminhão e nem mais chuva apareceu enquanto o Zé Rafael estava no comando do temo".

" Doutra vez aconteceu ali perto do Mercado Velho,na Getúlio Vargas,a gente era novo e Zé Rafael me passou o bastão pra junto com outros colegas ir buscar um reinado que estava lá no Bairro Roosevelt e quando chegamos perto do Mercado, uma forte chuva alagava tudo e o grupo retomava para o quartel sem trazer o Rei e a Rainha. Na segunda vez que isso aconteceu, o Zé Rafael foi com a gente e ao chegar no local da chuva, ele desenhou um risco no chão com o bastão e mandou a gente passar. Quando chegamos no local para pegar o reinado, ficou todo mundo surpreso que ninguém queria acreditar que a gente havia conseguido segurar a chuva, mas quem segurou mesmo foi o Sô Rafael."

" Eu nunca pensei em ser Capitão porque isso demanda tempo, ensaio,preparação e eu achei melhor ser um Caixeiro Capitão, isso eu gosto de fazer, foi a missão que Zé Rafael passou para mim".



Esq/dir: Vantuir, José Rafael e Nêê Albino (década de 1940). Fonte: Congo Sainha.



Congo Sainha na LINHA
MOGIANA ,década
de 1960
(Fonte: Congo Sainha)



Dona Abadia e Dona Amélia, as estruturas femininas do Congo Sainha e as meninas da Bandeira e do Estandarte, que somente deixam essas funções quando resolvem casar (Fonte: Congo Sainha).





Congo Sainha em uma fusão de dois mundos congadeiros: os remanescentes de um tempo glorioso e as crianças do novo milênio (14/11/1999, Arq:JB).

5.4 - Congo Camisa Verde.

Tendo as cores verde, amarelo e branco em homenagem à Bandeira Nacional, o Congo Camisa Verde é um dos temos mais antigos de Uberlândia, juntamente com o Congo Sainha. A história de ambos se confunde. O congo se orgulha de ter tido o melhor caixeiro de frente de todos os tempos: o memorável José Rugo. Foi uma época em que os "adufus"(pandeiros)- com suas tampinhas de garrafa - corriam soltos nas mãos dos congadeiros pandeiristas.

Um dos saudosos e entusiásticos comandantes, foi José Mendes, que na década de 1980, criou o Moçambique do Oriente. O temo teve grandes sucessores desde a década de 1930 e entre eles destacam-se: Elias Francisco do Nascimento (fundador e filho de Manoel Angelino); Manoel Adão, José Davi, José Alves e Deny Nascimento, bisneto do Sr. André. O temo possui média de 120 elementos.

Já na década de 1980 o comando esteve com Carlos Nascimento que mudando de Uberlândia, passou a chefia para Edson Nascimento e esse ao desentender com as hierarquias superiores, foi afastado e durante sete anos "o Camisa Verde desceu a avenida duzentos metros atrás dos demais congadeiros", (NARDUCRI, 1988, p.09).

Paulo César, Rubens Assunção, Custódio José e o Silvio Donizete, foram capitães de um novo Camisa Verde, mas com o retomo de Carlos Nascimento na década de 1990, o temo reintegrou-se à Irmandade do Rosário, tomando-se novamente único, superando as dissidências. Todos esses conflitos internos propiciaram o surgimento de outros grupos e no ano dois mil, o resultado é de em Uberlândia existirem dezesseis guardas de congado, das quais, está Rubens Assunção com o Azul de Maio e Silvio Donizete comandando o Verde e Branco.

Maria Rosário de Fátima Nascimento e seus filhos, continuam com o Camisa Verde em atividade, e os instrumentos são: pandeiros, caixas, tamborins, reco-reco, chocalhos, viola, violão, cavaquinho e cuíca. Por vontade existente no espírito matriarca da família - Dona Fátima - os subordinados conservam vários dos elementos que faz o congo sobreviver diante da modernidade. O ritmo envolvente dos dançadores é determinado pelo percussionismo fiel oriundo das mãos hábeis de todos os instrumentistas.

"Ah Ru! A Igreja é nossa! Ah! Ru! A Igreja é nossa!"; com passadas sempre fortes gestualidades corporais renovadas, ritmos africanistas denotando crítica social, o Congo Camisa Verde deixou seu recado no ano de 1999, àqueles que procuram destroçar congada através dos espaços cada vez mais afunilados ao redor da Igreja do Rosário.

E isso é o cimentar de gerações perpetuando-se através de herança étnica tão necessária para a sobrevivência do povo congadeiro, pois o temo sempre esteve na linha de frente ao defender seu território cultural.

Sendo um grupo próximo ao centro que vivencia um rápido processo de aburguesamento sociocultural e quase sob a sombra de gigantescos complexos econômicos privilegiadores do fazer cultural elitizante; o temo Camisa Verde parece hibernar durante meses, qual negro urso que conhece a sua força, pacientemente

aguardando o segundo domingo de novembro, quando os tambores explodem seus sons resistentes e das gargantas se ouve um grito de vida , "ah! Hu ! a Igreja é nossa!.

E os ecos desse renascer anual, invadem as principais avenidas da cidade, principalmente as centrais: Floriano Peixoto, Afonso Pena, Cesário Alvim e a Rua Benjamin Constant, fechando um ciclo que começa na Rua Prata, indo até à porta da Igreja do Rosário.

Congo "Camisa Verde"
na época em que utilizava
tambores e pandeiros de
couro legítimo
(década de 1940,
Fonte: José Renato).



Esq/dir: o sanfoneiro Jerônimo Coelho; em seguida, José Mendes e o Caixeiro de frente José Hugo, verdadeira unanimidade entre todos os congadeiros. (Fonte: José Renato)

Sô Chico e seus filhos
(José Renato e Amauri)
no Congo Camisa Verde
– década de 70.



5.5- Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário

Foi organizado em 1921 pelo Sr. Elias do Nascimento, esse Marinheirinho surgiu de uma divisão com o Congo Camisa Verde. Assim, os maiores de quinze anos dançavam no Verde e os menores ficavam no Marinheirinho; no ano 2000 estava com 65 dançadores.

Dona Dolores - atual comandante do temo -, diz que iniciou a sua caminhada no congado carregando fita no Congo sainha. Depois disso, foi promovida a guarda de Bandeira e aos quatorze anos tomou-se Madrinha de Bandeira, só deixando a missão aos dezessete anos, para poder casar.

Usando camisa azul marinho, calça branca, lenço branco e faixa amarela como suas cores principais e tendo nos instrumentos o maracaná, surdo, surdinho, surdão, chocalhos e ripiliques, o Marinheirinho percorre várias cidades do Triângulo Mineiro e do Alto Paranaíba, participando dos festejos congadeiros.

Dona Dolores diz sentir "um aperto no coração, uma felicidade imensa, tudo em volta parecendo luz, quando o temo ao sair do quartel todo brilhoso, vai para a rua preparando para o reinado, é tanto negro em volta nesse dia, que a gente sabe que vale a pena lutar por nossa cultura de raiz e das coisas que mais me alembro desde assim pequenininha quando eu vinha da roça com o meu pai para ver a congada, era dos capitães que seguravam aqueles bastão grande e enf ítado, aquilo era a força sobrenatural deles, a gente tinha até medo de chegá perto, eles aparecia que nem africano antigo, com roupas

coloridas e um monte de colar no pescoço, e depois eu aprendi que ali dentro do bastão eles escondiam os segredos de poder, coisas que os escravos usavam para recordar a vida livre, cheia de canto, de dança e festança lá na África" .

Essa força de mulher que o masculino não quer ver está sempre representada no reinado de Uberlândia ou dele participa decisivamente. Neste novo milênio, as mulheres serão a existência da congada em diversas oportunidades de novos rumos que deverão surgir no congo uberlandense.

"Esse marinheiro vem, vem lá do meio do mar, desce na ponta da onda e no meio da praia começa a dançar" ,essa cantoria retrata a origem dos marinheiros que chegam do alto mar para fazer da praia o primeiro espaço ritualístico de fé.

No depoimento de um capitão marinheirinho, há uma crítica em tom de desabafo"eles não respeitam a gente de jeito nenhum, lá no Ituiutaba em 1998 na Festa do Rosário eles (o terno grande) vieram pra cima da gente com tudo e aí a gente teve que mostrá firmeza que se não eles passavam em cima de náis da gente e dos outro pequeno também, sô (sic)." Atravessar o caminho de um terno é considerado gesto de ofensa e provocação,"a gente canta e dança sem ofender ninguém e esses ternos grandão nem precisavam fazer nada disso, o nosso terno é pequeno, é verdade, mas é tudo gente boa e se preciso a gente também levanta o bastão pra mostrar que os marinheirinhos é gente vivida que muito sofreu no mar e aí pra gente não existe cara feia que dançador de outros ternos tentam fazer pra gente".

Interessante ainda no Marinheiro de Nossa Senhora é a participação das pessoas em outras áreas culturais, Dona Dolores já teve bloco de carnaval, fanfarra de futebol e os garotos do terno arrumaram no ano dois mil um grupo de pagode com o nome de "Kicharme" e é justamente essa diversidade a responsável pela manutenção e segurança do grupo que estando unido em vários momentos, terminam criando laços de afetividade e defesa de seus ideais de uma forma mais solidária e organizada.

Todo esse agrupamento familiar é geralmente constituído de elementos em plena adolescência, netos e sobrinhos de,Dona Dolores, que fazem do quartel do marinheirinho o local de ensaios do grupo de pagode, tornando a casa da "vá," um santuário de reuniões que atravessam os finais de semanas; sendo único lugar de referência para todos os seus membros, congadeiros ou não.



Meninas do Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário.
Bairro Santa Mônica, 1996. Foto: Margarete Arroyo



5.6- Moçambique Princesa Isabel

Fundado em 1967 no Bairro Patrimônio pelo Capitão Stoniques, o nome anterior era Moçambique Alvorada. O temo possui quatro Capitães e tem a participação de noventa e seis crianças de sete à quatorze anos. Seu surgimento foi consequência de um desmembramento do Alvorada, que transformou-se em dois grupos. Geralmente as grandes guardas de Moçambique possuem um capitão Atrevido e embora pareça não ter responsabilidade, por causa do nome, é um dos mais necessários ao temo, um disciplinador que observa todos os detalhes e na falta de um membro o "atrevido" é o substituto imediato.

Fincado no coração do Bairro Patrimônio, a história do Princesa Isabel se integra à vida real da comunidade negra que há séculos sobrevive nesse espaço por muito tempo marginalizado pela sociedade uberlandense. Vital diz que o congado é "culto aos ancestrais" e na década de 1980 o seu moçambique usava uma indumentária discreta: oja azul, camisa branca, fita azul na cintura, saiote azul-claro, calça branca e tênis branco. Para demonstrar sua energia, Nestor Vital já protagonizou cenas antológicas, em certa festa, ele foi o primeiro a chegar e reivindicou o "direito de mastro" provocando um conflito com outros capitães de temos.

Esse direito de origem primitiva demonstra o quanto o totemismo integrou-se no espírito humano; o mastro representa uma simbologia totêmica lembrando os tempos em que os homens cultuavam imagens esculpidas em madeiras.

Nestor fala das cantorias em "gegê", "nagô" e "kêto" que são nações africanas instaladas no Brasil nos primórdios da escravidão. La Porta afirma que os totens são considerados como ancestrais do grupo, de modo que participam do sistema de parentesco dos clãs, tribos e etnias e mesmo o fundamentam simbolicamente (PORTA, 1979, P.34).

Observando o Moçambique Princesa Isabel, é possível sentir a iniciação congadeira natural em todos os temos, o aprendizado dos ritmos acontece dentro de um vivencialismo mental que se inicia muito antes; é um ideal já concebido no ventre materno, quando membros de um clã projetam a perpetuação desse legado tamborzeiro através dos seus futuros filhos, netos, bisnetos, sobrinhos, primos, irmãos, etc.

Moçambiqueiro arredio, Nestor evita fazer apresentações esporádicas e recusa insistentes convites, demonstrando certa indignação com aqueles que consideram o congado apenas um "folclore católico". Nestor acredita que ficar o tempo todo fazendo "graça" para gente que só se interessa pelo congo para realizar suas pesquisas, vai prejudicar o ritual pois, comenta Nestor: "quanto mais a gente ficar fazendo essas graçinhas pra esse povo, mais eles vão dizer que tudo nosso é folclore e num vai respeitar a gente nunca".

Para essa antiga geração de congadeiros, os temos atuais se infiltram na congada sem possuir uma linhagem secular, sem dramaticidade na dança, na música e no envolvimento coletivo com a comunidade e tudo isso acaba sendo um dos maiores problemas ocorridos nesses grupos cujos donos não comungam de uma territorialidade verdadeiramente enraizada nos fundamentos congadeiros .

Esses temas que apresentam muita "indumentária e falta de tradição, são os que mais gostam de sair apresentando em qualquer lugar da cidade, principalmente os mais novinhos que ficam doidos para aparecer." Já faz algum tempo que essas bandas emergentes tem sido motivo de preocupação dos mais centrados na história do congado e de certa forma o real motivo nada mais é do que um conflito de gerações; os jovens querendo mudanças e os velhos resistindo a qualquer tipo de alteração que talvez possa influenciar rapidamente no comando e ordenamento dos festejos uberlandenses.



Quartel do Moçambique Princesa Isabel (Década de 1980.
Fonte: Nestor Vital)

5.7- Moçambique Pena Branca de Nossa Senhora do Rosário

Teve em José Sebastião um dos seus primeiros capitães e na Vila Martins, na década de 60, iniciou sua trajetória moçambiqueira. Atualmente possui em Geraldo Miguel - considerado referencial de vida por seus familiares - o comandante geral que ainda faz do Bairro Patrimônio, o seu local de encontro. A cor unicamente branca simboliza a paz e as centenas de crianças que começam a partir do primeiro ano de vida, demonstram o quanto o fazer cultural familiar está inserido na comunidade Pena Branca.

É justamente esse ajuntamento de parentes em volta do carismático Sr. Geraldo Miguel, que consegue aglutinar a juventude e trazê-la para dentro do Moçambique Pena Branca. As mulheres grávidas ensinam os primeiros ritmos para seus filhos em gestação."As crianças de colo e aquelas que ensaiam engatinhar, já se predestinam à música, ao se dirigirem diretamente para os locais que guardam os instrumentos do moçambique .

Para Luizão, o generalato no Moçambique foi uma tentativa de reconstruir a ordem hierárquica existente nas tribos africanas e que fora rompida com a escravidão,"daí advém o nosso jeito de colocar o ancião no topo da ordem." Geraldo Miguel é o chefe marechal dos marechais e personagem maior do temo, com a sua alegria juvenil e dançador desde os cinco anos de idade, chega em dois mil ,com oitenta e sete anos de disposição incomum dentro do seu mundo de fé, com uma espiritualidade capaz de envergonhar os materialistas universais, vivenciando cada instante tamborzeiro de uma forma extraordinariamente fiel aos seus ancestrais.

Associado ao nome de charqueada-Geraldo Miguel-o Pena Branca desenvolve seu ritual de fé e resistência negra de forma tradicional, mantendo anualmente a sua cantoria e o ritmo das patagomas e tambores, contudo, há outro fator que precisa ser considerado; a sujeição de alguns componentes do temo que durante anos foram espoliados pelos políticos e a consequente miséria social bem próxima de várias pessoas. Em uma noite de festejamento dos cem anos do Bairro Patrimônio, um senhor disse uma frase singular,"**para os negros esses políticos prometem ajuda de cultura ano que vem e para os brancos eles fazem compromissos de emprego já."**

Essa relação de dependência é o maior dos desafios a ser vencido, já que ninguém deseja promover a liberdade sócio-cultural do povo congadeiro e paça mantê-lo na subserviência, surge sempre as promessas de migalhas, enquanto as chamadas "elites culturais" recebem todo o apoio possível.

A família Pena Branca, inserida no contexto mais amplo do fazer cultural afro em Uberlândia, Futebol, Folia de Reis, Roda de Samba, Carnaval, Religiosidade, está naturalmente em seu despertar silencioso, percebendo o quanto foi maléfico depender por quase uma vida, das armações politiquieiras arquitetadas nos porões sociais de quem sempre deteve o poder da mais valia.

A visibilidade integracionista que o branco- poder político, poder social, poder econômico, poder educacional e principalmente poder de imprensa -oferece ao Negro e o

negro congadeiro é o mais Negro de todos os negros uberlandenses; é justamente de que esse ser humano Negro deixe de sê-lo pelo menos nos espaços políticos, sociais, econômicos e de Imprensa Brasil. Se os integrantes do Moçambique Pena Branca não se politizarem, a tendência será de permanecerem nos guetos sendo apenas objetos de curiosidade e de pesquisa, mas continuamente despossuídos de bens concretos, recebendo "creadinhas" de incentivos políticos em tempos eleitorais.



Instante espiritualista de Geraldo Miguel
Fonte: Moçambique Pena Branca.

Década de 1940,
Congo Sainha no Bairro Saraiva



Os primeiros Presidentes da Irmandade do Rosário de Uberlândia, Elias Nascimento (em pé) e Manoel Angelino.
Década de 1940 (Fonte: Deny Nascimento).



Camisa Verde na Avenida João Pessoa,
década de 1970
(Fonte: José Renato).



5.8 - Catupé Nossa Senhora do Rosário

Sua existência vem dos princípios de 1906 em Salitre-MG. O fundador foi Sebastião Afonso e em Uberlândia participa da festa há mais de vinte e cinco anos; o terno popularmente conhecido como azul e branco, vem atravessando gerações. É constituído por uma média de oitenta e cinco componentes.

Os instrumentos básicos constituem-se de tamborins, caixas e chocalhos. A guia do terno leva à frente um ganzá - canudo contendo grãos que se agitam cadenciadamente ao ritmo de certas danças.

Imagino Walter Inácio a caminhar quando mais jovem de Salitre a Serra do Salitre em Minas Gerais. E agora todo cheio de cansaço, com os pés estupidamente inchados de percorrer a pé, a terra asfáltica, saindo do Bairro Dona Zumira e chegando ao degrau da Igreja do Rosário, para abrir as pesadas portas de madeira.

Reclama de não ter passes de ônibus, dos políticos que só aparecem em anos bons de voto e senta e sem fôlego, me diz: "num sei mais que fazê não!". Esse foi Walter Inácio, soube com responsabilidade sustentar no eito da história o congadismo incapaz de ser decepado por qualquer foice preconceituosa; ele conseguiu manter-se longe do cuitelo da indústria cultural e enquanto esteve vivo, fez que a ancestralidade rítmica herdada dos seus avós, continuasse sendo referencial do temo aonde quer que ele fosse.

Nos aúreos tempos desse Catupé em Salitre-MG, as campanhas eram realizadas nas fazendas e as vezes sob chuva, chegava-se em detenninada casa e fazia uma hora de

cantoria para receber algumas prendas: "creadinhas de arroz", "café em coco", mas de vez em quando "Nossa Senhora ajudava e aparecia um fazendeiro que de bom humor, doava galinha, porco, novilha e até vaca". Em Uberlândia, as minguadas prendas são leiloadas pelos próprios componentes dos temos e as visitas continuam mais para manter um ritual, ficando os donativos em segundo plano.

Essa fé cíclica a renovar-se constantemente cada vez que acontece um reinado em Uberlândia e região, mantém acesa a chama de uma possível continuidade congadeira e o Catupé, na ausência corporal de Walter Inácio, passa a ter em Shirley uma representante autêntica para vivenciar a devoção aos Santos e ao mesmo tempo fortalecer o elo de unidade familiar entre todos os componentes.

O Catupé possui vários caixeiros de frente que conseguem passar ao grupo um ritmo entusiasta e dançante, fazendo que as meninas com o estandarte realizem suas evoluções sincronizadas e o restante dos catupezeiros saltitem freneticamente sem se importar com o espaço disponível.

E esse jeito frevístico, carnavalesco, suscitou em vários congadeiros, as frases de teor mais crítico: "isso é bati dão de carnaval", "parece bateria de escola de samba"; a inovação no congado, sempre produz conceitos favoráveis nos mais jovens e contrariedades nos capitães sexagenários.

Na Festa do Rosário do ano dois mil em Uberlândia, o Catupé sob o comando de Shirley, manteve a percussão original durante todo o cortejo realizado na parte da manhã e à noite, lembrando os tempos do Sr. Walter Inácio.



Walter Inácio (Arq:JB,1997)

5.9 - Congado Nossa Senhora do Rosário Catupé

De cores branco, rosa e faixa azul, tendo como instrumentos principais o surdinho bandolin, acordeons, ripiliques e chocalho, traz sobre a cabeça uma coroa de conta de lágrimas. Fundado em 1954 ao lado do cantuã Dona Ireninha Rosa, possuía apenas dezesseis dançadores ; é originário de Formiga-MG e com o passar dos tempos, netos e tataranetos estão cuidando do terno que possui cerca de cento e vinte dançadores.

Todos os participantes pertencem ao grupo familiar dos "matinadas", os fundadores do Catupé, foram espiritualmente influenciados pelo cantuã Dona Ireninha que em seu trabalho missionário de educar através da sua religiosidade e manter um assistencialismo aos mais humildes, fez o Congado Catupé transformar-se em terno de Utilidade Pública no município de Uberlândia, oficialmente reconhecido pelo trabalho a favor dos menos favorecidos e da cultura popular.

Embora suas raízes venham do Bairro Martirls, os matinadas possuem vínculos parentescos em vários cantos da cidade; e a obra humanitária desse organizado grupo cultural, atualmente presidido por Waldomiro dos Reis (Brigela), faz lembrar algumas das primeiras ações desenvolvidas em algumas Irmandades do Rosário que sobreviviam através dos próprios fundadores e familiares.

De como esses antigos catopês chegaram ao Triângulo Mineiro rebatizados de catupés, não há notícias, provavelmente tenha sido a facilidade maior de pronúncia da palavra "catupé" e Brigela imagina que 'os negros foram chegando devagarzinho entrando no congado e daí a gente ter essa mistura cada um de jeito diferente."

Vários congadeiros são remanescentes de antigos capitães de congado e a família matinada é um exemplo desse êxodo rural em busca de melhores dias para os filhos que viviam desesperançados; esse fluxo de energias étnicas semelhantes, permitiu uma renovação constante na festa do congo de Uberlândia e as diversas visitas recíprocas realizadas pelos ternos de toda a região, terminou fortalecendo os festejos da maioria das cidades adjacentes e algumas mais distantes; Brigela é natural de Uberlândia e reafirma seu descontentamento com os grupos que ficam utilizando as melodias e os ritmos específicos do catupé, como a dança de kalembé (crítica social) e os cantos irônicos, provocativos.

Nervoso, no dia quatorze de novembro de 1999, dizia que "os caras até podem tentar algum canto diferente, mas pelo menos lá no congo, no moçambique se quisé cantá ponto, tudo bem, mas cantá verso assim de gozação, criticando a sociedade, os políticos, os congadeiros, aí é coisa do catupé, mas não tem jeito, todo mundo acha que um bastão na mão já dá um grande poder e esquece que isso vem de antigamente."

Desconhecer todos os significados essenciais, pode empobrecer o espírito do congado e Brigela faz coro junto aos demais capitães que não aceitam os " excessos de modernidades", acham até que é preciso "melhorar o congado, avançar na organização, na divulgação, mas tudo na medida certa, que tempero demais estraga a comida" eles ainda fazem advertências quanto ao surgimento de outras bandas, "acontece que é um segundo capitão sem paciência de aguardar a sua vez e arruma um monte de dançador, tirando

muitos do próprio temo onde cantava, porque o desejo dele é ser o primeiro e mandar, aí ele resolve fundar um temo só pra ele mandar",

O Catupé do Brigela foi outro temo que ficou com a responsabilidade de conduzir o Rei e a Rainha festeira até à Rua Natal no Bairro Brasil e todo contente cantava " vamo levá o nosso Rei, o Rei e a Rainha é nosso, nós é que vamo levá",



Congado Nossa Senhora do Rosário Catupé em frente ao Cantuã de Dona Irene Rosa na década de 1970. (Fonte : Maria Irene). Rosa na década de 1970(arq:JB).

5.10 - Marinheiro de São Benedito

A existência do Marinheirão - popularmente conhecido e identificado como terno congregado e de centenas de congadeiros quase que exclusivamente familiares - vem da época em que existia a Igreja de São Benedito no Bairro Martins. De 1971 a 1996 teve em Luiz Carlos (Luizão) o comandante principal e desde então conta com a participação decisiva de Selma Souza Silva; o marinheiro ainda tem mais de cento e setenta componentes.

Selma diz que sempre houve grande envolvimento da família: "é só dá um grito e aparece negro de todo lugar, agora tá mais difícil que todo mundo mora longe, mas tem telefone né! Gente reúne a famiarada rapidinho, rapidinho" .As cores vibrantes do Marinheirão: chapéu branco, calça branca, faixa amarela e lenço azul pavão; e a cada dois anos, o terno troca a cor da indumentária, principalmente das crianças.

Dona Gessiy é a guardiã do clã quilombo situado no Bairro Tibery, ali, vive e se encontra congadeiros de várias gerações; ela é a " véia mãe "de todo mundo que a procura em busca de aconselhamentos, seu trabalho sócio-doutrinário baseado nos fundamentos do amor, faz parte há muitos anos de um compromisso de fé.

O entusiástico Moisés-Capitão do Marinheiro de São Benedito-é uma expressividade quando convidado a participar de lutas contra a discriminação racial. Moisés é vida que vem de Dona Gessiy, tem lábia, discurso e se assume qual congadeiro e demais potencialidades afros em qualquer tempo e lugar; oMarinheiro traz a seguinte formação congadeira: Meninas da Bandeira; Madrinha da Bandeira; Primeiro Capitão; Segundo Capitão; Capitães Auxiliares e Soldados.

Pertencer ao Marinheiro de São Benedito transforma-se em privilégio para os jovens que se orgulham em dizer "eu sô Marinheirão"e reforçam a todo instante essa frase identificadora de um processo cultural muito complexo, pois dentro desse sentir-se enraizado está inserido um compromisso de viver anos e anos aguardando uma oportunidade para tornar-se de repente, um capitão auxiliar.

Estar no "Marinheirão"é acima de tudo sentir-se poderoso, grande, diferente dos demais e ver-se constantemente sob a mira de outros congadeiros de faixas etárias semelhantes e todo esse comportamento intra-espiritual faz que os familiares sejam os primeiros incentivadores da inserção dos filhos no Marinheiro de São Benedito ainda em idade precoce, para também poderem dizer que "o meu filho é do Marinheirão" .

Fundamentalmente, a cantoria de Moisés é em louvação aos Santos protetores e os cantos de campanha, de apresentações culturais, geralmente diferem daqueles realizados no dia dos festejos, além disso, no seu terno há um rígido controle de hierarquia que nunca enfrenta questionamentos.

O aprendizado congadeiro produz um elemento consciente de seu espaço dentro desse seletor grupo e a expectativa futura de vir a ser um caixeiro de frente, um capitão, uma madrinha do terno, um comandante ou uma chefe geral.

Segundo Selma Maria,uma lenda de São Benedito animou a fundação do terno: "ele, o Benedito foi obrigado num dia de festa a fazer comida para todo mundo convidado do

fazendeiro, mas ele também queria ir ver a festa e aí ele arrumou as panelas deixou tudo preparado e foi lá para Igreja do Rosário ver os ternos dançar e ainda voltô a tempo e fez comida até sobrá .Acontece que tinha um escravo desses mamelucos(capitão do mato) que entregou o Benedito e ai o fazendeiro com raiva mandô matá o Benedito e é assim que ele acabou virando um santo bom para os negros,"(03/11/197).

Denotando reflexos dos novos tempos, o Capitão Moisés em uma entrevista no dia 23/1 0/2000, para um programa [Roda de Samba, na Rádio Universitária de Uberlândia]convidava as pessoas interessadas em participar do congado, que fossem ao quartel do Marinheiro, que segundo Moisés,"não tem preconceito e as portas estão sempre abertas".

Atitude impensável em outras décadas, quando os agrupamentos eram formatados dentro da célula matriarcal ou patriarcal,o convite público de Moisés anuncia uma era diferente no congado uberlandense; uma possibilidade de participação das pessoas distanciadas do vivenciar congadeiro e que podem fortalecê-Io ou deixá-Io seriamente descaracterizado.

Entretanto, o Marinheiro abriu o desfile de Domingo dia doze de novembro dois mil, com a sua formação tradicional constituída basicamente de familiares e as essências aromáticas fizeram-se presentes com seus poderes despoluidores de ambientes. A chuva fina instigava Moisés a cantar: " ai que beleza meu Deusl que caiu do céu l a chuva que caiu agora l molhou nosso chapéu.

À noite, o Marinheiro escoltou da Igreja do Rosário até à Rua Natal no Bairro Brasil,outros dois festeiros de reinado; o casal Valdelino Silva (Tim) e a sua esposa Elizeni e ainda por volta de onze e meia da noite, o Marinheiro entoava cantorias alegres em homenagens aos dois reis festeiros e às duas rainhas festeiras do próximo milênio, o que para Valdelino Silva era uma honra: " abrir o milênio sendo um Rei Festeiro do Congado de Uberlândia é uma coisa que nos enche de emoção".Logo após os cânticos, houve os parabéns e beijos às coroas, posteriormente as despedidas e nova caminhada em direção ao quartel situado no Bairro Tibery.



A dança de trança de fita no mastro relembra a construção de uma cabana com a energia física e espiritual de toda aldeia ou membros de um clã, (Foto:Margarete Arroyo,1996).

5.11 - Moçambique de Belém

Foi batizado com esse nome em 1971, por Manuel Saturnino Rodrigues (popular Siricoco). É um dos ternos mais animados de Uberlândia e possui fundamentos baseados na paz, fraternidade e no amor. Conforme a tradição, tudo é passado de pai para filho; Dona Divina é a Matriarca da Família Moçambique de Belém.

Em suas cores predomina o verde e o branco, os instrumentos são aqueles comuns a todo terno de moçambique original; no primeiro ano contava com apenas trinta pessoas e atualmente tem mais de cento e vinte dançadores, dentre eles, dezenas de crianças.

Siricoco defendia com fervorosa coragem a tradição moçambiqueira herdada de seus ancestrais e acreditava que o batido de moçambique deveria ser único, não admitia inovações que pudessem descaracterizar a africanidade de toda cantoria e dança.

Ramon Rodrigues herdou a hierarquia de Primeiro Capitão do Moçambique de Belém e após alguns entraves burocráticos com políticos de direita, confirma ter percebido o quanto era enganado ao confiar cegamente em algumas pessoas: "a gente vivia humilhando esmola e pensava que as migalhas era o pão", "na época do congado ou de carnaval, lá ia todo mundo de pires na mão", "depois que a gente saiu dessa lavagem cerebral, percebemos que nosso direito deveria ser um compromisso real de governo", "as vezes parecia que a gente estava suportando toneladas de cimento na cabeça."

Transportar o peso das crises governamentais tem sido a desculpa quando se trata de ajudar com incentivos a cultura negra uberlandense, entretanto sempre surge mais empenho quando do momento de construir projetos elitistas. No livro de Cremilda Medina encontra-se uma frase que sintetiza o pensamento de Ramon Rodrigues: "Os curandeiros que afirmaram, depois, os que quiseram ouvir, que o cimento é o refúgio dos espíritos dos brancos e que passarão ainda muitas luas antes de os pretos se apropriarem desse mundo compacto (MEDINA, 1987, p55).

Referência sociocultural de expressiva parcela da comunidade afro descendente de Uberlândia, o Moçambique de Belém atrai dançadores de todas as regiões da cidade transformador que é de gestos devocionais em atos simbólicos de resistência, o terno não se limita ao natural fazer congado uma vez a cada ano. Ramon persiste com a idéia das reivindicações afros, acreditando que somente um espaço possibilitará a sobrevivência do povo congadeiro e carnavalesco, tirando os ensaios das ruas, evitando os inevitáveis embates com os vizinhos que detestam os sons dos tambores.

Para Ramon, um grande projeto seria o "Tombamento desses lugares já referendados pela população", como setores de, agrupamento da cultura negra uberlandense pois no quartel do Moçambique de Belém, reúnem-se músicos, componentes do bloco carnavalesco "Achê" e quando chega o tempo de congado ou carnaval, centenas de pessoas ocupam a rua para prestigiar os concorridos ensaios e além disso, o Moçambique de Belém é considerado um dos maiores ternos de Uberlândia e foi o único a entrar na Igreja do Rosário no segundo domingo de novembro de 1998 e ao sair, o seu jeito particular de dizer adeus com os chapéus nas pontas dos bastões erguidos para o alto, emocionou os congadeiros e os espectadores curiosos.



Moçambique de Belém em seu quartel
(Década de 1970, fonte: Moçambique de Belém)



Dança ritualística do Moçambique de Belém
(14/11/1999, Arq:JB).

Garoto orgulhoso
percutindo a Patagoma
(14/11/99, Arq:JB).



Ramon Rodrigues 1º Capitão do
Moçambique de
Belém - 1999 - Arq. JB

5.12 - Terno de Congado Santa Efigênia

Nasceu em homenagem a Santa Negra de mesmo nome, a iniciativa partiu de Tio Cândido, que atualmente é comandante geral da festa do Rosário - o responsável pela "carta de comando" aos ternos - e ainda guardador dos antigos fundamentos que sustentam a Irmandade do Rosário; o terno possui uma média de setenta elementos.

Instrumentos como acordeons, pandeiros, chocalhos, cavaquinhos, produzem sons suaves por estarem sempre conservados. José Henrique, primeiro capitão, sonha com o dia em que haverá de ser tratado com respeito pela sociedade.

Quando se adentra no quartel do Santa Efigênia, é que se percebe a grandiosidade de uma cultura capaz de sobreviver em um terreno qual mocambo; nesse espaço de poucos metros quadrados, encontra-se o cerne de aroeira na figura de José João. Localizado no Bairro Brasil, só se tem notícias de que ali há uma comunidade negra fortemente organizada, quando os tambores anunciam os tempos de campanha e de reinado.

É quando as crianças mais alegres, deixam-se mostrar publicamente com suas indumentárias bonitas, os adolescentes no início arredios, soltam-se aos primeiros sons dos tambores e da cantoria envolvente que penetra-lhes alma adentro. E a velha guarda vai sem medo, alguns à frente protegendo os seus rebentos, outros ao lado orientando a criançada e vários deles surgem atrás para referendar o ritual. O Santa Efigênia ainda reafirma a força da mulher no congado, sendo a filha de José João (Maria Sebastiana), a Rainha e Madrinha do terno. Ter Santa Efigênia como a protetora oficial causa estranheza para quem desconhece as intimidades do mundo congadeiro, mas na história essa santa é venerada em vários lugares para homenagear Chico Rei que construiu uma suntuosa Igreja homenageando-a; considerada africana pelos devotos seguidores de Chico Rei, embora seu próprio filho (Francisco Muzinga), acreditasse nas energias espirituais dos quilombos.

Um dos fatores fundamentais que diferencia os grupos de Uberlândia com vários outros existentes no Alto Paranaíba; é o componente étnico constituído de uma maioria quase que exclusivamente negra. No Santa Efigênia percebe-se claramente o quanto há de gente simples, que acredita na fé capaz de mudar as suas vidas e participa entusiasticamente do congo resistindo em local urbanizado; esse espaço quase oculto é uma autêntica célula formadora do embrião maior da Irmandade do Rosário permanecendo fiel ao seu ritual congadeiro sem abrir mão das indumentárias e instrumentos modernos.

São homens que não perdem seus valores, ao contrário, agregam outros que lhes tenham significados essenciais uma vez que o Santa Efigênia possui pessoas cuja origem remonta aos antigos congadeiros altoparanaibanos e amparados nessa fé maior dos ancestrais, José João continua mantendo dentro do seu quartel, uma veneração a Santa Efigênia, considerada a verdadeira santa negra libertadora dos escravos em solo africano, nas travessias dos mares e nos desembarques em portos ou praias. Santa Efigênia, aquela que Chico Rei vestia de ouro em pó (símbolo energético de Oxum) e permaneceu

esculpida no altar de pedra construído pelos escravos devotos dessa espiritualidade africana cheia de luz que aparecia nas entradas das minas, de onde saíam pepitas amarelas para comprar a liberdade de alguns companheiros, amigos e familiares de Chico Rei.

Mesmo sem ter conseguido transformar-se em padroeira oficial das Irmandades do Rosário, Ifigênia continuou sendo cultuada pelos discretos e silenciosos devotos para evitar conflitos públicos com os negros urbanizados que dentro das Igrejas, influenciados pela catequese cristã, optaram pela devoção a Nossa Senhora do Rosário. E nesse findar de ano dois **mil**, vários congadeiros continuam cultuando Santa Ifigênia no interior de suas casas e quando saem às ruas, festejam Nossa Senhora do Rosário e São Benedito.

Congado Santa Efigênia
(Fonte: José Henrique)



Marujo Azul de Maio
(Fonte: Tim, 1999)



5.13 - Marujo Azul de Maio

Surgiu em 1982, com a sensatez de Rubens Aparecido e Márcia Helena tendo o seu quartel no Bairro Roosevelt. Envolvente é seu canto de chegada: "Eu sou do Azul de Maio! Eu vim te visitá!", as suas cores azul e branco produzem contraste interessante e os instrumentos principais são diversos tipos de surdos; o Azul de Maio já teve mais de cento e quarenta componentes.

Na frente do Marujo vem seu primeiro capitão e comandante, com a sua capa azul, bastão nas cores preto e branco, chapéu branco adornado de fitas azuis e cravejado de madreperlas brancas, calça e camisa branca e uma faixa azul clara presa à cintura junto ao bastão na mão direita, há um rosário e a mão esquerda conduz uma criança que segura a bandeira.

Em seguida surge as meninas do estandarte, uma turma de quatorze adolescentes em trajes impecáveis, usando sapatilhas brancas, macacão azul, fitilha azul nos cabelos, luvas brancas nas mãos a segurar compridas fitas azuis transformadas em ponto de equilíbrio para o estandarte que fica no centro e seguro firmemente por outra jovem no terceiro bloco está o pulmão rítmico do Marujo Azul de Maio, os caixeiros de frente e demais tamborzeiros, os dançadores e toda a hierarquia de capitães (1988, Av. Floriano Peixoto).

Viajando para várias cidades do Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba e Olímpia-SP o Azul de Maio emociona pela leveza de seu coral de vozes femininas e pela dança que cativa observadores atentos. Estruturalmente solidificado, é capaz de se manter em toda a Festa do Rosário e Rubens Aparecido é daqueles capitães capazes de fazer impossível para ver os seus congadeiros participarem do reinado.

Embora aparente ser novo nos festejos, ele possui uma longa trajetória de trabalho e está intimamente ligado a outros ternos, dos quais fazem parte alguns familiares nas guardas, geralmente é possível essa diversidade, devido a influência dos batidos que em alguns pode ser mais forte ou menos forte. A maioria dos jovens preferem os ternos conhecidos de "batidão pesado," é ali que conseguem desenvolver suas energias físicas e ocuparem seus lugares no grupo social.

Rubens Assunção, membro da Irmandade do Rosário é um dos responsáveis atuais pela preservação do congado em Uberlândia. O tronco familiar do Azul de Maio está enraizado na árvore genealógica do Congo Camisa Verde e isso faz de Rubens um membro da diretoria da Irmandade com direitos sucessórios vitalícios; os cargos são paulatinamente ocupados pelos parentes próximos em sintonia com as tradições congadeiras.

Ainda participa ativamente dos novenários que acontecem na Igreja do Rosário na semana antecedente aos festejos. Com toda essa dinâmica, o congado demonstra que seu ritual está inserido em um tempo que ultrapassa a barreira dos dois dias vivenciados no centro da cidade, ali ocorre apenas um dos momentos especiais, a recompensa dos vários dias e noites concentrados, aguardando o apogeu do segundo domingo do mês de novembro.

Os marujos representam os históricos marinheiros que resgataram Nossa Senhora do fundo do mar e ainda realizavam cânticos em homenagens aos espíritos dos escravos moribundos que arrancados das sentinas dos tumbeiros, tinham os seus corpos entregues ao oceano dos tubarões. Essas cenas dantescas presenciadas no atlântico serviram de cantorias aos primeiros capitães, mas com o tempo foram sendo substituídas e no portal do ano dois mil, raramente se ouve um terno cujos cantadores recordem os tempos de escravidão.

5.14 - Moçambique do Oriente

Criado por José Mendes de Oliveira em 1983. José Mendes dizia que a Igreja do Rosário foi construída com esforço e suor dos próprios negros: "eu comecei lá pelo ano de 32, bem criancinha mesmo". O Oriente possui cerca de sessenta elementos.

Esse negócio de Igreja levantada pelos branco num é tão verdade assim; essa Igrejinha nasceu num terreno do m , sem devê nada de político, era do meu bisavô, agora eu tô no comando que era do meu pai, o de vice-presidente da Irmandade e de Comandante Geral que recebeu do meu avô, que herdou do meu bisavô".

As cores do Moçambique do Oriente são verde, branco e rosa. Os instrumentos idênticos aos demais moçambiques de Uberlândia; Dona Dagmar Maria Cunha é a responsável pelo terno e desde que seu esposo faleceu (José Mendes); ela tem conseguido manter o moçambique em atividade sem faltar à festa do congado em Uberlândia.

Diante do altar em sala mística, Dagmar diz que é " ainda uma madrinha do estandarte do terno, então a gente tem a segunda madrinha que é dona Conceição, então nós (sic) vai na casa das meninas pegá as autorização das mães porque elas confia né". Ah! o que acontece é que as madrinhas que é responsável pelas meninas". José Mendes de Oliveira fala que a "coroação da santa tem que ser as meninas virgens as coroinhas, então na hora que termina a procissão de Nossa Senhora, aí elas faiz a coroação". Dagmar diz das campanhas: "as campanhas é assim, a gente sai com a santa para as casas então a santa posa (fica durante uma noite) naquela casa, reza o terço, arruma as prendas e grita o leilão".

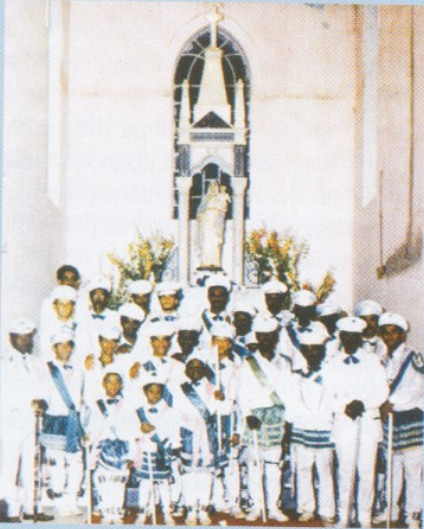
Há uma cantoria declamatória sintetizando o vivenciar congadeiro diferenciado do Moçambique do Oriente, enquanto José Mendes era o Comandante Geral (faleceu na década de 1990).

"Tanta zimbuia
cum tanta zimbarua
sem me libertá
o que viemo fazê, meu zinfim?
Festejá Nossa Senhora
com prazer e alegria
Há! Há! Há! Há! Há!
Ehhh! Nas horas de Deus
vamos conversar

Nas horas de Deus vamos festejar (OLIVEIRA, 1995,Video).

Os tambores terminaram sendo a essência de todos os temas de Uberlândia e até o Moçambique do Oriente está inserido nesse contexto tamborzeiro; percutir essas caixas com o máximo possível de energia física, parece ser mais importante para os garotos, do que vivenciarem a espiritualidade do ritual; o mais interessante entretanto, é que esse comportamento desafiador demonstrado pelos jovens do tambor, faz parte de uma certa faixa etária predominante em todos os grupos e conseqüentemente desaparecendo quando se autodenominam experientes na percussão dos instrumentos.

Na festa do congado de 1999, o Moçambique do Oriente ressurgiu totalmente renovado apresentando um grande número de componentes esbanjando juventude tanto no estandarte, quanto nas caixas e nas gungas, surpreendendo pela organização e relembrando os grandes tempos do saudoso José Mendes.



Moçambique do Oriente
em frente do Altar da Igreja
do Rosário de Uberlândia
(Fonte: Dona Dagmar,
década de 1990).

5. 15 - Terno de Catupé Azul e Rosa

Seu fundador foi Enildon Pereira Silva que participou da festa por diversas vezes - quase nove anos - e não conseguiu continuar sustentando o temo uma vez que o mesmo não estava registrado na Irmandade do Rosário.

Meia- noite dia onze de setembro do ano 1999, antes do embarque para mais uma Festa do Rosário em São Gotardo-MG, Enildon Pereira faz sua oração que é uma mistura de Pai Nosso com pedidos para evitar mau olhado e deixar o corpo fechado. Durante a viagem ele só fala do congado em Uberlândia: "os nêgo de Moçambique já batia caixas lá no Santa Maria- atual distrito de Miraporanga - e aí depois é que os congos apareceu(sic) aqui em Uberlândia que era a São Pedro do Uberabinha! Aí uns anos depois os moçambiqueiros começaram a vim nuns carros de boi e paravam lá no vaú, para afinar os instrumentos e fazê bunito diante dos congos" .

" Isso tudo demorô uma grande geração que os moçambiques só foi aceito de verdade depois dos anos 50(1950) e mesmo assim porque já tinha muito dançadô de Moçambique morando no Santa Abadia- Bairro Patrimônio- É que os congos já tinha muita gente católica e eles tinham medo dos Moçambique que eles pensavam ser tudo Candomblé, que se fosse até Umbanda era mais aceito(sic)que os brancos aceitavam mais os umbandeiros. O congado de Uberlândia arreune todo mundo, de pagode a futebol, folia de reis a carnaval e as barracas de agora tem até televisão para ver jogo além de bebidas, barracas de brinquedo e apareceu ainda uns joguinhos de azar, a gente nem consegue mais ficar livre de uns mamelucos que vem de eleição em eleição".

Segundo Darcy Ribeiro, mameluco é uma expressão pejorativa," Mameluk é o nome dado pelos árabes a uma categoria de gente que eles criavam ,depois de capturálas nas batalhas(...).Se fosse alguém que pudesse voltar ao seu povo com a cara daquele povo, mas com a alma mudada, porque ele foi humanizado naquela casa criatório estes que chegava lá era um mameluk. Então, mameluco é o castigador do seu gentio, é o traidor de sua gente materna" (RIBEIRO,1993,p.64).

5.16- Congado Congo Branco

Em atividade desde 1983, esse temo pertence à Irmandade do Rosário em Uberlândia e encontra-se sob o comando de Osmar Aparecido e Marlene de Oliveira e tem média de setenta dançadores.

Osmar Aparecido, nem sempre foi comandante de congado; conheci Osmar na década de setenta trabalhando como chapa de caminhão e mais tarde era juiz de futebol varzeano. Nessa época eu trabalhava de servente de pedreiro e participava como representante da liga de futebol amador nos gramados e campos de terra espalhados pelos bairros. Fiquei surpreendido, ao descobrir no dia três de novembro de] 997, ao visitar o Congo Branco em companhia de Luizão do Marinheiro de São Benedito-que Osmar Aparecido era o responsável pelo Congo Branco e além disso, respondia pelo comando geral.

E foi assim que desabafou: "foi sina nossa que ninguém quis mesmo acreditá mais enquanto vida gente tivé Congo Branco vamo festejá e de nossa vida nunca mais vai saí

não". Marlene emocionada ainda diz: "a gente chorou pro home da Irmandade pra ele dexá gente levantá o Congo Branco, levantá ele que ele era nosso e ele num ia impedi nunca mais (sic) que era nosso sim que Deus tava com a gente e gente amava o Congo Branco".

Osmar reafirma que o terno pertence ao "dono da Irmandade", uma referência direta ao Sr. Deny Nascimento (Presidente), entretanto ao gravador, é mais cauteloso e diz que "mesmo sendo fechadinha que nem sindicato", vai vencer e conseguir a complexa patente. Van Der Poel sintetiza o argumento de Osmar ao dizer que as Irmandades são "como entidades de classes, servindo de instrumento social e que elas surgem para tentar salvar a dignidade humana diante do cataclismo que foi a introdução do sistema colonial para os pobres, por vezes a última dignidade caso seja, o direito de um enterro decente (POEL:p.187,1981).

Estar na Irmandade não significa ter direito de ser membro da diretoria cujo processo sucessório é complexo, pois o filho sempre assume o lugar do pai, quando um cargo fica em vacância, ou seja, na ausência do Presidente, será seu filho o responsável e o vice-presidente continua exercendo sua função de vice-presidência eterna.

5.17 - Congado Amarelo Ouro

De cor amarela e branca, foi criado em 22/04/1997. Vander Martins é o seu presidente e primeiro capitão, tendo conhecimentos dos fundamentos congadeiros por ser descendente de família que sempre participou dos ternos de congado em Uberlândia. Seu quartel situado no Bairro Saraiva, congrega cerca de quarenta dançadores de vários lugares da cidade.

Sem ter carta de comando pcy; a participar dos festejos uberlandenses, é um temo que se sustenta com apoio oospróprios dançadores; Vander acredita ser o sucessor real de uma família congadeira uberlandense: "somos assim muitos espalhados pelo congado porque tivemos em nossos pais e avós a vontade de ver os aparentados unidos, que nos tempos antigos muitos deles eram mandados embora das roças porque não deixavam os filhos e mulhé trabahá(sic) dia e noite e muitos queria todo mundo de agregado, se pudesse até os fio na barriga da mãe".

Eric Foner escreve que "os fazendeiros resistiram a uma outra reação praticamente universal dos negros caribenhos à liberdade-sua tentativa de reconstruir a vida familiar pela retirada das mulheres e das crianças do trabalho de oito nas fazendas. Em muitas fazendas, os negros que recusavam assinar contratos favoráveis aos proprietários, foram sumariamente desalojados" (FONER ,1988,p.41).

Vander diz que seu temo de congo vai reafirmar valores antigos, mesmo sem ter um apoio oficial ,"a gente luta, não querem deixar nosso temo passar mas a nossa fé é grande e somos negros que vai fazer valer direitos de nossos descendentes"; [houve uma determinação oficiosa para que os locutores da Festa do Rosário não anunciassem o Congado Amarelo Ouro], entretanto, as pressões silenciosas obrigaram os locutores não

só a falar o nome do grupo, Vander teve acesso ao microfone e afirmou que desejava dar o melhor de si para fazer uma festa bonita.

O bom senso prevaleceu e o Amarelo Ouro conseguiu reagrupar familiares distantes descendentes daqueles que há muito foram o sustentáculo do congado uberlandense e o mais interessante foi ter recebido grande apoio moral ao seu trabalho, além de algumas ajudas materiais e financeiras oriundas de outros temos.

Tudo que Vander queria realizar deu certo, apareceu em Ituiutaba e deixou muita gente encantada, seu grupo estava repleto de jovens com suas indumentárias reluzentes e mesmo situado em bairros periféricos, a maioria dos seus componentes conseguem atender ao seu chamado para participar dos ensaios e preparar os instrumentos com esse caminhar independente, o Amarelo Ouro abre as portas para novos participantes.

5.18 - Congo Verde e Branco -Tem sua origem no começo do ano dois mil criado por DonizeteRodrigues que era dançador no Congo Branco; Lenço verde e branco, faixa verde, chapéu verde, calça e camisa branca são as indumentárias do terno em seu primeiro ano de existência e já com uma média de trinta dançadores. É outro que surge livremente para participar da Festa do Congado em Uberlândia e região.

Silvio diz que a criação do Congo Verde e Branco era um sonho antigo e sendo incentivado pelo surgimento do Amarelo Ouro, resolveu "fazer aquele batidão pra todo bairro saber que o tempo da congada havia chegado, que lá no CongoBranco e no Marinheirinho eu não podia fazer isso pois, eles já tinham os seus comandantes."

Conforme Margarete Arroyo,"os tambores podem ser considerados elementos que delimitam e marcam os espaços do ritual, costurando seus tempos" (ARROYO, 1999,P 144). Donizete ao percutir os seus tambores nos ensaios de domingo, anuncia ao Bairro Pampulha, que um temo de congado já está instalado entre os habitantes e seu primeiro passo é agradar os vizinhos (podem ser os prováveis primeiros apoiadores em épocas de campanhas).

Enquanto dançador Silvio é apenas mais um "outro,"quando deseja construir seu espaço através de temo próprio, ele ameaça a ordem preestabelecida pelo grupo ancestral,"e se de repente ele inventa um ritmo sertanejo? "O choque com o novo membro na qualidade de capitão geral, aquele que era de dentro sob a tutela de vários comandantes e fica de fora quando quer ser independente. Sílvio persiste e já encontra um espaço para no mês de 'agosto participar com seu temo, em um ambiente cultural uberlandense.

Silvio Donizete enfrenta a resistência dupla, a de não ser um legítimo descendente de congadeiros uberlandenses[mas é antigo dançador] e de estar despossuído das ferramentas tradicionais do povo negro, o que seria um portal de confiança capaz de fazer os antigos acreditarem ser o Verde e Branco mais um temo comprometido com toda tradição do congado.

Ao iniciar a sua trajetória congadeira em espaço independente, Silvio Donizete assume o risco de ficar fora da festa em Uberlândia e tomar-se em um congo ambulante (realizador de apresentações esporádicas em cidades circunvizinhas) mas, resolutivo diz que

já tem tudo pfonto,"arrumei as indumentárias e os tambores e gente prá dançar congo nunca vai me faltar, o standarte ficou bonito, mas eu só vou apresentá lá na Praça do Rosário,"(10/08/2000).

O temo inicia a criação de sua história quando anuncia os ensaios e se apresenta oficialmente em determinado festejo, a partir desse momento é chamado de Verde e Branco, sem mencionar seu fundador, inconscientemente passa a pertencer a toda uma comunidade de congadeiros simpáticos ao grupo, ainda que esteja em cartório, no nome de uma pessoa

Outrossim, pode vir a ser respeitado desde que consiga sobreviver durante uns doze anos sem que haja abandono em nenhuma temporada congadeira e esse sempre é o maior dos desafios, pois não se tem notícias de nenhum grupo sobrevivente fora do amparo legal da Irmandade.

Em 10 de Maio de 2001 surge um novo Temo em Uberlândia é o **ROSÁRIO SANTO** fundado pelos dissidentes do Congo Camisa Verde: Flávio Adriano e Flávio Lúcio.Com as cores azul, branco e prata, o temo já começa com uma média de oitenta componentes, vários deles oriundos do Camisa Verde.



Congo Verde e Branco na Av. Floriano Peixoto, 1999. Arq:JB

Dança do
Congo Branco
Arq. JB. 1998



Congado
Amarelo Ouro
Arq. JB. 1999



Catupé
Azul e Rosa
Arq. JB. 1980

Capítulo 6

6.0. SIMBOLOGIAS DO CONGADO



Terno de Vilão da Serra do Salitre-MG, em posição de luta: Simbologia que rememora a vitória dos cristãos sobre aqueles considerados os inimigos da cruz : Mouros que não se ajoelhavam diante da espada da fé.(25/07/99,Rio Paranaíba,Arq:JB).



Espadas cruzadas escoltam Rei Congo e Rainha Conga em Rio Paranaíba-MG(25/07/99,Arq:JB)

6.1 - A Diversidade dos Rituais

Todo movimento no congado, tem a sua razão de ser; as simbologias fazem parte de todo o ritual e embora várias delas tenham desaparecido, outras permanecem vivas, mesmo que vestindo novas adaptações.

01 - Pai João Congo - homenageia a resistência de João Congo que corria de senzala em senzala reunindo os escravos para bater caixas cujos sons escondiam vozes que planejavam as fugas de engenho. Grandes capitães utilizavam a carranca de João Congo, no ápice do bordão.

02 - Preto Velho Rei - companheiro de João Congo, é simbolizado por uma caricatura no cimo do bastão; dentro dessa carranca era guardado um segredo que sequer era de conhecimento da própria esposa do Capitão.

03- Pedra-Preta - espírito de luz protetor dos naufragos e afugentador de pessoas que se aproximam com más intenções. Essa entidade espiritual já foi usada por capitães de marinheiros, marinheirinhos e marujos; A carranca de Pedra-Preta ficava na extremidade superior do bastão.

04 -Preta -Velha - homenageia o espírito imortal das allahokis - velhas escravas - que quando jovens eram obrigadas a deixar o leite dos seios para os filhinhos da sinhá, vendo seus próprios rebentos morrerem de fome; em um bastão ocado colocava-se uma mistura de lírio, arruda e guiné, socados em um pilão especial.

O lírio para afastar inimigos; arruda e guiné evitariam olho-gordo, mau-olhado e a carranca de Preta-Velha incrustada no ápice do cajado não permitiria que o mal alcançasse os congadeiros sob a sua proteção.

05 -Madrinha da Bandeira - ela é responsável pela guarda da Bandeira e das meninas que vão à frente do temo. De acordo com a lenda, todas as jovens precisavam ser virgens como símbolo de pureza e devoção a Nossa Senhora do Rosário.

06 -Levantamento do Mastro - Ritual realizado no início do reinado e que simboliza a continuidade da eterna aliança entre os congadeiros e Nossa Senhora no céu.

07 -Trança de Fitas no Mastro - ritual que relembra o coletivismo africano. Em uma dança circular de movimentos intercalados, os dançadores envolvem com fitas multicoloridas um madeiro roliço de quase cinco metros de altura.

Segundo Selma Maria do Marinheiro de São Benedito, essa forma ritualística era realizada por tribos no instante de erguerem uma choça quando no centro da cabana ficava-se um tronco de pindaíba que era transportado em solene procissão, com vários balaies cheios de capim sapé que ao balouçar, se assemelhavam aos movimentos de um barco sobre as ondas do mar. A comunidade tribal, alegre e sincronizada transformava as palhas de coqueiro, em cordas trançadas, fortalecendo a estrutura do telhado da choupana.

08 -Bastão - quem às mãos traz esse instrumento tem que ser muito responsável. Ele significa o poder de superar crises espirituais e principalmente as doenças psicossomáticas. Associado aos antigos benzedores, essas nuances congadeiras permaneceram imperceptíveis ao olhar dos folcloristas. No ritual para adquirir a força psíquica, era preciso postar-se diante do sol com o bastão filtrando os raios solares. Após

subir em cupins no meio do mato aonde houvesse serpentes possíveis de serem encantadas e despachadas a outro lugar, o capitão estava preparado para receber toda a energia da natureza e transportá-la ao bastão.



09 -Danças - qualquer tribo africana sempre se preparava para a guerra, boas colheitas, aniversário do rei ou de príncipes, com gestos corporais impressionantes no congado elas podem ser de alegria e camuflagem necessária para se proteger do colonizador e preservar alguns mistérios culturais.

10 -Bastão no Moçambique - o moçambiqueiro original deve tê-lo sempre junto a si. O bastão traz na sua essência a energia vital, perdê-lo ou largá-lo em qualquer lugar não é recomendável e o verdadeiro dançador nunca abandona esse poder que pode protegê-lo durante todo o tempo dedicado aos festejos.

11 -Cruzamento de Bastões - pode ser utilizado como forma de saudar através de orações, os companheiros de outro temo.

12 -Rosário Cruzado no Peito - protege contra os maus fluidos que eventualmente possam ser lançados por pessoas invejosas.

13 -Fechamento de Corpo - consiste em preparar remédios à base de ervas medicinais; esse preparo fortalece a resistência física do congadeiro evitando a ocorrência de desmaios.

14 -Enterrar o Umbigo dos Soldados - preparado de ervas que fica enterrado durante sete dias, nos quais, é proibido aos capitães ter relações mundanas, evitar encruzilhadas e outras superstições.

15 -Espadas Cruzadas - são dois comandantes da festa que com suas espadas cruzadas em forma de X, escoltam os componentes do reinado até chegar diante da Igreja do Rosário.

16 -Quartel - residência oficial de cada terno; é local de reuniões e ensaios e ainda funciona nos dias de festa como cozinha em que são servidas fartas refeições aos congadeiros e visitantes provenientes de todos os lugares.

17 -Tirá Paia - ritual que reúne moçambiqueiros antes de saírem dos quartéis. Só após benzer os instrumentos é que podem partir; acredita-se na necessidade da proteção antes e depois da jornada realizada.

18 -Encontro de Bandeiras - riquíssimo momento em que os alferes trocam suas bandeiras. Exige-se sabedoria dos capitães, proíbe-se cantoria depreciativa. Os alferes - condutores da bandeira - só podem tê-las de volta no instante em que seus capitães terminem os cantos geralmente baseados em antigos versos.

19 -Combate com Bastões - combate simulado que relembra as centenas de lutas travadas pelos escravos em suas batalhas contra os colonizadores e as preparações de defesas de seus quilombos.

20 -Campanha - acontece quando vai se aproximando o mês de setembro ou de outubro; os ternos visitam as residências dos devotos em datas previamente combinadas, ali reza-se o terço e realiza-se leilões de prendas doadas pela comunidade.

21 -Benzê São Benedito - nesse ritual simples, um terno de congo vai à casa do devoto e realiza cantoria diante da imagem de São Benedito. Após os cantos e rezas essa imagem é colocada em lugar especial, geralmente na cozinha. Isso faz a família viver em abundância de alimentos, com a despensa sempre em condições de atender os visitantes inesperados

22-As Cores dos Ternos - as cores primárias que vestiram os primeiros ternos já em solo brasileiro simbolizavam mimeticamente todos os adeptos das divindades africanas.

Quão extraordinário seria com os pés formatar o barro e as sementes de coloração azul e depois com as mãos calejadas trabalhar toda a massa nas paredes de pau a pique das capelas. A cor branca para Zâmbi - o deus que se revelava ao homem através de um relâmpago em forma de Z. O azul profundo caracterizava Ogúnaquele que abria os caminhos para os congadeiros passar.

Esses dois Orixás representaram a mais prodigiosa estrutura espiritual que conseguiu sobreviver aos massacres culturais do povo negro; nas Igrejinhas do Rosário, todas pintadas de azul-escuro e branco, os escravos deixaram para a posteridade, seus cultos miméticos aos orixás. Quem vestia verde, vermelho e azul, era filho de Oxósse [pai das matas]; os iniciados de Oxum [deusa dos rios] usavam o amarelo e os noviços que surgiam com o vermelho e preto, estavam submissos ao poder energético de Omulu[protetor contra as doenças de pele].

Entretanto, o catolicismo com o seu dinâmico instrumento destruidor de memórias ancestrais, usando um cajado de verdade quase única, 'reinventa novas simbologias para as cores, adaptando-as aos santos católicos; e assim a cor azul vira um céu e depois São Benedito, o branco deixa de ser Zâmbi e toma-se na paz do negro convertido; o vermelho abandona o sangue da mulher propiciadora da vida e passa a representar a caridade do escravo para com os seus sinhôs; e até os bastões, os ramos, que serviam para invocar os

ancestrais-espíritos dos anciãos foram trocados pelas bengalas nas mãos dos pretos velhos contadores de histórias que divertiam os filhos e filhas da eufemística bondosa sinhá. E agora, em pleno ano dois mil, prevalece as cores de tonalidades vibrantes:

Amarelo, representa prosperidade.

Verde, traz saúde e harmonia.

Azul, simboliza a eternidade celestial e a certeza de vencer desafios futuros.

Branco, veste a paz e o perdão.

Azul-marinho, homenageia o sofrimento das mulheres escravas que eram lançadas ao mar para aliviar as cargas dos navios negreiros, quando estavam ameaçados de naufragarem em meio às tempestades.

Rosa, representa a sensibilidade e humildade de Nossa Senhora.

Vermelho, fraternidade, companheirismo.

Azul - Piscina, simboliza a alegria dos marinheiros ao resgatar Santa Ifigênia no fundo do mar.

Verde-glaucó, essa cor mais ou menos verde era usada pelos adolescentes em fase de transição-preparação para utilizar as cores das indumentárias dos adultos.

Verde-Piscina, traduz a felicidade dos marinheiros ao buscar Santa Ifigênia no mar.

23 - Adoração ao Mastro de São Benedito - inicia-se com um temo fazendo um círculo diante do mastro. Saúdam-no com as orações cantadas através de uma : lenda em que Benedito trabalhava para um senhor avarento incapaz de oferecer emprego a uma família existente na outra margem do rio por considerá-la grande e temer que a criança invadisse o pomar da fazenda.

O bonfíssimo Benedito, todas as noites às escondidas, preparava refeições em abundância e de madrugada, sorrateiramente, levava as sobras para os velhos, além de frutas frescas para as crianças.

Certa madrugada de lua cheia, Benedito foi descoberto. O capitão do mato, o feitor e o chefe de cozinha esmurraram Benedito até o sol envergonhado aparecer mostrando apenas meia face.

Insatisfeito, o fazendeiro resolveu chicotear Benedito. Ao entardecer, com os últimos frágeis raios solares entristecidos de presenciar brutalidade louca, eis que o algoz de Benedito levanta a chibata para por fim àquele suplício cruel.

Só que nesse instante, a divina providência mostrou sua revolta. Um raio de luz paralisou o braço carniceiro, outra fonte de luminosidade intensa cegou-lhe os olhos e desesperado, tendo apenas as pernas para correr, o infeliz sinhô foi atirar-se nas turvas águas do rio que se fez enchente sangue puro. Ainda assim o ordinário se salvou ao segurar em um tronco de madeira que no seu extremo refletia a imagem de Bené, e os congadeiros, ao colocar no ápice do mastro, a imagem do santo, reforçam a sua vitória sobre as forças do mal.

24 - Novenário - são os nove dias de novena com a presença de um ou mais temos a cada noite. O novenário acontece a partir das dezoito horas na Igreja do Rosário e os leilões ali realizados ajudam a Irmandade do Rosário.

25 -Partida de Corpo Fechado - acontecia quando um temo preparava-se para viajar. Todos os congadeiros passavam dentro de um grande rosário colocado no terreiro; após fazer as orações e sair, nenhum componente poderia retomar.

26 -Sineiro do Rosário - no dia da festa e levantamento do mastro, o sino era tocado com pedras antecipadamente trabalhadas pelo sineiro; os negros cativos ou libertos tinham notícias através do sineiro oficial, das fugas que estavam sendo preparadas.

27-Passagem do Bastão - possui significado místico ancestral. Acontece no instante em que o patriarca em idade avançada ou por motivos de doença, escolhe entre seus subordinados - podem ser filhos, sobrinhos ou alguém de confiança - o que melhores condições reúne para prosseguir com a missão.

28 -Ganzá de Vilão -Instrumento tido como objeto misterioso, era formado com um cilindro de madeira em cuja extremidade colocavam uma carranca. Muito utilizado antigamente por dançadores que ficavam na frente do temo protegendo seus caminhos. Dentro do Ganzá, havia nozes de dendê ou grãos de chumbo, representando um provérbio africano: " duzentas moscas não cruzam o caminho de uma vassoura",esse tipo de Ganzá estava associado ao poder espiritual dos varredoures de maus fluidos responsáveis pelos ternos de Catupés, Moçambique, Caboclos e Vilão (Video,26/111995,Arq:JB).

29 - Patagoma - continha noventa esferas de chumbo em seu interior e mais nove distribuídas entre os patagomistas, cada uma dentro de um patuá- pequena bolsa de couro ou palha-simbolizando a unidade familiar africana; vivendo em sintonia espiritual plena dentro dos seus casulos tribais em que as mulheres transformavam-se nas autênticas mantenedoras dos territórios, suprindo ausências dos homens que partiam para as batalhas, ficando vários dias sem aparecer nas aldeias.

Embora seja um instrumento utilizado em vários temos, é no Moçambique que a patagoma tem história; representa a mulher cultivadora de vida, paz e prosperidade."

Na visão cristã africanizada, seria um vaso cheio de sementes lembrando a gravidez de uma mulher" (KALUMBA.,In: Sem Fronteiras, 1999.p.20).

30 - Gungas ou Pai ás de Proteção - Instrumentos sagrados que nos tempos mais primitivos eram de uso particular dos benzedores. Nos tornozelos dos moçambiqueiros, revela-se toda a magia incorporada a eles através da força mística dos magos, capazes de destruir todas as quecequências-doenças espirituais-que pudessem atingir qualquer membro do clã.

Usava-se somente seis gungas, três em cada tornozelo, cada uma com 16 nozes de dendê, coité ou esferas de chumbo.O total de sementes ou esferas era de 96, um número eterno, para cima ou para baixo. Tinha-se assim em cada gunga, um Rosário de Ifá (feito com as 16 nozes de dendê).Ifá é um Kamano Maioral- deus da revelação, transmissor das mensagens oraculares aos Olowô(curandeiros e advinhos), responsáveis pela guarda espiritual de seus adeptos.

31 -Congadeiro Roncador - de origem angola-conguense, já era usado ainda antes da escravidão no Brasil.O som denominado roncador é produzido com uma cuíca semelhante a pequena caixa de madeira contendo na extremidade apenas couro de boi a produzir sons roucos ao ser manualmente percutida com pano untado de óleo ou água.

Verdade ou mito,o ronco impressionante da cuíca, rememora mais uma artimanha do negro ao fingir-se estar nos estertores da morte para não ser escravizado; realmente, esses roucos sons lembram em muito, alguns suspiros produzidos por uma pessoa agonizante.

32 -Nêgo Fugino de Catupé - O que parecia ser apenas brincadeira de criança em Rio Paranaíba- MG, possui origem ancestral de resistência negra. Brincar de " nego fugido" está na história dos escravos ao fugir dos seus algozes e adentrar nos matagais, usando palhas das palmeiras e grandes folhas como disfarços.

Dançadores de catopês- atuais catopés ou catupés - assustavam com seus ritmos violentos; ligeiros pés acompanhando gestos capoeiristas protagonizados pela energia de alguns temidos capitães. José Brasileiro era desses afamados a usar molas no interior do bastão, conseguindo fazer sair do mesmo vários objetos estranhos; mágicas danças e fortes cantorias, afugentavam serpentes ou produziam surgimento de gaviões para levá-las.

No Recôncavo Baiano ainda existe a tradição de festejar" nego fugido" no mês de agosto; as pessoas costumam vestir palhas de bananeiras para evitar os senhores (Video, 14110/00, Arq:JB).

33-Na Linha do Mar -Símbolo real de resistência escrava, transformado sutilmente em simples mito. Os dançadores quando agrupados, erguiam acima das cabeças, as suas espadas para proteger algum membro procurado pelos senhores de engenho. Posteriormente, para impedir que nas representações,houversem homenagens aos escravos revoltosos, plantou-se a lenda de que os porretes eram lembranças dos negros que lutavam contra as feras no mar, para buscar a imagem de Nossa Senhora.

Esse foi um dentre os centenas de métodos repressivos utilizados pela Igreja Jesuítica na esperança de destruir os muitos outros sistemas de enfrentamento criados pelos escravos via estratégias culturais.

34 - Ritual de Moçambique em Torno do Mastro Alteado - é um momento marcante das fusões simbólicas representadas através do mastro tanto em um Terreiro de Candomblé, quanto na Praça da Igreja, local que o mimetismo surge ritualisticamente.

Os dançadores moçambiqueiros realizam intensos movimentos corporais, dançando em círculo como se abraçando o mastro e logo depois com os bastões erguidos, sustentam a base do madeiro até que o mesmo atinja a posição vertical.

Em seguida, novas gestualidades coreográficas em volta do mastro(possuidor de força energética) idêntico ao "Ixê " (mastro central dos terreiros, em tomo do qual se realizam as danças sagradas e onde estão plantados os Kapiás e as mirongas(poderes para vencer disputas calorosas" (SILVA, 1994, p.36).Esse ritual evidencia os motivos que levam os temos de moçambique a entrarem em conflitos quando o assunto é o levantar do Mastro

do Rosário, uma vez que o mesmo fluidifica os dançadores com as suas energias e possibilita inspirações poderosas nas cantorias, capazes de

derrotar seus oponentes em caso de surgir Kanvuanza -confusão (Video,25/07/ 1999, Arq:JB).

35 - Bastão de Xangô - de cor vermelho e branco na base com um machado de cor branca no ápice, esse instrumento nas mãos do capitão-principal, evidencia o quanto tem-se de paralelismo nesse bastão que difere do mimetismo, pois o "machado de pedra branca" (símbolo energético de Xangô, apresenta as mesmas funções nos dois rituais: confere poder a quem esteja de posse desse cajado energizado, verdadeiro abridor de caminhos e o capitão vem todo vestido de branco, colar de contas verde no pescoço, silencioso a caminhar do lado direito ou na frente do temo de congo, compenetrado em sua função de protetor. No mimetismo ocorre a fusão de algumas práticas congadeiras com determinados simbolismos cristãos populares e no paralelismo as representações se manifestam lado a lado, integradas juntas e independentes entre si. (Video, 26/11/1995 ,Arq:JB).

36 - Congá - significa dançar congada exclusivamente em reverência ao Rei e Rainha do Congo, acompanhados por toda a corte e demais súditos; usando vários ritmos: o batidão - cadenciado mais ligeiro; a batidinha- cadenciado normal; o rojãotoque rápido para evoluir com entusiasmo; cerradão -os congadeiros dançam em conjunto, formando círculos, filas duplas ou blocos compactos.

Nos últimos anos tem surgido alguns temos de congado, principalmente no Alto Paranaíba, cujo objetivo é de apenas diversão pública do próprio grupo e de espectadores; em um trabalho mais condensado será possível classificá-los em um futuro próximo, como grupos simplesmente folclóricos, diferenciando-os daqueles que vivem o congado enquanto ritual étnico de resistência cultural.

37 -Luta Baixa - duas colunas antagônicas, ambas com os joelhos semi-dobrados e logo após a meia altura, realizam um alegre entrechoque de bastões coloridos, através de um rápido jogo de avança-recua ou indo sucessivamente para trás e retomando em seguida para o ponto de origem, com os corpos acocorados. Essa dança é comum no Temo Vilão Fantástico de Serra do Salitre-Minas Gerais (26/11/95,Arq:JB).

38 -Guerra de Capitães - Coreografando a luta de hierarquias tribais, três capitães auxiliares e o capitão-principal do moçambique, dançam dentro de um círculo formado pelos companheiros e em determinado momento, combatem-se com os bastões, os quatro dançadores guerreiam ao mesmo tempo, produzindo gestos e golpes sincronizados, que impressionam os próprios combatentes (26/11/95, Arq:JB).

39 Gungar No Chão.

Movimento brusco e repentino, raramente executado pelo capitão[Moisés], Patos de Minas. Em um rodopio de trezentos e sessenta graus sobre si mesmo, com os pés paralelos e fixos no chão e logo após alguns segundos, completando o movimento circular com ambos os pés quase rentes ao cimento e o corpo posicionado à altura da cintura ou todo ereto.

Foi em frente ao altar da Igreja Matriz de Rio Paranaíba-MG, que Moisés inspiradíssimo conseguiu executar essa rara reminiscência de danças tribais africanas (Vídeo, 26/11/95,Arq:JB).

40 -Bizarriá - Cantar brincando com o capitão de outro temo ou ironizar acontecimentos sociais, políticos e históricos:

A canoa afundô
lá no meio do má
porque marinheiro
num soube remar.
A galinha botô e chocô
e só num deu ovo
que o pinto criou.

Na primeira estrofe, há uma ironia explícita aos marinheiros que afundam com as canoas e sob o disfarce desse canto esconde-se uma gozação aos comandantes de ternos que deixam o grupo acabar, por falta de comando. Na segunda cantoria prevalece a intencionalidade despretensiosa, e os versos são idênticos aos cantos do Norte de Minas "cada rei com sua rainha! cada galo com a sua galinha".Os bizzariadores dizem que tudo surge na hora: " baixa assim na gente que nem fosse alma de escravo ou dos antigos"; "a gente nem acredita que saiu da gente mesmo".

41 - Préstito de Reis - As procissões e desfiles nas congadas, possuíam no início somente duas liteiras[espécie de andor carregado por quatro homens, dois na frente e dois atrás] e em cima havia uma cadeira para que o Rei e a Rainha ficassem sentados e protegidos com um guarda-sol..A veneração era somente para os membros que simbolizavam o Reinado Congo ou impérios africanos; a inclusão dos Santos católicos surgiu com a interferência dos padres dentro do cerimonial.

E agora [26 de outubro de 1995, em Rio Paranaíba, Minas Gerais], os desfiles e ritos processionais apresentam: moçambiques à frente fazendo suas cantorias em homenagem ao Rei Perpétuo e a Rainha Perpétua; Rei e Rainha do Congo; Cortejo Real de outras cidades, todos protegidos em um quadro enfeitado e colorido, tendo ainda o capitão chefe e o capitão auxiliar com suas espadas cruzadas ao alto para defender o espaço territorial.

Em seguida vem os catupés, os congos e os festeiros; um pouco atrás surge a comitiva cristã, o sacristão, coroinhas, ministros, o padre, a cruz, o andor de Nossa Senhora[não havia São Benedito] e o povo orando ou a cantar músicas católicas e fechando o ritual, outros temos visitantes (Vídeo, 26/11/1995,Arq:JB).

O Tambor, a palavra e a dança, são os três pilares básicos da estrutura congadeira. O eco do tambor já é captado pelos homens em pleno mundo intra-uterino; a palavra é o elo mágico responsável pela contínua renovação das cantorias, é através dela que fluem versos capazes de contar uma história de cem anos em apenas dez estrofes e a dança é uma coreografia em retrato ao vivo, traduzindo os tempos passados, as lutas do presente e as tendências futuras.

1.2- Ritmos, Evoluções, coreografias.

01 -Marcha - ritmo utilizado para deixar os congadeiros descansarem depois de terem dançado freneticamente.

02 -Rojão - é a percussão da energia, faz os dançadores evoluírem através de movimentos alucinantes.

03 -Coração de Jesus - o temo de congo tem duas filas. A do lado direito retoma para a direita e conduz sua coluna até encontrar-se com seu último componente. O mesmo procedimento é realizado pela fila oposta. No final tem-se o formato de um coração.

04-Rastro da serpente - os dançadores de Congo fazem que as duas colunas se tomem apenas uma e continue evoluindo sinuosamente, realizando movimentos semelhantes ao de uma serpente.

05 -Volta da Maré - separados em duas colunas, os congadeiros ao sair dançando se voltam repentinamente; a coluna da direita faz um giro de 160 graus para o lado esquerdo através de seu primeiro dançador; a coluna da esquerda faz o mesmo giro para o lado direito e ambos seguem produzindo uma coreografia parecida com as marés que chegam às praias e retomam para o mar.

06 -Na Linha do Bastão - estilo de dança executada em temos de Moçambique exige grande resistência física do dançador, o moçambiqueiro coloca o bastão em linha horizontal pouco abaixo do joelho, segurando-o com ambas as mãos. Acompanhando o ritmo dos tambores ele evolui dançando, passando sequenciadamente um pé após o outro, por cima do bastão.

07 -Batuquerê - coreografia utilizada por congadeiros que possivelmente tenham dançado em uma roda de batuque. Forma-se um círculo e no centro cada componente realiza sua dança individual.

08 -Dança das Espadas - Essa coreografia remete os olhares mais atentos a uma África distante como se a contemplar dois guerreiros de etnia Zulu - África do Sul - com seus hábeis saltos que estremeçam o corpo quando seus pés fincam na terra batida de toá; dois moçambiqueiros dançam se esgrimando, um pouco distante do temo; esses ritmos se completam com o entrechoque de espadas ora no ar, ora quase rente ao chão.

09 -Dança da Serpente - retrata a lenda dos velhos capitães que dançavam em volta de uma serpente feita de pano e madeira leve e sob o ritmo do chocalho de uma cascavel, imitando seus movimentos de ataque e defesa, os dois capitães de um mesmo temo, duelavam entre si..

6.3 - Rituais de Coroação

Várias regiões do estado de Minas Gerais ainda celebram os rituais de congado em seus festejos de coroação. Geralmente acontece em três dias - Sábado, Domingo e Segunda - sendo que a maioria desses reinados ocorre entre os meses de maio e novembro. Abel Jerônimo da Silva, comandante geral da festa em Rio Paranaíba-MG diz que os rituais obedecem ao seguinte cronograma:

O Início - Sábado de manhã acontece o levantamento dos mastros de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito.

Domingo - de manhã, todos os ternos visitam os mastros em frente à Igreja do Rosário.

Festeiros - vários ternos realizam visitas aos festeiros que ajudam na organização da festa.

Desfile - por volta das dez horas da manhã, acontece o desfile dos ternos. Em algumas cidades ocorre visitas à Igreja Matriz, em Uberlândia tudo acontece na Igreja do Rosário.

Hora do Almoço - todos os congadeiros se dirigem aos seus quartéis para almoçar e descansar.

Buscando o Reinado - às quatorze horas alguns ternos e os moçambiques saem em busca do Rei Congo e Rainha Conga para reunirem-se ao Rei Perpétuo e à Rainha Perpétua.

Puxamento da Coroa - após serem coroados, os reis são colocados dentro de um quadro enfeitado e se dirigem em procissão até à Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Os ternos de moçambique são os responsáveis pela guarda do coroamento. Os Marujos, marinheiros e catupés juntamente com os congos, fazem parte do acompanhamento processional dançando e cantando.

Coroação dos Novos Reis - dentro da Igreja do Rosário são coroados o Rei Congo e a Rainha Conga do próximo ano.

O capitão inicia a cantoria:

I - Ei, ei, meus irmãos

Que hora é tão boa

Vamo começá coroação 2X

Licença eu pegá sagrada coroa.

II-Com a coroa nas mãos dirige-se ao novo Rei:

Ei, ei vamo festejá

Ei, ei vamo coroa

Ei, ei que grande emoção 2X

Ei, ei vamo coroa.

III -Em seguida, pede licença ao antigo Rei, para retirar o manto:

Ei, ei, tá de parabéns

Peço licença das minha mão

Retirá manto de nossa mãe 2X

Peço licença a virge também

Ei, ei, ei, a virge também.

IV - Segurando o manto azul, canta, mostrando-o aos devotos:

Ei, ei meus irmãos

Que grande alegria 2X

Esse é o manto

Da virge Maria, ei, ei.

V -Finalizando, pede licença para colocar o manto de novo Rei:

Ei, ei, me dá licença

Ei, ei que vo colocá

Manto da virge vo colocá 2X

Coroa no Rei vamo coroa

Pra terminá coroação, ei, ei.

Todos os moçambiqueiros participam respondendo em coro, ainda que de uma forma não bem sincronizada (Áudio 20/10/1991. Arq:JB).

Descoroamento do Reinado - em Rio Paranaíba- MG, após o coroamento de Nossa Senhora, os temos levam os reis às suas residências; a partir desse momento, os antigos estão liberados e os congadeiros podem realizar suas visitas por toda a cidade.

Despedida dos Visitantes - no domingo depois do jantar, as guardas que vieram de longe, entoam seus cânticos de despedida. Emocionados, sempre prometem participar dos próximos festejos.

Encerramento da Festa - a segunda feira é movimentada, nesse dia acontece descerramento do mastro e os temos da cidade realizam inúmeras visitas acompanhando as pessoas que desejam pagar promessa

Ao cumprirem seus votos, aqueles que alcançaram as graças, caminham ao redor da Igreja do Rosário à frente da guarda de moçambique partir de 2001, é provável que o reinado em Rio Paranaíba-MG, aconteça apenas no sábado e domingo, para satisfazer aos reclamos patronais, que perdem vários trabalhadores na segunda feira.

6.4- Reinado em Uberlândia

Uberlândia realiza os festejos no Domingo e Segunda feira, geralmente no segundo domingo do mês de novembro foi assim o cronograma da festa do ano de 1999 .

Domingo, dia 14 de novembro:

06:00 h: Alvorada Festiva

08:00 h: Todos os Ternos na Casa do Presidente da Irmandade do Rosário.

09:00 h: Desfile dos Ternos pela Av. Floriano Peixoto, começando na Praça do Fórum.

10:00 h: Missa na porta da Igreja do Rosário.

15 :00 h: Buscar Festeiros na Rua Mateus Lucas Martins nº 17, Bairro Santa Mônica.

18:00 h: Encontro dos Ternos na Praça Tubal Vilela.

19:00 h: Procissão, sendo que os Ternos deverão participar tocando seus instrumentos.

Segunda-Feira, dia 15 de novembro: Manhã livre.

13:00 h: Visita aos Festeiros na Rua Mateus Lucas Martins e na Av. Belarmino Cotta Pacheco 1610, no Bairro Santa Mônica.

18:00 h: Lanche na Oficina Cultural de Uberlândia.

20:00 h: Despedida na casa do Presidente da Irmandade.

22:00 h: Despedida na Igreja de Nossa Senhora do Rosário.

O Reinado em Uberlândia é semelhante aos demais festejos que acontecem no interior de Minas Gerais quando o assunto fica centralizado na fé. Há entre os congadeiros, vários participantes cumprindo uma espécie de destinação: o pai sonhou com o filho dançando no terno como um caixeiro de frente ou a mãe fez uma promessa de colocar a filha segurando uma fita de estandarte no grupo que foi do avô.

Alguns sonham que estão vestidos com a roupa de determinada guarda e mesmo contrariados, resolvem realizar o sonho ainda que enfrentando enormes desafios, quer sejam de ordem espiritual ou física e são capazes de vivenciar os quarenta dias destinados aos rituais que iniciando-se em setembro, chega gloriamente ao segundo domingo de novembro.

Impossível deixar sem registro um acontecimento paralelo importantíssimo no dia da festa. Enquanto os congadeiros contagiam as pessoas presentes na Praça do Rosário e ruas próximas, um ritual inicia-se nos quartéis; a **feitura do almoço** que movimenta outro povo voluntário; nesse ambiente aparece toda a hospitalidade congadeira qualquer um sempre é bem vindo, do prefeito ao mendigo, o almoço é o instante máximo de um encontro verdadeiramente fraternal.

No início de outubro do ano dois mil, já se ouve os sons dos tambores de algum tempo percorrendo toda a extensão da Avenida Belarmino no Bairro Santa Mônica em Uberlândia. É o Congo Sainha com José Eustáquio visitando o "véio cirão" [Sr. Ciro].

Ramon do Moçambique de Belém afirma que "é preciso cuidado ao falar do congado, pois ele é de um jeito em cada lugar". Enquanto em Uberlândia prevalece um congadismo vinculado à resistência negra, em outras cidades ainda há venerações aos brancos através da Princesa Isabel e usando pessoas de origens burguesas para ocuparem postos de Rei, Rainha, princesas, anjos e demais hierarquias congadeiras.

Se em outros tempos, a presença dessas ilustres personalidades sociais representava um certo protecionismo contra a perseguição aos cultos afros, com o surgimento da liberdade religiosa, muitas guardas de congado retomam as raízes e práticas mais africanizadas e paulatinamente reconstituem a corte formada somente com elementos oriundos da comunidade negra. Entretanto, isso não elimina genericamente em todas as cidades de Minas, a subserviência dos mais antigos que continuam em alguns lugares, louvando a Princesa Isabel como se a mesma fosse uma santa.

Nesse sentido, tem-se uma reinação congadeira uberlandense diferenciada em alguns aspectos, de todas as festas regionais. A cidade apresenta a cada ano uma consciência crítica, valorizando as suas especificidades culturais e elaborando cantigas de teor social e político através dos novinhos capitães, fazendo da festa em louvor a Nossa Senhora e a São Benedito, um grito favorável aos excluídos, uma dança reforçando a identidade étnica de um congado qual autêntico e maior acontecimento afro na cidade de Uberlândia.

6.5- Cantorias no Congado

1- Cantos de Louvação - verdadeiras orações entoadas pelos temos. Canta-se para Nossa Senhora, Santa Ifigênia, Nossa Senhora da Aparecida, São Gonçalo e São Benedito, principalmente.

2- Cantos de Partida - realizados no instante em que os temos se preparam para deixar a residência visitada. Essa cantoria tem um grande significado, é através dela que os congadeiros ficam preparados para continuar a jornada em paz.

3- Pontos de Demanda - executados quando dois capitães se encontram e tentam rivalizarem-se através de cânticos que denotam ironia ou conhecimento.

4 - Cantoria de Chegada:

Oi dá licença
Prá gente chegá Viemo de longe
Prá te visitá
Oi lêlê lê oi lálálá

5- De Louvação:

Virge Maria lá in vêm iáíá
Com seu manto explendô iáíá
Tá sorrindo de alegria iáíá
Tá sorrindo de alegria iáíá.

6 - De Partida:

Oi que é hora
Nóis vamo imhora
Vamo com Deus
E Nossa Senhora.

7 -Pontos de Demanda:

Quando tô subindo morro
Num peço bengala não
Vergonha é todo moço
Que precisa de bastão

6.6- Cantorias de Moçambique para Nossa Senhora

1- Quando vi minha mãezinha iáíá

Lá no mei da mata virge iáíá

Tava cheim de anjim íáíá
Cheim de anjim do céu íáíá.

2- Virge Maria lá in vém íáíá
Lá do mei da mar in vem íáíá
Pra sê rainha na terra íáíá
Pra sê rainha na terra íáíá.

3- Vim de casa muito alegre íáíá
Prá adorá minha mãezinha íáíá
Ela é Nossa Senhora íáíá
Ela é Nossa Senhora íáíá.

4-S01 tá lá no mei do céu íáíá
Já de quase mei do dia íáíá
Onde tá sinhá rainha íáíá
Onde tá sinhá rainha íáíá.

6.7- Cantorias de Moçambique para São Benedito

1-São Benedito
Já foi cozinheiro
Fez moçambique
Pro moçambiqueiro.

1-Meu São Benedito
Chegô no quartel
Fez tanta comida
Que encheu o céu.

3-São Benedito
Tão preto que só
Deu a liberdade
Pro meu bisavô.

4-Na terra tigela
Patrão num incheu
Vei São Benedito
E a fome morreu.

6.8- Cantorias de Congo Para Nossa Senhora.

1- Essa santa é muito antiga

Essa santa é muita antiga
Do tempo da escravidão
Do tempo da escravidão.

1-Lá na mata ela surgiu

Lá na mata ela surgiu
Foi o Congo que achou
Foi o Congo que achou.

3-Já era de madrugada

Já era de madrugada
Congo sereno chorou
Congo sereno chorou.

4-O orvalho da manhã

O orvalho da manhã
Foi chorá do nosso oiá
Foi chorá do nosso ioá.

6.9- Cantorias de Congo Para São Benedito.

1-Meu São Benedito

Tem pena de mim
Ajuda eu vivê
Lá no meu cantim.

2-Foi São Benedito

Que deu liberdade
Pra todo escravo
Na Igreja entrá.

3- Vim lá de longe

Deixa eu passá
Meu São Benedito
Vim adorá.

4-Viva o meu São Benedito

Viva o meu São Benedito

Até o ano que vem
Até o ano que vem.

6.10- Cantorias Antigas e Modernas [Quase uma reconstrução memorial]

1-O preto quando fugia
Do sinhô virava nego
Capueira intão cumia
Fosse noite fosse dia.

Quando o escravo era comportado, o senhor considerava-o um preto bom e ao fugir, transformava-se em negro mau; escondendo na capoeira, esse fugitivo desenvolvia a capacidade de lutar.

2-Macu que Ambrósio chega
Pra robá moça bunita
Dona da fazenda deita
Vigiano sua fia.

Ambrósio teve um quilombo nas divisas de Ibiá e Rio Paranaíba-MG. Ambrósioo capitão - seria uma figura lendária e rebelde de uma das antigas secas que atingiram o arquipélago de Cabo Verde. Em Minas Gerais, Ambrósio provocava temor e o "macu" silêncio - era para os fazendeiros ficarem à espreita protegendo suas filhas dos possíveis assaltos liderados por Ambrósio.

3 -Marimbondam marimbondam
Europa num passa aqui
Marimbondam marimbondim
Europa num entra aqui.

Um enxame aparece na frente do temo e o capitão de moçambique faz as abelhas retomarem.

4-Oi dá licença
Quero passá
Estou com fome
Quero jantá.

Cantoria irônica de um capitão impaciente com temo de Congo que atrapalhava sua passagem.

5-Lá na minha terra

Eu toco demanda
N a terra dos otros
Os otros é que manda.

Antiga cantoria de capitães que possuíam força espiritual. Em Rio Paranaíba-MG Velho Emídio e Zé Brasileiro eram capazes de amarrar um temo na porta da Igreja do Rosário e ainda desafinar todos os instrumentos. Os supersticiosos diziam que eles realizavam essas proezas através de "rezas bravas".

6-Oi lá em cima

Eu sou campeão
Trago onça na boca
E o veado na mão.

Quadra irônica cantada por capitão em terno de Catupé. Esses versos geralmente provocavam os comandantes de outros grupos de moçambique.

7-Eu vou eu vou

Pra minha Angola vou
Lá vô tê roda de banzo
Lá vô vê o meu avô.

João Francisco, conhecido cantador de "Angola" em Serra do Salitre-MG, gosta de falar que vários negros voltaram para a África depois da Alforria e uns foram deportados ainda antes por que não podiam ser executados no Brasil, o estado temia que eles virassem heróis.

8 -Tem sinhô que faz de conta

Que gosta de escravo sim
Mas é sinhô sem amô
Que matô o meu fiim.

Capitão moçambiqueiro diz da dor de uma escrava em ver seu filho estraçalhado por cães. Essas ordens partiam das sinhás enciumadas que acreditavam ser os filhos resultantes de aventuras amorosas de seus maridos.

9-êêê escutai oh meu comandante

Nós não pode fazer demora
Nós estamos pedindo auxílio
Em nome de Nossa Senhora, ai, ai.,ai.

Quando um moçambique está diante de outro terno e o mesmo demora para sair, o capitão avisa-lhe que precisa ir embora pois está em campanha-pedindo donativos - para realizar a festa de congado.

10-Puliciô puliciô ei, ei

Cadê nosso generá ei, ei
Puliciô puliciô ei, ei
Vo dançá vo passeá ei, ei

Quadra de crítica social entoada por capitão de catupé. Os congadeiros só podiam sair com autorização do delegado. Quem ousasse desobedecer era perseguido

pela polícia. Assim aconteceu com todas as manifestações afro-religiosas.

11-Vim de Angola

Vo festejá
Lá no quartel
"golina" vo dá.

Capitão convida os companheiros para comemorar em sua casa - o quartel - o fim de mais uma festa do congado e para manter viva a tradição de africanidade ele vai oferecer "galoína" - uma espécie de cachaça - que servida somente um pouquinho simboliza a continuidade dos dançadores no mesmo terno no próximo ano.

12 -Padre novato

Festa enterrô
Num quis mais benzê
Mastro abandonô ai, ai.

Um padre desconhecedor dos costumes, recusou-se a benzer o mastro de Nossa Senhora e sem essas bênçãos a festa ficou enterrada - sem ser realizada - por vários anos. No dia quatro de setembro de 1999, já quase noite, às dezoito horas, um moçambique realizou o levantamento do mastro. As portas da Igreja do Rosário ficaram fechadas durante todo o ritual por ordens do padre da paróquia na cidade de Serra do Salitre-MO. Esse pároco demonstrava não estar em sintonia com a comunidade congadeira.

13-Ehhhhhhhhhh!!!!!!

Moçambique vem da guerra
Lutô contra escravidão
Onde o Moçambique passa
Levanta poeira do chão,ai,ai,ai.

Essa cantoria, realizada pelo capitão de Moçambique de Rio Paranaíba, revive a lenda dos cantadores mais antigos, possuidores de energia capaz de fazer seus termos desaparecerem em uma nuvem de poeira, ou ainda afastar tempestades que pudessem terminar com o reinado.

Nêgo da Tiana ainda cria versos de improviso:

tá filmando essa folia
leva de recordação
quando ocê senti saudade
só ligar televisão ,ai,ai,ai.
Tá gravando essa folia
no radim de pilha tá
quando ocê quisé ouvi
só ligá in qualquer lugar

14 - Vida De Congadeiro

Congadeiro Nasceu livre
Lutô Contra Escravidão
Mas a Vida É Muito Triste
Negro Virou Solidão.

15 - Pulhá de sinhô

Eu não sô negrero
cria de ninguém
eu sô congadero
não sô nênen.
Num sô pediguero
neguim de sinhô
sô moçambiquero de muito valô.

Essas pulhas (cantorias depreciativas ou de escárnio), eram dirigidas aos senhores convictos de suas supremacias raciais e que tratavam os negros como bichinhos de estimação. Na realidade, os dois capitães criticam com seus versos, os fingidores racistas capazes de usarem chantagens psicológicas para fazer o empregado acreditar que era um querido social; entretanto essa farsa desaparecia assim que cessava a força física do trabalhador, quer fosse de estima doméstica ou estivesse no eito da roça. No Recôncavo Baiano, muitos hinos autenticamente "religiosos tomaram-se em pulhas de sinhô," uma forma de vingança dos escravos que em festejos, zombavam dos seus algozes através de cantarolas satíricas (Audio, 20/12/1995, Arq: JB).

16 - Pirraça e Bacaiá.

eu vô, eu vô

eu vô pirraciá
eu num vô trabaiá vô só pirraciá.

Fazer pirraça era uma forma de resistência escrava muito utilizada. Para defender um companheiro, os escravos realizavam uma greve silenciosa, pirraçenta e ainda que sob o açoite do chicote de couro cru e feito de bacalhau, todos recusavam a trabalhar fazendo às vezes, o açúcar perder, o canavial queimar e a colheita de café diminuir (Áudio,20/1 O/1995,Arq:JB).

17 - Visitá o Zumbá

Ei! eu vim te visitá!
eu vim te visitá!
dá licença oi me dá.
Ei! Galanga me mandô
Galanga me mandô
visitá o Zumbá.
Ei! cadê o generá?
Cadê o generá que eu vim visitá!
oi lê lê lê ,oi lá lá lá (Áudio,20/10/1995,Arq:JB).

Essa cantoria de catupé, retrata a existência do lendário Chico Rei[o Galanga] e do Quilombo de Zumbá(esconderijo de Muzinga,o filho de Chico Rei).Nesse quilombo situado na Província de Vila Rica(atual Ouro Preto), havia um velho general, o sábio, o mestre, o guardador da história oral.Enquanto Chico Rei preferia a compra de liberdades dos escravos urbanos, através do trabalho nas minas de ouro e lavouras; o seu filho Muzinga optava pela fuga e o confronto, tendo vida independente no Quilombo de Zumbá (Áudio,20/1 O/1995,Arq:JB).

18 - Êta coisa tão bonita

êta coisa tão bonita
esse tronco que dá vida
esse tronco que dá vida
fé prá nós continuá
fé prá nós continuá.

O axé que sai do tronco, energiza os instrumentos e retoma para os galhos da árvore para em seguida transmitir a vitalidade física e mental aos participantes da roda sob a sombra do arvoredo sagrado, reminiscência do àpá-kóko (tronco fincado na terra) mimetizado em mastro de adoração e após um Pai Nosso, os congadeiros ficam livres para dançar nos festejos da cidade de Rio Paranaíba-MG.

É o tempo em que os homens com os seus cajados, nascidos dos galhos da árvore

mãe, cultuam os símbolos externos fixados no cimo dos bastões e saem venerando os antigos costumes herdados de seus mais lógnquos ancestrais (Vídeo,26/11/1995,Arq:JB).

19 - Só dispois que o congo passá
chuva vai chovê
terra vai moiá
oi lê lê oi lá lá lá

O verso simples traduz um dos mais antigos mitos associados ao mundo congadeiro de que as grandes chuvas só aparecem depois da festa dos congos, no imaginário espiritual compartilhado por expressiva maioria da população humilde, os congos ainda conseguem segurar as chuvas nas nuvens até o último dia dos festejos ocorridos no segundo domingo do mês de novembro.

20 - Oiá de nego oiô
prá Zâmbi que ninguém vê
oiá de Zâmbi abriu
um oio no céu abriu.

Para João Francisco de Serra do Salitre-MG essa música fala do negro na senzala sem janela e com o olhar atravessando o teto de barro para encontrar-se com Zâmbi (o deus protetor dos escravos). " Isso é coisa dos nosso antigo que dispois fazia uns xiquexiques trançado cum varas de bambu e botava no meio de cima uma pedrinha assim branca que nem essas de malaxeta (malacaxeta) e lá dentro eles botava umas coisas de mandinga prá deixá eles protegido contra tudo".

21 - Ehhhhhhhhhhh
essa gunga vem de longe
vem lá do meu ancestral
essa gunga é muito antiga
ela vence todo mal,ai,ai,ai.

Cantoria de moçambique que reafirma o poder sagrado das gungas ainda existentes em solo africano. Orionides de Rio Paranaíba, gostava de cantar esses versos vindos do Velho Emídio.

22 - Eu vou eu vou
dançá dançá eu vou
vou tocá meu reco reco
vou bater o meu tambor.

Eu vou eu vou
fugir eu vou 'eu vou
vou chamar Zâmbi de novo
vou fugir do meu sinhô.

Canto que remete aos antigos Catupés de reco reco que usavam apenas esses instrumentos e tambores. O Professor Ayres Veríssimo do Sacramento Major, diz que na Ilha de São Tomé e Príncipe (descoberta no Século XV), ainda existe o Dança Congo que são grupos semelhantes aos Catupés de reco reco do Alto Paranaíba pois, usam os mesmos instrumentos e coreografias guerreiras que foram transformadas em rituais demoníacos pelos colonizadores que temiam as grandes revoluções.

23 - Oh meu sabiá
oh meu sabiá
toda madrugada
eu sonho com você
se você duvida
eu vô sonhá pra você vê.

Cantoria da velha guarda do Congo Sainha, na Festa do Rosário de Uberlândia que foi realizada no segundo domingo do mês de novembro.

24 - Deixa chovê
deixa moiá
eu sou do Azul de Maio
não posso pará.

Cantoria do Azul de Maio que saiu sob chuva fina desde o seu quartel no Bairro Roosevelt até à casa do Presidente da Irmandade e sempre a bater tambor, participou do desfile iniciado na Rua Prata e chegou frente a Igreja do Rosário; em seguida retomou cantando e dançando, sempre a pé para almoçar em seu quartel (Vídeo, 12/11/00,Arq: JB).

25 - "C..) Ai ai meu Deus
como dói o coração
Manoel Rodrigues
quanto tempo já passou
há quase trinta anos
'que o Belém aniversariou
no céu no céu na terra!
já rezei pros Preto Velho!

pra dar força e muita união!

Manoel Rodrigues, Rafael, Leônidas, Protássio e Matinada (...)" .

Com uma percussão triste e saudosista, o Moçambique de Belém legitimou através das uníssonas vozes dos seus dançadores, o autêntico culto aos ancestrais de hierarquias superiores, lembrando antigos congadeiros, além dos Pretos Velhos (Áudio, 12/11/00,Arq;JB)

Capítulo 7

7.0 O congado em Rio Paranaíba – MG



1- Crispin Jaques (com a coroa de Rei Perpétuo) em Janeiro de 1938.
2- João Brasileiro (tio de Jeremias Brasileiro) em Romaria, no dia 15/01/1951 (Arq:JB).





Igrejinha do Rosário de Rio Paranaíba, marco histórico da presença negra na Região de São Francisco das Chagas do Campo Grande. Construída em 1763, teve Jerônimo Brasileiro (pai de Jeremias Brasileiro) enquanto zelador e tesoureiro da mesma até o ano de 1974, quando resolveu mudar para a cidade de Uberlândia (1995; Arq: JB).



Moçambique de Rio Paranaíba – MG / 1995 – Arq. JB.



Moçambique do Velho Emídio e de Ovídio Jerônimo (Fonte: Helenice)

7.1- Quintalião no Quilombo de Ambrósio

“**Q**uintalião era escravo fugitivo da distante Sul de Minas. Após várias luas a caminhar sempre se escondendo durante o dia, Quintalião acreditou que a sua liberdade enfim chegara, ao encontrar-se com um negro quilombola. Quintalião chorou de alegria ao saber de outros negros livres em tão vasta região e resolveu fincar morada no local de suas lágrimas derramadas. A proximidade com o Quilombo de Ambrósio, fortalecera-lhe a fé.

"Ambrósio é foragido da Vila de N.Sra. da Conceição do Rio das Mortes. Filho de reis africanos, conhecia as estratégias militares e em uma área maior que trinta alqueires de terra, cercada por altas estacas de aroeira, Ambrósio construiu uma fortaleza. Seu quilombo protegia os negros de uma imensa região. Em sua época desenvolvimentista chegou a possuir mais de cem choças, com paiós para depósitos de mantimentos além de roças para reabastecimentos. Guerreiros armados com lanças, zagaias e trabucos, cuidavam da segurança em pontos estratégicos.

O Quilombo de Ambrósio abrigou milhares de negros fugitivos e durou cerca de vinte e dois anos - só foi destruído em 1746 - 51 anos depois de dizimado o quilombo do heróico Zumbi de Palmares. No atual Município de Rio Paranaíba-MG - juntamente com as divisas de Ibiá - ainda existe o Alto Quilombo, que chega até à Fazenda São João."(VARGAS, 1995,p.19).

De acordo com o pesquisador Tarcísio José Martins, no atual município de Rio Paranaíba existiu o Quilombo ou Povoado da Pernaíba com mais de 70 casas. O Quilombo de Campo Grande possuía cerca de dezoito povoações esparramadas pelo Alto São Francisco, Alto Paranaíba, Triângulo, Centro Oeste e Sudoeste de Minas.

Quintalião, fabricou instrumentos rústicos: violão feito com fios retirados da cauda de um cavalo e esticados na casca de uma árvore e tambor construído com madeira oca tendo pedaço de couro amarrado na extremidade. Nos cerrados de Campo Grande, Quintalião encontrou dois negros "F"(fugitivos marcados quando capturados pelos senhores) e juntos começaram a entoar cânticos relembando os seus ancestrais. "Isso aconteceu nos tempos dos antigos, foi nossos avós que contaram a nossos pais" finaliza Dona Maria Rocha(07 /05/1981).

7.2- Uma Herança Ancestral

Embora desconhecida da população negra rioparanaibana, a história congadeira do antigo - São Francisco das Chagas do Campo Grande - atual Rio Paranaíba-MG está intimamente ligada aos escravos que habitaram essa enorme região. Antonio Camarim foi um tamborzeiro escravo. Rosa Manca fugiu de Areias - região rural de Rio Paranaíba - arrastando pesadas correntes presas às pernas e ainda assim conseguiu chegar ao arraial. Paulino Álvares da Cunha, 84 anos e natural de São Gotardo diz que lembra de Sô Crispin: "ele era mesmo naquele tempo racista e cruel, um preto de grande valor, sabido sacristão, trabalhava no grupo escolar e ninguém fazia hora com a cara dele não".

Muito lúcido, Paulino recorda os tempos da Tia Eugênia e Tio Eugênio. Diz que Tia Terta "deve ter sido parteira de todo o Rio Paranaíba ; pois sempre era ela que cuidava das mulheres em trabalho de parto. Ainda existe o moçambique do capitão Lúcio de Pouso Alegre- atual -Abaeté dos Mendes e o João da Manuela e seu temo de catupé, ah! O João Horácio teve um dos temos mais grandes do Alto Paranaíba" ,

É nessa raiz de notícias orais que o congado chega ao comando dos familiares Tertulianos, Valdivino Borges, Paulo da Genozae tantos outros unindo-se às gerações dos Simplícios, Duréis e os Brasileiros.

Nos dias de festa e outras comemorações cívicas ou religiosas, a casa simples de Jerônimo Brasileiro - responsável pela festa e tesoureiro da Igreja do Rosário - transformava-se em local de apoio para as pessoas vindas da Zona Rural. Era no grande quintal sob a sombra dos jaboticabais, manguezais, abacateiros, cajueiros e até das goiabeiras, que todos os cavaleiros amarravam seus animais de sela.

Em um córrego pequeno de águas límpidas quase já na chegada da cidade, as mulheres lavavam os pés e trocavam os chinelos por sapatos ou sandálias.

Na casa de Jerônimo Brasileiro, elas trocavam as roupas e iam participar das festividades programadas para aquele final de semana. Esses homens e mulheres da zona rural, consideravam Emiliana Terezinha de Jesus - esposa de Jerônimo Brasileiro - como uma grande mãe que acolhia todos com a maior simplicidade possível de existir em um ser humano.

Ovídio Jerônimo[**capitão de catupés**];João Sabino[**capitão de moçambique**];o temido Francisco Brasileiro[**capitão em Serra do Salitre**] e José Brasileiro[**capitão em Araxá**]; no terreiro, sentados em um tronco de madeira, esses verdadeiros capitães de congado contavam estórias e histórias que deixavam todos de olhos abertos até à hora de dormir; entretanto, no início do século vinte e um, somente João Brasileiro está na luta e é o último representante dessa geração.

João Brasileiro saía da fazenda de "Dosnana " município de Rio Paranaíba - e com outros congadeiros realizava uma romaria caminhante, para participar da Festa do Rosário em Serra do Salitre, quase setenta quilômetros de estrada e matagal. Apesar de todo sacrifício, de ficar ao relento e preocuparem-se com as onças durante à noite eles ainda reuniam forças para sorrir e ao chegar à Serra do Salitre, encontravam outros temos que estavam à esperá-Ios.

O Rei Perpétuo em Rio Paranaíba é Aderico - filho de Aristeu Silva - e a Rainha Perpétua é sua irmã Maria Célia. Ambos receberam a coroa do reinado de seus pais. Aderico Silva diz: "quando eu morava em Rio Verde lá em Goiás eu fui picado na perna por uma serpente venenosa. Aí eu dei de procurar um curandeiro e ele falou que só ia parar de sentir dor se eu fosse em toda festa de congado lá no Rio Paranaíba, é que meus pais vieram lá de um tal de "Grotão" naquelas redondezas mesmo."

Sempre que se aproxima os festejos, Aderico sente o retomo da dor no mesmo local e precisa vivenciar todo o reinado para fazer tal I atej ação sumir. Consequências de psicossomatizações antecipadas, essa dor que remédio não resolve, sempre surge quando

há dúvidas sobre a realização da festa em Rio Paranaíba; no ano dois mil, a reinação foi cancelada porque o soalho estava sem condições, devido ao abandono do Município.

7.3- Ternos de Rio Paranaíba - MG

Nessa cidade que está a 320Km distante de Uberlândia, existia um temo de moçambique, de congo e de catup, W. Em dia de festa, a cidade chegava a receber mais de trinta temos da região. Abel Jerônimo diz que Antonio Lerão (Antonio Pinto) é dono do Moçambique de Rio Paranaíba que possui José Malaquias como primeiro capitão.

Oronides José dos Reis - Nêgo da Tiana -foi cantador de catupés e de moçambique seu aprendizado deu-se através do Velho Emídio que passou-lhe todas as tradições a serem preservadas. O significado do Bastão no Moçambique é definido por Nêgo da Tiana como "um instrumento de defesa utilizado para proteger o Rei Negro e a Rainha Negra".

Cantoria com Nêgo da Tiana: Chico Rei foi infeliz

Sua sorte foi tirana

Ele sofreu num porão

De um navio africano.

Ehhhhhhhhhhhhhhhh!

O dia treze de maio

É motivo de pensar

Foi vitória do escravo

Que lutou até morrer.

De Zumbi a Chico Rei

Muito sangue derramou, ai, ai, ai..

Ehhhhhhhhhhhhhhhh!

A Princesa Isabel

Acabou com a escravidão

Só que a liberdade dela

Mandou nós foi pra favela, ai, ai, ai.

O Congo Sereno resiste há décadas e tem João Francisco e Vicente Borges ,como primeiro e segundo capitão, respectivamente. A sua formação é constituída de dois alferes no comando da Bandeira; primeiro capitão usando um pequeno tamborin auxiliar imediato usando tamborin; dois sanfoneiros, seis Pandeiristas, sete Viroleiros cinco grupos de cantadores, um tocador de cuíca, tocadores de Reco-recos e dois caixeiros. Dondico diz que não há mais cantação de pontos: "no passado quando dois capitães se encontravam, eles faziam jogo de esgrima e no final tudo terminava em paz. Hoje a gente nem pode esbarrar noutro capitão que ele se sente ofendido e às vezes resolve humilhar o companheiro. Isso acontece em outras cidades, mas aqui no Rio Paranaíba, recebemos todo mundo com muito amor".

Cantoria de Dondico:

Capim Daochê

É capim daochê! É capim daochê!

Passei na ponte e a ponte tremeu

Debaixo da ponte jacaré gemeu

Em cima da ponte o povo tremeu.

No tempo da escravidão

Toda mãe sentia dor

Que seu filho era vendido

Troco de um galho de flor.

Cantoria de Vicente Borges:

Aiô ! viva!

Aiô ! viva!

Viva o nosso coroá!

Viva o nosso coroá!

Onde está minha rainha!

Onde está minha rainha!

Tô querendo visitá!

Tô querendo visitá! (Áudio,26/11/1995,Arq:JB).



Moçambique
de Lagoa da Prata- MG.1999,
(Arq: JB)

Capítulo 8

OUTROS TERNOS DE CONGADO

8.1- Moçambique Manjerição

Terno de Bambuí-MG, apresenta colorido especial e indumentária interessante o capitão é conhecido pelo nome de Manjerição, que é curandeiro e benzedor possui duas formas de apresentação que o torna mais dinâmico e tem nos cantos e vestes um referencial africanista. Traz várias peculiaridades na sua visão ancestralista de preservar a memória cultural *dos* escravos: "sô moçambiqueiro, que vim lá de Angola, êta vida boa, esta vida minha". Traduz nos adereços toda a riqueza e diversidade existente através de: colar de contas *com* as cores vermelho e preto colar de contas amarela, vermelha e branca, colar de contas verde e branca; colar de contas verde, vermelho e azul.

Manjerição diz que " cada um *dos* capitães tem a sua medida de diferença e essa diferença é muito importante, cada um tem o seu vestuário, o seu guizo (patuá), a sua guia (fetiche), o seu assobio, o seu balanço, cada um de nós pega a sua força, o seu poder, por isso muita gente brinca lá atrás, nas alas, porque ele não brinca aqui na frente? Ele não tem o repertório de brincá na frente, ele não tem aquele poder, porque eu Manjerição brinco aqui na frente? É porque *sou* um homem preparado pela Virgem Maria *do* Rosário pra cantá em todas essas áreas de Igreja, nas mesas, no meio *dos* outros, passá a coroa, então, isso ai é comigo mesmo, eu *gosto* muito de fazer essas coisas" (Video,30111/97,Arq:JB).

8.2- Moçambique de Adoração

É um terno que louva o Rei Congo e a Rainha Conga. São geralmente cantos de estrofes longas e alegres quando falam da procura *do* reinado:

Moçambique Procura Rei Congo (Abel Jerônimo).

Ai que horas que são essas
É uma hora de alegria
É um temo de moçambique
Que vem de Santa Maria 2X
A procurar o Rei Congo
A procurar o Rei Congo, ai, ai.

Moçambique Procura Rainha Conga
É um temo de Moçambique
Que saiu mês de novembro
Moçambique tá procurando
A nossa Rainha Conga
Pra coroar nossa Rainha
A Rainha da Irmandade
A Rainha da Irmandade, ai, ai, ai.



Combate com bastões
rememorando antigas
lutasentre grupos
congadeiros rivais.
São Gotardo- MG, 1997.

8.3 - Penacho de Marcação

Havia em Luz-MG, dois temos de Penacho. Ambos utilizavam apenas a percussão dos pés em movimentos e o que os diferenciavam era a maneira de vestir; um colocava em cada componente o grande cocar enfeitado com longas penas em homenagem ao índio africano, outro apresentava enormes fitas multicoloridas que chegam a cobrir todo o corpo.

8.4 - Catupés de Tamborins

Ternos praticamente extintos. Os capitães dançavam freneticamente ao ritmo de seus tamborins, usavam cantoria irreverente e às vezes provocativas.

8.5 - Terno de Carmo do Paranaíba

Nesse terno era possível presenciar a dança de uma senhora que parecia rainha de tribo africana. Essa mulher rodopiava os quadris em gestos calmos e sua cabeça ia aos poucos inclinando-se até parecer estar em transe total. Os congadeiros faziam um círculo em torno dela, silenciava-se os tambores de outras guardas e ela tornava-se a força espiritual daquele instante (Video, 20/10/1991 ,Arq:JB).

8.6 - Congo Real Santo Antonio

Possui uma sanfona, uma caixa e vários pandeiros, seus exímios percussionistas realizam movimentos de passistas coletivos em sincronia total com os gestos de suas mãos bateando os pandeiros. O Congo Real é de São Gotardo-MG e tem Paulo Batista da Silva como seu representante legal.

8.7- Grupo de Cateretê Filhas de Maria

De Carmo do Paranaíba-MG, apresenta um surpreendente grupo de mulheres cantadoras e dançarinas; embora os instrumentos fiquem com os homens, são as mulheres - cada uma com um fino bastão enfeitado - que comandam toda a apresentação.

8.8 - Moçambique de Cruzeiro da Fortaleza - Possui em seu comandante geral um reflexo do que era os antigos capitães cantadores de pontos ou demandas. Os versos nervosos e críticos entoados em uma festa de Rio Paranaíba/20110/95, denotam a rivalidade que havia/há entre vários congadeiros:

vim aqui / num tô passeio
foi um voto / eu tô pagano.
Dona da casa / já pode chamá
Nossa Senhora / vem te visitá.
Se ela num tá / num posso chegá
vô pra Igreja / tenho que rezá.
Oh louvado bendito seja
tô viajano / eu num vô pra Igreja.

Esse capitão moçambiqueiro faz suas bizarras cantos irônicos aos donos da casa, ausentes no momento em que o terno chega para ajudar no cumprimento do voto de alguém; irritado com a falta de respeito, resolve ir embora sem visitar a Igreja Matriz.

De semblante altivo, dedo indicador em riste como se a desafiar todo povo circundante; através de João Domingos é possível tecer quase uma empírica reconstrução memorial, desde os mais remotos tempos, ao último mês de novembro do agonizante século vinte.

É possível que Domingos não tenha um sucessor da sua estirpe congadeira, pois os velhos capitães traduzem em seus cantos, sentimentos e energias espirituais condensadas de fé real e até recentemente(década de 1980), havia encontros entre esses congadeiros capazes de produzir "amarração instrumental" em ternos despreparados que ficavam auto sugestivos quando tinham de cruzar o caminho de um antigo capitão de Moçambique.

8.9 - Vilão Fantástico - sob o comando entusiasta do Capitão Pedro Catulé, esse temo da cidade de Serra do Salitre-MG, usa coreografias interessantes e elas surgem de improviso, na maioria das suas apresentações. Os ganzás utilizados por seus congadeiros, tem aproximadamente um metro de comprimento e na simulação de combates há uma maravilhosa intercomunicação de sons produzidos pelos atritos naturais provenientes dos ornamentados ganzás.

8.10 - Congado Catupé São Benedito - de Patrocínio-MO, esse temo possui três mulheres que dançam à frente de todos. Além de ser comandantes, executam movimentos corporais interessantes. Elas representam a realeza africana no Brasil. A forte tonalidade Azul homenageia São Benedito e a dança reverencia o negro escravo que lutou por liberdade não de um, mas de todos os irmãos. No dia cinco de setembro de 1999 o temo provocou espanto em Serra do Salitre e em quatorze de novembro foi só admiração em Uberlândia.



Dançadora do Congo São Benedito de Patrocínio-MG. (14/11/1999, Arq:JB).

8.11 - Moçambique de Nossa Senhora - de ritmo forte, dança eletrizante e uma cantoria densa, esse moçambique surgiu em Patos de Minas, tendo no alegre e saltitante dançador Messias, o seu comandante geral e os principais membros são descendentes de

Tia Maria, a benzedeira e irmã da mãe de Jeremias Brasileiro. A cor amarelo vivo, destaca-se à distância e o jeito antigo de travar a luta com os bastões provoca momentos de alta ansiedade nos observadores.

N o duelo nada simulado que aconteceu no dia 05 de setembro de 1999 na cidade de Serra do Salitre-MG, o Capitão Messias arrancou uma gunga e o boné, do corpo de seu colega antagonista.

Raramente se encontra nos dias atuais, um terno de batidão pesado com seus dançadores demonstrando energia incomum, fazendo evoluções que relembram danças africanas ancestrais.

Filhos, netos, bisnetos, genros, noras, primos, toda a árvore genealógica da família, participa do moçambique. Messias diz: "sempre foi assim, desde o início, aqui só entra quem tiver nosso sangue, nossa raça, nossa fé e a nossa identidade cultural".

8.12 - Moçambique de Louvação - terno de Lagoa da Prata-MG. Com uma cantoria envolvente, louva São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. De influência fundamentalmente cristã, apresenta versos simples, entoados e repetidos à exaustão. Utiliza poucos instrumentos, adereços discretos em uma indumentária cor de prata brilhante. Além disso, há muitas gungas acima dos tornozelos, esteve em São Gotardo na Festa do Rosário realizada em doze outubro de 1999.

Seu ritmo de dança é totalmente cadenciado e único. Movimentos calmos, seguros emocionantes. Esse jeito especial de evoluir como se fosse em procissão, é motivado pelo transporte sobre os ombros de oito moçambiqueiros, dos andores com as imagens de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, que respectivamente ficam sob a guarda desse Moçambique de Louvação.

8.13 - Batalhão do Norte - Terno de Uberaba - MG, criado por volta de 1950 e tendo Olácio Vieira como seu fundador. Olácio dançava em um temo de Penacho quando resolveu montar o seu Terno de Vilão. Por algum tempo, Olácio dançou em Uberlândia antes de surgir o Batalhão do Norte."

"Depois, sempre que possível, o marechal Olácio Vieira participava com seu Terno de Vilão no Reinado de Uberlândia. De cores vermelho e branco, usavam calça branca e camisa vermelha. Quando mudou e começou a usar sainha, ganhou o apelido de "Terno dos Saia".

Atualmente usam calça branca, camisa branca, "Sainha Vermelha". Os generais usam "sainha branca". O Marechal usa um capacete com entretela cruzando em sentido horizontal e vertical. Enfeites em volta do capacete e fitas caindo para trás. Os demais usam um chapéu com paetê, brocal e fitas de várias cores (CadernosIFolclore 1993 p.26)

8.14 - Camisa Verde, Ituiutaba-MG. É um temo que encanta pelo seu colorido e bailado entusiástico. Os dançadores vestem camisa verde e na cintura colocam faixa amarela. A calça e o tênis são brancos.

Os principais capitães usam bastões sendo que o primeiro traz à cabeça um ojú branco e sua camisa de seda tem a cor de rosa-choque. Duas grandes faixas amarelas transversais indo dos ombros aos joelhos e na mão direita há um cachimbo inseparável. O bastão todo branco confunde-se com a calça muito alva.

O segundo capitão usa faixas que contrastam o branco e amarelo. Seu cajado é de cor marrom tendo fitas azuis trançadas da base ao ápice. O chapéu mais verdeescuro está adornado de fitas multicoloridas. As meninas-crianças, jovens e adultas usam sandálias, saias, blusas, colares, pulseiras.

Os meninos, em seus carrinhos ou nos braços da avó, vestem camisa verde com ombreira amarela adornando os ombros. No chapeuzinho há plumas brancas tendo sua base envolta por uma fitinha amarela com detalhes semelhantes à dezenas de sininhos.

Fitinhas de cor vinho, azul-claro, amarela, rosa-pink, são amarradas no chapéu cuidadosamente trabalhado para enfeitar a criança que já possui na mão esquerda um "bastãozinho qual insígnia de comando e sem sequer poder ainda caminhar distâncias longas, faz de conta que dirige a evolução de todo o Temo Camisa Verde, que esteve na Festa do Rosário em Uberlândia no dia 14/novembro/1999.

8.15- Bombachinho - de estilo afro-gaúcho nas suas indumentárias ricamente trabalhadas, esse temo é natural de São Gotardo, Minas Gerais e escolta o Rei Congo pelas ruas da cidade; ainda apresenta ritmos alegres e suas danças se assemelham aos sapateados, catiras e outras coreografias criadas pelo próprio grupo com objetivo de brincar e divertir nos desfiles congadeiros.

8.16- Catupés de Reco-Recos -tem um grupo de dançadores com impressionante agilidade nos pés e a maioria percute com rapidez os reco-recos (instrumentos de bambu, com vários cortes horizontais, o som é obtido através de pregos correndo na posição vertical, com a mão direita ou esquerda), usando danças que lembram defesas e ataques, tem como principal objetivo festejar com alegria os desfiles dos ternos no Reinado Congadeiro (Video,30/11/1997,Arq:JB).

8.17- Congo de Araxá - é um terno que usa vestuário característico do moçambique, os ieketês, (bonés de pano branco) nos homens e os ojas (tiras de panos amarrados na cabeça das mulheres), além das calças e camisas branca.Sua identificação só é possível quando se percebe o nome Araxá escrito de um lado e a palavra congo do outro, não fosse isso ele seria confundido com o terno de moçambique esse congo traz sua rainha que usa uma coroa de cor rosa e o capitão-principal empunha um bastão que possui na ponta, uma peça branca em formato de machado.

8.18- Moçambique Rosário de Maria- de Guimarães - MG, existe desde a década de 1940, "tempos do só Malaquias em Santana de Patos"sua cantoria é profundamente religiosa e segundo um dos seus capitães,"o terno é de brincação, feito para venerar Nossa

Senhora de maneira sadia, isso é uma brincadeira, de um capitão para outro, de um temo para outro, isso aqui é só dos moçambique, só em Cruzeiro da Fortaleza, é bacana só, todo mundo diverte demais". Até o ano de 1995, a festa de Cruzeiro da Fortaleza era realizada somente com a presença dos Ternos de moçambiques.

Verso do terno:

Âaiei!

E Virge Maria

Só moçambiqueiro

Do Rosário de Maria (Audio, 20/10/1995, Arq:JB).

8.19. Congo Real de Córrego Dantas- com um repertório envolvendo mais de onze cantorias, esse terno tem função específica de alegrar os festejos, sendo mais folclórico do que tradicionalista. Utiliza várias coreografias e indumentárias vistosas cujas cores fortes chegam a ofuscar a vista do observador posicionado contra o sol. Na cidade de Serra do Salitre-MG (04/07/1999) era possível perceber a forma de participar do terno no desfile processional, surpreendentemente constituído de maioria expressiva de pessoas brancas, impregnadas de ritmos e danças diferentes das demais guardas congadeiras.

8.20 - Terno Dos Marinheiros de Itapecerica -MG

Reinado do Rosário em Itapecerica-MG, possui tradição secular e de acordo com Maria Perpétua da Silva Souza [a Maria dos Doces] a festa é referencial para toda a região. Existe duas rainhas nos festejos, uma para São Benedito e outra em homenagem a Nossa Senhora. A popular Maria Doceira diz que a reinação " é um dos acontecimentos mais aguardados pela comunidade e as rainhas geralmente são de uma classe social distinta, a procissão é uma coisa muito bonita, os ternos, a carruagem que vem trazendo a Princesa Isabel e quando ela chega e desce da enfeitada carruagem, ela sobe no palanque e faz a leitura da carta de libertação dos escravos, é uma coisa muito emocionante!".

Segundo fontes de Arquivo Reinado do Rosário Itapecerica-MG, o Temo dos Marinheiros possui um autêntico grupo de dançadores tradicionalistas que preservam as danças criadas pelos escravos no século XVIII. "O povo avista o bailado de longe e escuta lá adiante o som dos pandeiros, caixas e caixinhas etc. A bandeira segue na frente anunciando o Temo dos Marinheiros, que há mais de 50 anos vem cumprindo sua missão no Reinado do Rosário e do ano de 1948 a 1978, foi comandado pelo capitão Geraldo D' Alessandro.

A cantoria é sagrada, em louvor a Nossa Senhora e com muita fé e amor, integra a cultura negra e cultura branca O Reinado do Rosário conta com uma comissão organizadora cujo Presidente é Antônio Anielo D' Alessandro e os diretores Nivaldo Aurélio, Geraldo Humberto D' Alessandro e Roberto Félix da Silva."

8.21 - Congado Em Ibiá- MG - outra cidade que concentra expressivo número de guardas em seus festejos congadeiros, teve em certo ano da década de 1995, um reinado com mais de quarenta temos oriundos das cidades circunvizinhas e do Triângulo Mineiro.

8.22 - Congado Em Cruzeiro da Fortaleza -MG - possui uma grande festividade "honra a Nossa Senhora do Rosário. Seus festejos incluem repiques de sinos e queima de fogos; novenas com rezas dos terços; celebrações de cultos e leilões durante todos os dias". Além da cavalgada, realiza-se o levantamento do mastro e a queima da fogueira, sendo que no Domingo a cidade amanhece com uma alvorada seguida de missa festiva e durante toda a tarde faz-se a coroação e transferência das coroas. O Rei Perpétuo e a Rainha Perpétua, juntamente com o Mordomo do Mastro, continuam tradicionais nos festejos geralmente ocorridos nos fins de setembro e início de outubro.

8.23 - Congado Em São Gotardo- MG - os congadeiros realizaram no ano de 1999, a septuagésima terceira festa de Nossa Senhora e São Benedito. A programação foi extensa e contou com todos os "membros componentes do congado; o Capitão-Mor; a Rainha do Mastro; o Bordão do Mastro; o Rei e a Rainha; o Rei do Bairro Nossa Senhora de Fátima; a Rainha do Bairro; o Bordão do Mastro de São Benedito e os Reis e a Princesa de São Benedito.

Além disso, a Associação dos Filhos de Nossa Senhora e São Benedito, coordenou todos os rituais, desde o hasteamento dos Mastros no sábado, até o arreamento dos mesmos na Segunda Feira, dia 13 de setembro de 1999.

Todos os temos da cidade, com seus entusiasmados capitães e capitãs, participaram da reinação. O **Moçambique** - Capitão, dos capitães Gabriel Barto e Oride Alves de Oliveira; o **Catupé**, dos capitães Edson Evangelista e Júlio César; o **Congo Santo Antônio**, capitão José Daniel; o **Beija-Flor**, das capitãs Maria Marta, Ângela de Camargos, Aline Aparecida; o **Congo Real Santo Antônio**, dos capitães Paulo Batista e Gaspar Francisco; o **Bombachinho** das capitãs Maria de Lourdes e Maria do Rosário; o **Ribamar** do capitão Geraldo Pereira e da capitã Gislene Maria e o **Congado Divino Espirito Santo** do capitão Samuel Germani e Dimas Amaral.

8.24 - Congo Verde de Araguari - Considerado um dos temos mais antigos de Araguari, teve em um dançador chamado carinhosamente de João Caqui, grandes momentos de alegria, Caqui possuía muitos parentes em Uberlândia, entre eles o moçambiqueiro José Rodrigues. Na cidade de Araguari existe doze grupos de congados Santa Isabel; Moçambique de Araguari ; Moçambique da Sainha Azul; Moçambique do Virado; Moçambique Branco; Moçambique de Belém; Marinheiro de São Benedito; Congo Ouro; Princesa Isabel; Catupé Cacunda e o Congo Treze de Maio, sob o comando de Zaíra.

8.25 - Terno Verde de Monte Alegre de Minas - participou dos festejos congadeiros uberlandenses do ano dois mil, trazendo à frente uma faixa com frase contundente: " chicote, suor e lágrimas, calaram as nossas vozes ".

8.26 - Guarda de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário de Azurita MG. Segundo o Primeiro Capitão, a Guarda de Azurita - bem prá lá de Itaúna -.é tradicional naquela região. Dona Ivone que é atual Presidente, diz que o grupo existe há mais de trinta anos e através de um "convite enviado pelo Marinheiro de São Benedito", resolveu participar do Congado de Uberlândia em novembro do ano dois mil.



Terno dos Marinheiros de Itapeçerica-MG
(Fonte: D' Alessandro)

Capítulo 9

9.0. DA ETERNIDADE DO CONGADO NO SEGUNDO MILÊNIO

9.1 - Quase uma Conclusão

Mesmo sob o jugo das teses coloniais, o Rei Congo e a Rainha Conga tornam-se em determinado instante nas únicas representações simbólicas mantenedoras de um universo cultural existente além África.

É assim que os escravos veneram as grandezas dos reinados outrora vivos nas nações do Congo, Moçambique e de Angola, países naturais dos povos bantos (LOPES, 1993,p.11).

As revisitações históricas e o resultante dessas quando chegam aos jovens congadeiros, produz reviravoltas incomuns. Marquinhos - um dos comandantes do Temo Vilão Fantástico em Serra do Salitre-MG; ao descobrir o significado da palavra "mouro",expressou-se emocionado:" Eu fico assim de espanto sô! Qué dizê que esses mouros também era africano? Agora vô pensá vesti o branco azul nos moro e o vermeio nos cristão(sic) de tanta raiva o sô de sabê disso tudo só agora sô ".

É compreensível o desabafo de Marquinhos. Seu temo, realiza uma dança com bastões simbolizando a luta dos mouros contra a espada cristã. Os mouros ficavam à esquerda e os cristãos do lado direito.Mouros eram os negros não batizados (muçulmanos) habitantes da Mauritânia - país costeiro ao noroeste da África e fronteiro com Mali (antigo Mandinga à leste e sul). Eles protagonizaram grandes batalhas contra o Imperador Carlos Magno (742-814) na península Ibérica.

Entretanto, os primeiros historiadores baseando-se em relatos de viajantes estrangeiros ou em fontes jesuíticas, relacionaram as embaixadas - danças guerreiras com entrechoques de espadas à frente do embaixador do Rei - como possíveis homenagens dos escravos brasileiros às vitórias de Carlos Magno sobre os mouros africanos e por se tratar

de uma cultura alicerçada na oralidade, o escritor ocidental traduzirá o africano no Brasil ao bel prazer de sua visão europeizada.

Assim, tudo que lhe for diferente receberá um tratamento folclórico, exótico, selvagem e alguns ainda irão utilizar-se desses e outros conceitos para justificar as suas teorias raciais. Para esses pesquisadores, o estandarte na congada aparece em veneração ao Carlos Magno. Ninguém preocupou-se com a história africana; pois quando surge o Imperador Carlos Magno (800-814), já existia quatrocentos anos antes, os guerreiros malinkês e as tribos da Guiné, fazendo uso do estandarte em suas batalhas de conquistas ou defesas de seus territórios.

Esse livro foi construído com a perspectiva de satisfazer visões técnicas e academicistas que ainda em grande maioria utilizam o congado para fins de monografia e teses, ficando nos corredores universitários e sem acesso da comunidade geralmente interessada em conhecer o produto final.

Nesse sentido, a presente obra reafirma o fosso das desigualdades administrativas quando se trata de políticas culturais em prol dos deserdados e pretende denunciar as facilidades que os pensadores elitistas encontram no estado e empresas, para produzir e divulgar suas versões folclorizantes da cultura negra, enquanto que os autênticos agentes históricos perambulam pelos corredores sem nunca merecer um apoio qual aquele destinado aos pára-quedistas que recebem para legitimar o fazer cultural do homem negro como um produto descartável.

No início desse trabalho já existia um objetivo delineado - provar a continuidade do Reinado Congadeiro atravessando o segundo milênio de Brasil - que para ser posto em prática tornara-se necessário o sustentáculo de uma fonte incontestável solidificando o conhecimento oral e inédito do autor e foi observando a sobrevivência do congado em rituais similares - Maracatus e Afoxés, principalmente, que essa eternidade começou a clarear o horizonte congadeiro.

No Maracatu Rural quando o cortador de cana vira rei, eterniza uma das simbologias tão presentes no mundo congadeiro - o Rei é sempre um ser humano humilde em seu cotidiano; com a Irmandade da Boa Morte, a proximidade fica mais evidente quando no último dia do ritual, os grupos de Afoxés saem às ruas executando danças idênticas àquelas existentes em vários ternos de congado.

Por si só seriam esses argumentos sólidos capazes de demonstrar a durabilidade desse rito devocional, embora transfigurado noutras simbologias culturais de origem negra. Contudo, ainda existe outro fator extraordinário quase nunca explorado pelos estudiosos acadêmicos do congado. A capacidade do ex-escravo em criar disfarces para manter-se vivo, fez que o mesmo entranhasse seus costumes dentro de qualquer ambiente hostil e foi assim que o Rei e a Rainha do Congado mimetizaram-se em Mestre Sala e Porta Bandeira: "o desfile das escolas no carnaval do Rio remonta ao início do século XVIII, quando os negros para celebrar a restauração da "corte" e do rei do congo, elegiam todo ano, rei e rainha; eles saíam em desfiles que lembravam com cantos e danças, embates contra tribos inimigas na África. O Rei e a Rainha do Congado transformaram-se em

Mestre Sala e Porta Bandeira e além dos atabaques agogôs, chocalhos e cuícas, surgiram para reforçar a bateria, os surdos e os pandeiros" (Gazeta Mercantil,24/02/00,p.02).

Além desse feito singular, houve um tempo em que era celebrado anualmente, a ressurreição do congado. Ao término dos festejos congadeiros, surgia o poderoso Kilamba- curandeiro responsável pelas cerimônias de coroação - que incorporando os espíritos dos ancestrais, trazia "de novo à vida, o mameto- menino - príncipe; filho do Rei do Congo" (Brasil Vivo, 1987, p. I 07). Ainda agora, no portal do ano dois mil, um dos momentos mais emocionantes presenciado pelo povo de Santa Luzia - cidade da região metropolitana de Belo Horizonte - foi quando ao celebrar a Missa Conga, um recém-nascido surgiu ao ar nas mãos de uma congadeira; para ser oferecido no instante do ofertório (Estado de Minas,03/1 1/99,p.23).

Enfim, criança negra ouvindo ecos de tambores congadeiros, sente fios dos cabelos ouriçarem-se; é uma reminiscência ritualística que permanece incrustada no intimo do espírito ancestral de umbigo África, batidas cardíacas, pulsos agitados e suspiros ofegantes, mente-corpo um instrumento percussivo.



Esse é um ser humano real necessitando de políticas afirmativas que possam promover direitos de cidadanias iguais. (Foto: Edmilson; Abril de 2001, Uberlândia - Minas Gerais)

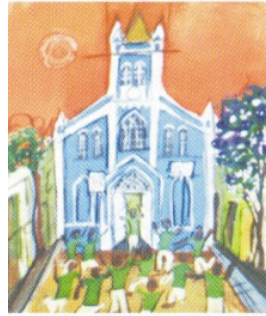


Esse é o ser humano mitificado, com o seu destino inexorável, agora não precisa de mais nada, é apenas preto velho simplificado, produzido pela falsa democracia racial brasileira. Pintura de N.Botaglin (Abril / 2001,Uberlândia,MG,Arq:JB)

9.2 - Pinturas e Poemas de Nós: Os Congadeiros

Transe Coletivo e Ancestral

Nossa fé é mais antiga que o Rosário de Maria
Ela vem de outros tempos, outros astros
Vem rasgando universos, vem trazendo novo olhar
Gestual do ser humano em transe eterno.
É Zâmbi - Ogun cultivados no branco e azul
Desafiando a modernidade capitalista
Que tenta manter toda guarda de congado
Em estágio permanente de subalternidade cultural.
Mas a memória oralista desse povo
Continua resistindo dentro de almas invisíveis
Cujas visibilidade só se dá de vez em quando
Em uma Praça do Rosário bem no centro de Uberlândia.
Esses homens e mulheres são durante vários meses
Anônimos trabalhadores a construir esse Brasil
E quando chega o segundo domingo de novembro
De todos os cantos da cidade
Surge expressiva gente negra
Acompanhando os parentes congadeiros.
E os arames farpados dos olhares discriminatórios
Sequer amedronta o mais humilde dançador
Que ali se sente envolto em elos espirituais ancestralistas
Pois sabe que além da Igreja do Rosário
Ele é o dono temporal de algumas ruas
Cujos espaços ficam ocupados pelo povo raça - brasil.
O vermelho não é só sangue produzido por chicote
Muito menos é o mal reinventado pelos jesuíticos da chibata
O vermelho fertiliza o túnel eterno
Novas almas congadeiras que se materializam
Em transe coletivo diante da Igreja do Rosário
Que dantes se abria para o nascente espiritual.



igreja do Rosário de Uberlândia
Pintura de Lilian de Castro,
Dezembro de 2000)

Jeremias, dezembro de 2000

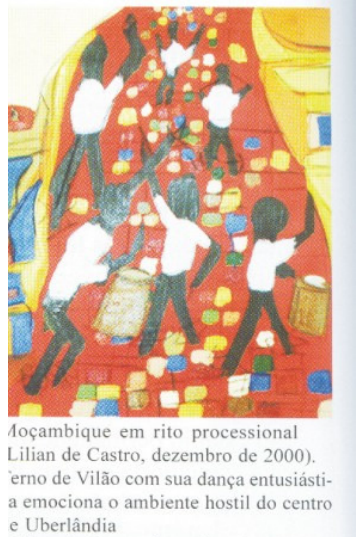
Raiz de Cedro

Moçambique traz o nome de guerreiro
Tem fama de possuir comandante
Que maneja bastão de feiticeiro.
Moçambique desafia capitão do mato
E esconde escravo fugido
Entre os negros dançadores.

Moçambique não aceita brincadeira
Seu canto firme emociona corações
É protetor da vida inteira
Desconhece os caminhos perigosos
Passa ponte, pisa em pedra, vai pra guerra
Moçambique é natureza ancestral
Do negro África que supera qualquer mal.

Moçambique usa gungas que energiza ambientes
Moçambique amarra temos, desafina instrumentos
Moçambique se preciso muda chuva de lugar
Moçambique lenda viva dos ancestris que sabiam
Encontrar veios de água com as forquilhas de pau.

Moçambique quando chega silencia percussões
Alguns largam os próprios sons para ouvir moçambicar
Com as fortes patagomas que arrepiam os corações
Quando ao alto percutidas pelas mãos patagomistas
Dos moçambiqueiros que compactos evoluem
A saudar Sinhô Rei Congo, a saudar Sinhá Rainha
A imprimir em seus tambores novos ecos saudosistas
Séculos que se agrupam para criar novo milênio.



Moçambique em rito processional
(Lilian de Castro, dezembro de 2000).
erno de Vilão com sua dança entusiástica
emociona o ambiente hostil do centro
e Uberlândia

Jeremias, dezembro de 2000

Alegria de Vilão

Vilão chegou para colorir
O cinzento espaço triste
Do coração material.
Vilão chega com espadas multicores
Traduzindo em suas danças as batalhas
Dos cristãos vencendo os mouros
Agregando em outros gestos recriados
Resistência cultural de um povo que ri
Quando nasce, quando luta, quando sofre, quando é feliz.

Os vilões encantadores de crianças
Amolecem os sisudos semblantes adultos
E os ganzás que surgem à frente
Expulsam todo mal pra mais distante
E as quatro faces da esquina
Ficam livres para o capitão passar.

As pirâmides sociais que separam essas pátrias
São esquecidas por milésimos de segundos
Por causa das crianças que desejam ver os congos
E os meninos do vilão de brinquedo guerrear
Em praça pública quando tantas sequer podem
Olhar pelas janelas sem censuras dos seus pais.

Jeremias, dezembro de 2000

Encontro de Bandeiras

Nesse encontro de bandeiras
Nosso Rei vamos saudar
Sinhá Rainha bonita
Vamos todos festejar.
Vem chegando o Congo alegre
Brincando com o tambor
Vem chegando o Moçambique
Com o seu canto de louvor.
Catupés de reco reco
Sapateiam qual catiras
Catupés de tamborins
Evoluem graciosamente
No encontro de bandeiras
Congadeiros são guerreiros
Irmanados para proteger o Rei.
As argolas não conseguem
Acorrentar memórias tribais
O reinado sobrevive
Nas lembranças coletivas
Sinhô Rei Sinhá Rainha
Revigoram as tradições culturais.
Marujos, Marinheiros, Danço-Congo e
Vilão Escoltando os Reis Festeiros
Verdadeiras procissões de estandartes
A balançar sob os movimentos dançantes
Das meninas que proporcionam
Espetáculos de cores e de resistência
Jeito festeiro de homenagear Rainha Conga
Jeito guerreiro de receber Sinhô Rei Congo

Jeremias, dezembro de 2000.



Pintura de Lilian de Castro, simbolizando o encontro de vários ternos (Dezembro de 2000).



Homenagem aos antigos congadeiros (Lilian de Castro, dezembro de 2000)

Dança Congo

A mente povoada de constante pensamento
Reafirma que amanhã vai dança congo.
O menino madrugava para acompanhar o pai
Em todos os tipos de serviços rurais.
Guia de carro de boi
Carregador de leite em animal de sela
Colheita de arroz, milho, feijão e café
Construção de cercas com arames farpados
Transportando às vezes estacas sobre os ombros
E na mente o constante pensamento
Amanhã vou dançar congo

Espalhar sacas de café no terreirão
E com rastel fazer o serviço de secador industrial.
Pilar o milho, pilar o café, pilar o arroz
Fazer broas de fubá em forno de barro
E ajudar distribuir aos congadeiros
Cansados de longas caminhadas.

Agora no portal dois mil e um
Compreende o que pai anunciava acontecer o fim de tudo
Ele se foi e para ele o mundo é outro espaço eterno
Deve viver nevoar flutuando à contemplar os ventos calmos
Balouçando as folhagens dos mandiocais
Deve estar dançando congo com os irmãos que já se foram
E ainda permanentemente á dizer: Amanhã vô dança congo !

Jeremias, Dezembro de 2000.

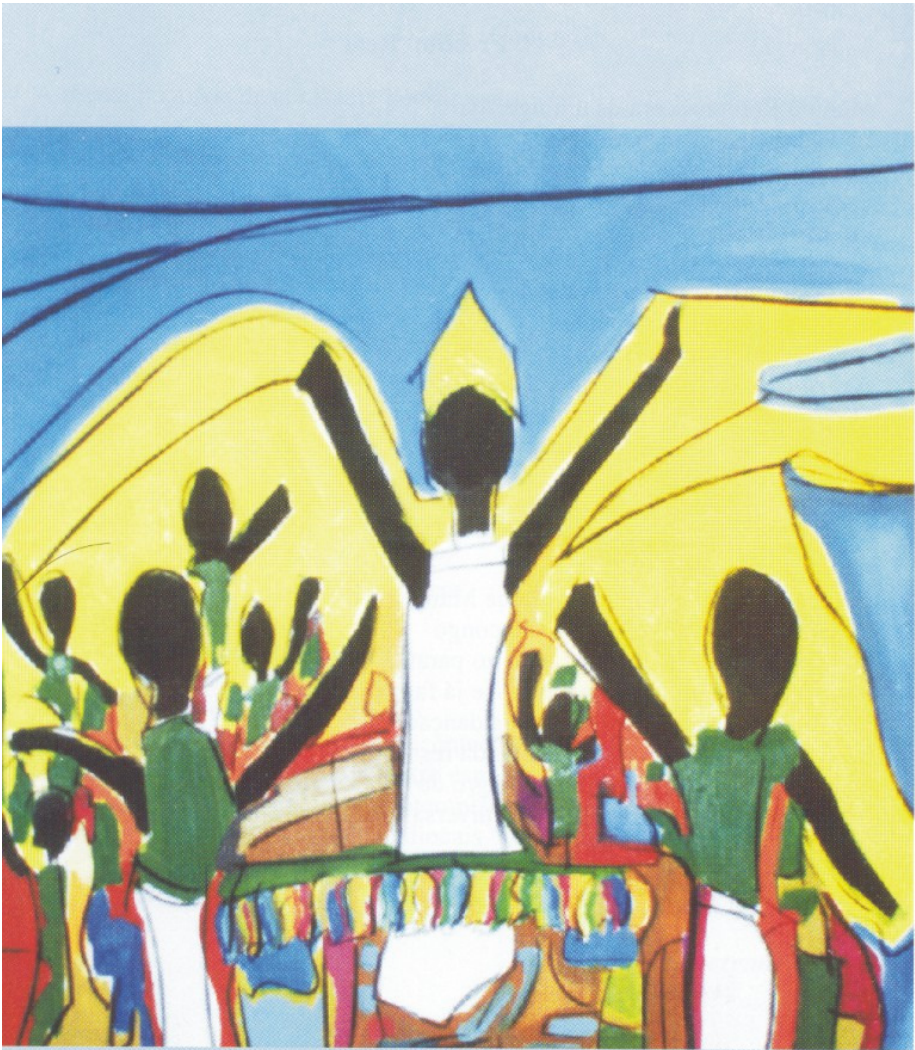
Préstito Real

Menino Rei renascerá de umbigo África
Lá vem Kilamba, é curandeiro, é feiticeiro
Anunciando o renascer do rei congado
E assim Mameto, surge erguido aos céus
Pra etemizar reinado congo.

No principio dos tempos congadeiros
Não havia imagens de santos
Não havia Princesa Isabel
As bandeiras representavam as nações
Os estandartes identificavam os clãs
E a dança e a cantoria e a percussão
Celebravam unicamente
O Rei Congo e a Rainha Conga
Os antepassados, os ancestrais.

Não haverá um outro Rei mais que Mameto
Perpétuo há de ser o seu reinado congo
Seu destino sem tambores é voar ao paraíso
Ele é Rei e o seu Reino encantou-se já faz tempos
E os seus braços ao abraçarem os dançadores
Referendam o simbolismo através da ressunção
Quando Mameto tem feito anjo negro de asas amarelas
Abençoa a família congadeira de universalidade cultural.

Jeremias, Dezembro de 2000



A Ressurreição de Mameto (Lilian de Castro, Dezembro de 2000)

9.3 - Cronologia de um Ritual

- 1441 - Escravos vindos da Guiné desembarcam em Portugal.
- Século XV - O colonialismo chega à São Tomé e Príncipe (Ilha no Atlântico e próxima do Congo e Camarões). Ao encontrar o ritual de Danço Congo com os guerreiros usando tambores e reco recos, os dominadores fomentam a idéia cristã de que essas danças eram resultantes de incorporações demoníacas; assim tentavam desacreditar o Danço Congo enquanto ritual preparativo de guerreiros que iriam para as frentes de batalhas na esperança de expulsar os colonizadores.
 - 1552 - Notícias de negros congadeiros em Pernambuco.
 - 1763 - Os escravos no congado de São Francisco das Chagas do Campo Grande- atual Rio Paranaíba em Minas Gerais. No mesmo ano aparece a Igrejinha do Rosário.
 - 1850 - Escravos erguem uma Igreja do Rosário no Distrito de Santa Maria- atual Miraporanga-em Uberlândia, Minas Gerais.
 - 1876 - Surge o congado em São Pedro do Uberabinha- atual Uberlândia é construída uma Igreja do Rosário.
 - 1997 - Em Rio Paranaíba-MG, há uma apresentação de Catupés de reco reco que remetem ao Danço Congo de São Tomé e Príncipe. Nesse Catupé, além dos movimentos agilíssimos com os pés demonstrando ataques e defesas, os componentes utilizam somente alguns tambores e vários reco recos.
 - 2001 - O Congado em Uberlândia transforma-se em um encontro coletivo de resistência racial/cultural.

9. 4 - Bibliografia

ALENCAR, Chico.Venicio,Marcus.Ceccon,Claudius **Brasil Vivo:Uma História da Nossa,Gente,Vozes** ,1987.

ARROYO, Margarete. Representações Sociais sobre prática de Ensino e Aprendizagem Musical: Um Estudo **Etnográfico entre Congadeiros**, Professores e Estudantes de Musica, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999 (Curso de pósgraduação Em Música, Mestrado e Doutorado)

BATINGA, Gastão. **Aspectos da Presença Negra no Triângulo Mineiro/ AltoParanaíba.1994.**

BRASILEIRO, Jeremias. Névoa Amarela e os Orixás. Bolsa Publicação do Município Uberlândia. Prefeitura Municipal. Secretaria de Cultura. Minas Editora.1996.

.....Congada de Fé. "**Poemas**". Gráfica Monteiro. Uberlândia. 1998.

BURGIERMAN, Denis Russo. "**Quando Eramos Reis**". In: Superinteressante, 1998.

CADERNOS de Folclore/Ano I.1 "**Moçambiques e Congos**". História e Tradição em Uberaba. Arquivo Público de Uberaba.1993.

CAMPOS, Cíntia. "**Missa Sem Tambor**". In: Revista Veja.Julho de 1998.

CARVALHO, José Jorge de. **Cantos Sagrados do Xangô do Recife**. FundaI ção Palmares. Brasília.1993.

CARVALHO, Marco Antonio de. "**Cultura Negra**"In: Revista Planeta. Três I Ltda.1988.

DADIÉ, Bernard B. **Climbiê**. Petit, Natividade (trad.). Autores Africanos, Costa do Marfim. Atica, São Paulo, 1982.

FARAH, Nuruddin. **De Uma Costela Torta**. Bath. Sérgio (trad.) Autores Africanos, Somália. Ática, 1982.

FERREIRA, Moacyr Costa."**Influência Negra na Cultura Brasileira**". Suplemento Literário de MG.1098.P.07,maio de 1988,.

FONER, Eric. **Nada Além Da Liberdade:A Emancipação e seu Legado**, Rouanet Luis Paulo (trad.), Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

GRANDES,Personagens da Nossa História. "**ZUMBI**" Abril Cultural, 1969,.
GRANDE, Enciclopédia Larousse Cultural. Nova Cultural Ltda. Vol.3 .1998. GUSMÃO, Neusa M. Mendes de. **Terra de Pretos, Terra de Mulheres.**" terra mulher e Raça num bairro rural negro", Fundação Palmares.1995.

KANE, Cheikh Hamidou. **Aventura Ambígua**. Ferreira, Wamberto Hudson (trad.). Autores Africanos,Senegal. Ática, São Paulo. 1984.

KALUMBA, Léon Ngoy. "**Pérolas Africanas**" In: Sem Fronteiras. PAO. no vembro de 1999..

LAPORTA, Ernesto M. **Estudo Psicanalítico dos Rituais Afro-Brasileiros**. Livraria Atheneu,Rio de Janeiro. 1979.

LEITE, Paulo Moreira de."**A Epopéia do Retorno**" In: Revista Veja. p. 112.07/ 07/1999.

- LOPES, Manuel. **Os Flagelados do Vento Leste**. Autores Africanos, Cabo Verde. Ática, São Paulo. 1979.
- LOURENÇO, Luis A. Bustamante. Bairro do Patrimônio: **Salgadores e Moçambiqueiros**. Uberlândia, 1987
- MEDINA, Cremilda de Araujo. **Sonha Mamana África**. Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo.1987.
- MEIRELES, Cecília. **Batuque, Samba e Macumba**: Estudos de Gesto e Ritmo 1926 a 1934. Funarte,RJ .1983.
- MONTELEONE, Joana. "O Bom Selvagem e as Senzalas Cruéis" In: Gaze ta Mercantil, p.2.,28/01/2000.
- NACINOVIC, Luis Sérgio. Candomblé: **O Som dos Atabaques Pedo Passagem Aos Orixás**. Suplemento Literário de MG.p.07,maio/1988.
- NARDUCHI, Fernando. **Devoção a Nossa Senhora do Rosário**. Uberlândia, 1988.
- NEVES, Guilherme Santos. **Bandas de Congos**. Cadernos de Folclore N° 3 Funart RJ.1980.
- NIANE, Djibril Tamsir. **Sundjata ou a Epopéia Mandinga. Biato**, Osvaldo (trad.). Aut. Africanos, Senegal.,Ática,SP.1982.
- OLIVEIRA,Vitor Hugo de.**Congado**: Entrevista/Vídeo (José Mendes e Dagmar) 1995.
- PEREIRA, Oscar Virgílio. **Os Escravos de Uberabinha e a Festa do Rosário**. Revista Estilos e Projetos. Secretaria de Cultura, setembro/1996.
- PINTO, Tancredo da Silva, **Guia e Ritual Para Organização de Terreiros de Umbanda**. Eco,1972.
- POEL, Francisco Vau Der O,F,M. **O Rosário dos Homens Pretos**. Imprensa Oficial, BH.1981.
- RIBEIRO, Maria de Lourdes Borges. **Moçambique**. Mec.33.Rio de Janeiro, 1981
- RIBEIRO, Darcy. **Direitos Indígenas**. In: Educação a Distância,Vol.3 ,4/5, Ined Unb, Dez./93, abr./94
- RÔMERO, Abelardo. **Ídolos e Deuses da Mitologia Afro-Brasileira**. Revista Conquista, RJ.1970.
- SANTOS, aflando José dos. **Orunmilá Exú**. Curitiba,1991.
- SILVA, Ornato José.Pinto, Tancredo da Silva. **Os Bantos no Brasil**.Mironga, 1977.
- SILVA, Fernando Correia da. **Contos Africanos**.Tecnoprint.
- SILVA, Gilberto Antonio. **Nos Caminhos do Omolokô**.UberlândiaMG.1994.
- SOUZA,Teixeira de. **Ihéu de Contenda**. Autores Africanos, Cabo Verde. Ática.1984.
- TOLEDO, Roberto Pompeu de. **Escravidão, O Passado Que O Brasil Esqueceu**. Veja,ano 29,maio de1996.
- VARGAS, José Resende. Rio Paranaíba: **História e Estórias de São Francisco das Chagas de Campo Grande**. Impresso Gráfica/Editora Ltda.1995
- VIEIRA, José Luandino. **Nós, os do Makulusu**. Autores Africanos,Angola. Ática,1991.

-**A Vida Verdadeira de Domingos Xavier**. Ática,1979.
WERNECK, Gustavo. "**Festa do Rosário Emociona Santa Luzia**". In: Estado de Minas. PP.23,03/11199.
-"**Congado Encanta as Ruas de Minas**" In: Estado de Minas. PP.14,19. 25/09/99.

9.5 - Outros Textos Literários Do Autor

. Rua de Pedra e Edição. 1980.

Gráfica Universidade Federal de Uberlândia.

. Rua de Pedra 23 Edição. 1981.

Gráfica Universidade Federal de Uberlândia.

. Direito de Sonhar. 1982.

Gráfica Universidade Federal de Uberlândia.

. Rio Paranaíba. 1982.

Editora Gráfica Brasil. Uberlândia-MG.

. Lágrimas de Verão. 1984.

Editora Scortecci. São Paulo- SP.

. Pensando em Você. 1994.

Edição Independente. Uberlândia-MG

. Negro Forro Liberto Vigiado. 1995.

Gráfica Zardo. Uberlândia-MG

. Névoa Amarela e os Orisás. 1996.

Minas Editora - Araguari - MG

. Congada de Fé (livreto). 1998.

Gráfica Monteiro. Uberlândia-MG.

1 - Certificados Por Participação Como Palestrante E Expositor De Temas Ligados À Cultura Afro Brasileira.

. Mesa Redonda: Trabalho e Resgate da Cultura do Negro, IV Encontro de Política Cultural. Promovido pela Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia, realizado de 14 a 17 de julho de 1988.

. Seminário: A (In)Visibilidade do Negro na Sociedade Brasileira: desafios e perspectivas. Tema: A Participação do Negro na Política. Promovido pelo GRICONEU - (Grupo Integração da Consciência Negra de Uberlândia). Em 14 de junho de 1997.

. Diploma de Honra ao Mérito. Zumbi dos Palmares. Promovido pela Câmara Municipal de Uberlândia. Dia 20 de novembro de 1997.

. Palestrante :As Diversas Faces do Preconceito Racial no Brasil. Promovido pela Escola Municipal Padre Goulart. Rio Paranaíba-MG., dia 30 de junho de 1998.

. Palestrante: As Diversas Faces do Preconceito Racial no Brasil. Promovido pela Escola Estadual São Pio X. São Gotardo, 30 de junho de 1998.

. Seminário sobre o Carnaval em Uberlândia , Conservatório Estadual de Música Cora Pavan Capparelli. 23 de fevereiro de 1999.

. Palestra abordando a História do Congado . Conservatório Estadual de Música Cora Pavan Capparelli. 17 de maio de 1999.

. Perspectivas sobre o Congado: Fórum de Cultura de Catalão; cultura e identidade negra nos 500 anos do Brasil. Catalão,20 de novembro de 1999.

. Debate promovido pela Câmara Municipal de Uberlândia sobre projeto que Institui o Programa Novos talentos da Música". Uberlândia,23 de março de 2000.

. Diploma de Honra ao Mérito pela organização do Carnaval de Uberlândia no ano 2000; conferido pela Rádio Comunitária FM . 22 de abril de 2000.

. Diploma de Honra ao Mérito como destaque cultural nos anos 99/2000 na cidade de Uberlândia; conferido pelo Jornal a Voz do Povo. Uberlândia, 22 de abril de 2000.

. Certificado de participação e organização do projeto O Negro no Brasil 500 Anos. Local: Escola Municipal Professor Domingos Pimentel de Ulhôa, Bairro Santa Mônica em Uberlândia - MG em 10 de maio de 2000.

. Participante do Segundo Congresso das Tradições Afro- Brasileiras, promovido pelos Zeladores no Santo de Uberlândia e Secretaria de Cultura. Uberlândia, 17 de setembro de 2000.

. Participação na Pré- Conferência: Direito à Informação Histórica; um Encontro. Preparatório para a Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata. Promovido pela Fundação Palmares de Brasília Ministério da Cultura e Governo do Estado de Alagoas. 17,18,19 e 20 de Novembro de 2000, Maceió.

05 - APRESENTAÇÃO DE SARAU LÍTERO-MUSICAL

- . Inauguração do Projeto Circo "Centro Cultural Itinerante." Bairro Santa Mônica. Em 05 de maio de 1986. Secretaria Municipal de Uberlândia.
- . Projeto: "Conheça o Escritor de Sua Cidade. "Casa da Cultura de Uberlândia 31 de outubro de 1986.
- . "Discriminação Racial. "Na Concha Acústica da Praça Tubal Vilela, 22 de maio de 1987.
- . "Olhar que Encanta a Vida e Desabafando umas coisas. "Secretaria Municipal de Cultura. Dia 30 de janeiro de 1988.
- . "Painel: Movimento Negro. X 13 de maio. Biblioteca Pública de Uberlândia. Dia 20 de maio de 1988.
- . Projeto Circo no Jardim Brasília. Dia 04 de setembro de 1988.
- . Jornada Cultural: "Zumbi dos Palmares A Grande Othelo." Dia 26 de novembro de 1994. Teatro Grande Othelo, em Uberlândia -MG.
- . Tema: "Porquê a origem africana constitui barreira invisível para a mobilidade social do negro. Hélio Santos. Doutor em Economia. Abertura com Jeremias Brasileiro. Dia 31 de maio de 1995 - Uberlândia -MG. Promovido pela Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia.
- . "Kumba Raiante" (Clareza e Vida). Projeto Circo: Bairro Jardim Ipanema L Dia 19 de agosto de 1995.
- . "Zumbi que nunca morre." Centro Administrativo de Uberlândia, 05 de dezembro de 1995.
- . "Negro Mau e Preto Bom." Em Rio Paranaíba- MG, 20 de dezembro de 1995.
- . "Poesia Afro." Oficina Cultural de Uberlândia, 20 de abril de 1996.
- . "Oriki aos Orixás." (Invocação dos Orixás). Dia 06 de julho de 1996.
- . "Breves Poemas de Amar." Projeto: Por Onde o Circo Passou. Dia 25 de maio de 1997.
- . "Apresentação de Poesia Afro." Chácara do Sr. Antônio - Uberlândia -MG, 01 de junho de 1997.
- . "Homens de Grande Fé." Igreja do Rosário, em Uberlândia -MG, 10 de novembro de 1997.
- . "Mulher Negra, Sim Senhor". Salão de Festas do SESC- Uberlândia - MG , 06 de março de 1998.
- . "Uma Manhã no Coração da África." Adaptação do Poema de Patrice Lumumba. Dia 14 de março de 1998 - Câmara Municipal de Uberlândia.
- . "Negro Forro e Névoa Amarela." Tarde de Autógrafos. Pastelaria Pingo D' água dia 21 de março de 1998. Em Uberlândia -MG.
- . Exposição: "Homens de Grande Fé. Congado de Uberlândia. Realizada no hall da Biblioteca do Santa Mônica - Universidade Federal de Uberlândia 26/06/ 1998.

. Seminário de Antropologia; Curso de História. Palestra sobre o Congado de Uberlândia. Universidade Federal de Uberlândia. Agosto de 1998.

Sarau lítero-musical na Rotina Imobiliária: Cultura afro-brasileira, 22 de outubro de 1998.

. Projeto: Jeremias dos Gerais, Vinte Anos de Poesia. Câmara Municipal de Uberlândia, 23 de outubro de 1998.

. Exposição: Fatos e Fotos do Carnaval de Rua de Uberlândia. Local: Hall do Pratic Center [Terminal Central de Uberlândia] de 01 a 13 de fevereiro de 1999.

. Exposição: Congadas de Minas Gerais, História que o povo faz. Terminal Central de Uberlândia, 05 a 19 de novembro de 1999.

. Exposição: Perspectivas Sobre o Congado. Campus Avançado da UFG/ Catalão 18 de novembro de 1999.

. Projeto de exposições e palestras enfocando a cultura negra e o envolvimento da comunidade escolar da Escola Estadual Antônio Tomaz de Resende. 24 de novembro de 1999.

. Palestra para estudantes do Primeiro Período do Curso de Jornalismo do Centro Universitário do Triângulo[UNIT]. Tema: Pessoas negras vinculadas ao congado. Local: Plenário da Câmara Municipal de Uberlândia, 07 de dezembro de 1999.

. Recital de Poemas " Orikis aos Orixás" na abertura da Primeira exibição do filme Atlântico Negro, Na Rota dos Orixás, do Projeto" A Redescoberta do Cinema Nacional. Local: Praça Clarimundo Carneiro, Uberlândia, 15 de janeiro de 2000.

. Palestra sobre vídeo Afro-Brasileiro : Chico Rei, de Walter Lima Jr. Promovido pela Seção Afro da Secretaria de Cultura e Escolas da Zona Rural, em Agosto e Setembro de 2000.

. Palestrante no Seminário Cultura Popular em Minas Gerais, abordando o Congado no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. Público Alvo: Estudantes do Curso de Turismo e Hotelaria do Centro Universitário do Triângulo [UNIT] Local: Plenário da Câmara Municipal de Uberlândia. 31 de maio de 2000.

. Abertura do Segundo Congresso das Tradições Afro-Brasileiras com o poema Na Travessia dos Orixás. Local: Teatro Grande Othelo, 10 de setembro de 2000

. Exposição de Poemas e Pinturas de Nós: Os Congadeiros. Hall da Biblioteca do Campus Santa Mônica[Universidade Federal de Uberlândia]. Pinturas de Lilian de Castro e textos de Jeremias Brasileiro, 16 a 29 de dezembro de 2000.

. Apresentação dos poemas" A **Noite dos Imortais Lanceiros Negros** e O Dia em que Eu Nasçi". Programa Escombros da Rádio Universitária FM. Uberlândia, 23 /12/2000. '

. Apresentação de **poemas** na Inauguração da Coafro- Coordenadoria Municipal Afro Racial de Uberlândia. 23/03/2001.

. Palestrante no Seminário Regional Sobre Racismo e Discriminação Racial do Negro: realidades e experiências locais, **abordando o Congado no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba**. Em Uberlândia, na Câmara Municipal, 28/05/2001.Realizado pela Coafro-Coordenadoria Municipal Afro-Racial de Uberlândia.

. Palestra para alunos de Arquitetura da UFU, abordando a congada enquanto cultura de **Resistência Cultural**. 23/04/2001, Bloco H do Campus Santa Mônica.

. Apresentação de **textos afriorubás** na Pqça Clarimundo Carneiro no dia 11/08/2001. Semana do Folclore. Realização do Sesc Uberlândia.

. Apresentação do poema em homenagem a Grande Othelo. No aniversário de 109 anos do Bairro Patrimônio em Uberlândia. 23/09/2001.

9.6 - Ficha Técnica Para Maiores Informações (1)

01 - Fita Cassete (Áudio).

.0001/AB.

Assunto: Coligado em **Rio Paranaíba e Uberlândia.**

Data: 26/07/1997.

.0002/B.

Assunto: Cantorias de Coligado.

IB: Cantorias de Moçambique.

IIB: Cantorias de Catupés.

IIIB : Cantorias de Congos.

Data: 26/11/1995. Rio Paranaíba-MG.

.0003/AB.

Assunto: Músicas e percussões originais de vários temas de moçambiques.

Data: 20/10/1995. Cruzeiro da Fortaleza - MG.

.0004/AB.

Assunto: Seminário de Coligada.

Data: 31/05/2000. Câmara Municipal de Uberlândia-MG.

.0007/A.

Assunto: Cantoria moçambique de raiz.

Data: 26/11/1995. Rio Paranaíba-MG.

.0008/ A.

Assunto: Cantorias de COLigO com o Primeiro Capitão (Jão Francisco).

Data: 26/11/1995. Rio Paranaíba-MG.

.0009/ A.

Assunto: Cantorias de COLigO com Segundo Capitão (Vicente Borges).

Data: 26/11/1995. Rio Paranaíba-MG.

(1-) Todo esse material faz parte do Arquivo JB [Jeremias Brasileiro], em Uberlândia- MG.

.0010/A.

Assunto: Cantorias de Catupés.

Data: 26/11/1995. Rio Paranaíba-MG.

.0011/A.

Assunto: Cantorias de Moçambique com o Comandante Geral em Rio Paranaíba (Abel) .
Data: 26/11/1995. Rio Paranaíba-MG.

.0014/A.

Assunto: Cantorias de Moçambiques das cidades de Patrocínio-MG e Guimarães-MG.
Data: 20/10/1995. Cruzeiro da Fortaleza- M G.

.0015/A.

Assunto: Cantorias de Ponto ou Bizarrias com João Domingos. Data: 20/10/1995.
Cruzeiro da Fortaleza-MG.

.0048/ A.

Assunto: Depoimento do dançador José Rodrigues, antigo congadeiro uberlandense que fala de como surgiram os leilões de prendas no congado de Uberlândia.

.0049/ A.

Assunto: Percussão e cantoria do Marinheiro de Nossa Senhora, de Uberlândia-MG.
Data: 12/11/2000. Uberlândia-MG.

.0050/AB.

Assunto: Cantorias e percussões com o Moçambique de Belém de Uberlândia-MG.
IA- Percussão triste em homenagem aos ancestrais e outros congadeiros já falecidos.
IIA- Percussão em ritmo de marcha, tambores, gungas, patagomas.
IIIA- Cantorias do Moçambique na Praça do Rosário em Uberlândia, louvação aos ancestrais congadeiros e hasteamento do mastro de Nossa Senhora do Rosário.
Data: 12/11/2000. Uberlândia - MG.

.0051/A.

Assunto: Percussão do Moçambique de Azurita-MG, na Festa do Rosário em Uberlândia.
Data: 12/11/2000 Uberlândia-MG.

.0052/A.

Assunto: Cantaria e percussão do Marinheiro de São Benedito, de Uberlândia.
Data: 12/11/2000 Uberlândia- MG.

.0053/ A.

Assunto: Temo Verde de Monte Alegre-MG e a sua cantaria e percussão.
Data: 12/11/2000 Uberlândia-MG.

.0054/ A.

Assunto: Percussões e cantarias do Azul de Maio, de Uberlândia-MG.
Data: 12/11/20000 Uberlândia-MG.

. 0055/ A.

Assunto: Percussões do Catupé Nossa Senhora do Rosário, de Uberlândia-MG.
Data: 12/11/2000. Uberlândia-MG.

. 0056/ A.

Assunto: Cantaria e percussão do Camisa Verde de Ituiutaba-MG.
Data: 12/11/2000. Uberlândia-MG.

. 0057/A.

Assunto: Percussão do Moçambique Treze de Maio de Araguari-MG. Data: 12/11/2000.
Uberlândia-MG.

. 0058/ A.

Assunto: Percussão e depoimento de Sílvio Donizete em seu primeiro ano como comandante do Verde e Branco que foi fundado no ano dois mil, em Uberlândia-MG.
Data: 12/11/20000 Uberlândia-MG.

. 0059/ A.

Assunto: Percussão do Moçambique do Oriente, de Uberlândia-MG.
Data: 12/11/2000.Uberlândia-MG.

. 0060/ A.

Assunto: Percussão e cantoria com os remanescentes do Congo Sainha em Uberlândia-MG.
Data: 12/11/2000.Uberlândia -MG.
02 - Áudiovisual

.Fita 0001.

Assunto: Congado em Uberlândia, depoimentos de José Mendes e Dona Dagmar ambos do Moçambique Oriente. Entrevistador: Vitor Rugo de Oliveira.
Data: 1995, Uberlândia-MG.

. Fita 0005.

Assunto: Temos de Coligado do Alto Paranaíba.
Data: 20/10/1991 e 26/11/1995. Rio Paranaíba-MG.

. Fita 0007.

Assunto: a) Reportagem do Fantástico sobre a coligada em Uberlândia.

Data: Novembro de 1998. Rede Globo.

b) Maracatu em Pernambuco. 13/02/2000. TVEducativa-Brasil..

. Fita 0008.

Assunto: a) Exposição " Congadas de Minas Gerais", de Jeremias Brasileiro.

Data: Novembro de 1999. SBT-Uberlândia.

b) Exposição " Coligadas de Minas Gerais", de Jeremias Brasileiro.

Data: Novembro de 1999. TV-Universitária, Programa Radar.

c) Reportagem a respeito da congada uberlandense.

Data: 14/11/1999. SBT-Uberlândia-MG.

d) Reportagem com enfoque no coligado e cores dos temos de Uberlândia.

Data: 14/11/1999. TV-Integração de Uberlândia-MG.

e) Reportagem falando do coligado na cidade de Uberlândia e a presença de temos da região.

Data: 14/11/1999. TV Paranaíba de Uberlândia-MG.

. Fita 0009.

Assunto: Um estudo com as pessoas negras vinculadas ao congado. Seminário com Jeremias Brasileiro e Estudantes de Jornalismo do Primeiro Período - UNIT.

Data: 07/12/1999. Plenário da Câmara Municipal de Uberlândia-MG.

. Fita 0014.

Assunto: Cultura Popular em Minas Gerais. Seminário com Jeremias Brasileiro e estudantes do Curso de Turismo e Hotelaria -UNIT, com o tema principal" Congadas 10 Triângulo Mineiro e no Alto Paranaíba, principalmente Rio Paranaíba e Uberlândia"

Data: 31/05/2000. Plenário da Câmara Municipal de Uberlândia-MG.

. Fita 0015.

Assunto: a) Festa do Rosário com a presença de vários temos do Alto Paranaíba-MG.

Data: 25/07/1999. Rio Paranaíba-MG.

b) Reportagem a respeito do congado em Ituiutaba-MG.

Data: 14/05/2000. SBT-Uberlândia.

. Fita 0018.

Assunto: a) Folia Negra em homenagem a São Sebastião e São Joaquim.

Data: 11/09/2000. TV -Amazon Sal. Amazonas.

b) Da Senzala à Capela; fotos de congado no livro de Laiycer Tomaz.

Data: 10/11/2000. SBT-Uberlândia-MG.

c) Congado de Uberlândia.

Data: 13/11/2000. TV -Integração de Uberlândia-MG.

d) Reportagem com enfoque principal sobre o deslocamento do Marujo Azul de Maio desde o seu Quartel no Bairro Roosevelt até à Igreja do Rosário situada no centro de Uberlândia.

Data: 13/11/2000. TV Paranaíba de Uberlândia-MG.

e) 150 anos de congado na região do Triângulo Mineiro e homenagem aos temos de Uberlândia. Entrevista com Reinaldo, Presidente do Monuva (Movimento Negro Uberlandense Visão Aberta).

Data: 15/11/2000. TV Integração de Uberlândia-MG.

f) Ritual: dança trançando fitas ao redor do mastro; Marinheiro de São Benedito em frente à Igreja do Rosário em Uberlândia.

Data: 24/11/2000. TV Cidadania, Programa Nossos Valores. Uberlândia-MG.

. Fita 0020.

Assunto: Homenagem aos temos de Uberlândia em celebração aos 150 anos de surgimento da primeira Igreja do Rosário na região (atual distrito de Miraporanga em Uberlândia) e a conseqüente proliferação dos rituais congadeiros.

Data: 20/11/2000. Monuva (Movimento Negro Uberlandense Visão Aberta).

. Fita 0021.

. Piano e Ganzá [Mário de Andrade]. A chegada dos marujos; coreografias de moçambiques e congos.

Data: 06/01/2001. Rede Cultura, Doe. Brasil.

. Fita 0022.

. Desfile processional dos ternos de congado na Festa do Rosário de Rio Paranaíba-MG.

Data: 30/11/1997.

. Fita 0026.

. Congado: Missa e Procissão. Uberlândia. 1999.

. Fita 0027.

. Termos de Uberlândia. 1997.

. Fita 0028.

. Congado em Rio Paranaíba-MG. 14/10/2001.

03 - Fichamento Fotográfico

. Pasta I - 60 fotos.

Assunto: Fotografias à cores e em preto e branco de ternos existentes no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.

Data: 1931 ao ano 2000.

. Pasta 11 - 44 fotos.

- a) Ternos de Uberlândia no ano de 1940.
- b) Ternos de Uberlândia no ano de 1999.
- c) Ternos do Alto Paranaíba na Festa do Rosário de Uberlândia em 14/11/1999.

. Pasta III - 43 fotos.

Assunto: Fotografias dos ternos de Uberlândia, à cores e em preto e branco. Data: 1940 a 1998.

. Pasta IV - 53 fotos.

Assunto: Fotos à cores e em preto e branco de vários ternos do Alto Paranaíba. Data: 1931 a 1999.

. Pasta V - 75 fotos.

Assunto: Fotografias à cores dos ternos de Uberlândia-MG. Data: 1997 a 1999.

. Pasta VI - 72 fotos. Data: 1998 a 2000.

04 - Fichamento das Reportagens de Revistas e Jornais; Pasta IX.

a) Assunto: Congado : as histórias que se contam.

Jornal: Gazeta Mercantil (Triângulo Mineiro, Cultura, p.06).

Data: 28/09/2000. Uberlândia -MG.

b) Assunto: Mês e Festa de Nossa Senhora do Rosário. Jornal: Gazeta do Oeste, Itapeçerica-MG.

Data: 25/08/2000.

c) Assunto: Rainhas de Nossa Senhora e de São Benedito. Jornal: Gazeta do Oeste, Itapeçerica-MG.

Data: 25/08/2000.

d) Assunto: Congados Fazem a Festa em Patrocínio-MG. Jornal: Emegê (Alto Paranaíba). O Tempo- Belo Horizonte-MG.

Data: 13/09/2000.

e) Assunto: UNI-BH, Prefeitura e Estado de Minas, fazem a festa em Ouro Preto. Jornal: Estado de Minas.

Data: 09/07/2000.

f) Assunto: Cortadores de cana viram Reis no encontro dos Maracatus. Jornal: Folha de São Paulo-SP.

Data: 07/03/2000.

g) Assunto: Origem do Mestre Sala e Porta -bandeira, está na Congada. Jornal: Gazeta Mercantil.

Data: 24/02/2000.

h) Assunto: Congado em Uberlândia, Uma Tradição Secular. Jornal: O Triângulo.

Data: 14/11/1999. Uberlândia-MG.

i) Assunto: Congado, manifestação afro-brasileira viva nos uberlandenses. Jornal: O Triângulo.

Data: 13/11/2000. Uberlândia-MG.

j) Assunto: Congado corre risco de extinção em Puruba-SP. Jornal: Folha de São Paulo, Turismo.

Data: 07/06/1999.

k) Assunto: Ciclo do Congado invade Divinópolis-MG. Jornal: Folha-Turismo.

Data: 03/08/1998. São Paulo-SP.

l) Assunto: Congado: Um ritual de canto, dança e religiosidade. Jornal: Correio (Revista).

Data: 25/10/1995. Uberlândia-MG.

05 - Fichamento Scanner Fotográfico.

Caixa I : 0001 - 0010.

. Disquete 0001.

. Foto 01 : Manoel Angelino e Elias Nascimento; primeiros Presidentes da Irmandade do Rosário em Uberlândia-MG.

Cód : P. 38 - O!.

. Foto 02: Joventina, Crioula e Fiinhajuntas à Bandeira de Cipó, na década de 1940.

Cód : P. 38 - 02.

. Foto 03 : José Paulino, um congadeiro de raízes ancestrais.

Cód : P. 38 - 03.

. Disquete 0002.

. Foto 04: José Rafael ,Sr. Albino e Vantuir; todos do Congo Sainha de Uberlândia,década de 1940.

Cód : Sem Título. 4 - 2.

.Disquete 0003.

. Foto 05 : Missa Afro realizada em novembro de 1997, na Igreja do Rosário em Uberlândia.

Cód : P. 17 - 01.

. Foto 06 : Congo Sainha na antiga linha férrea (Mogiana); década de 1960 em Uberlândia-MG.

Cód : P. 55 - 01.

. Foto 07 Congo Sainha de Uberlândia na década de 1960.

Cód : P.55 - 02.

.Disquete 0004.

. Foto 08 : José Renato e Só Chico, na década de 1970, no Camisa Verde de Uberlândia.

Cód : P.59 - 02.

. Foto 09 : Sra. Abadia e Sra. Amélia; baluartes do Congo Sainha. Década de 1970,Uberlândia-MG.

Cód : P.56 - 01.

.Disquete 0005.

. Foto 10 : Os remanescentes do Congo Sainha de Uberlândia, no ano de 1999. Cód : P.57 - 01.

. Foto 11 : As crianças do próximo milênio no Congo Sainha de Uberlândia, ano de 1999.

Cód : P.57 - 02.

.Disquete 0006.

. Foto 12 : Jerônimo Coelho,que foi considerado o melhor caixeiro de todos os mpos no congado uberlandense e os companheiros de Temo no Camisa Verde em plena década de 1930.

Cód : P.60 - 01.

. Foto 13 : Camisa Verde de Uberlândia na década de 1930.

Cód : P.60 - 02.

.Disquete 0007.

. Foto 14 : Walter Inácio (faleceu no início de 1999) , entre as bandeiras de São Benedito e de Nossa Senhora do Rosário.

Cód : P.69 - 01.

. Foto 15 : Meninas do estandarte do Marinheiro de Nossa Senhora em

Uberlândia-MG. Cód : P.63 - 01.

. Disquete 0008.

. Foto 16 : V ó Carminha, uma mulher considerada patrimônio vivo do povo negro situado no Bairro Patrimônio em Uberlândia e de toda a população que a conhece ou conheceu.

Cód : P. 61 - 01.

. Foto 17 : O Moçambique Princesa Isabel em seu quartel no Bairro Patrimônio em Uberlândia-MG.

Cód : P. 65 - 01.

. Disquete 0009.

. Foto 18 : Moçambique Pena Branca com o Sr. Geraldo Miguel.

Cód : P. 67 - 01.

. Foto 19 : Catupé frente ao Cantuã de Dona Irene Rosa, na década de 1970.

Cód : P. 71.

. Disquete 0010.

. Foto 20 : Trança de fita com o Marinheiro de São Benedito em Uberlândia.

Cód : P. 73 - 01.

. Caixa 11. 0011 - 0020.

. Disquete 0011.

. Foto 21 : Tio Cândido, ainda comandante de congado em Uberlândia no ano dois mil.

Cód : P. 82 - 02.

. Foto 22 : Temo Santa Efigênia na Década de 1980.

Cód : P. 80 - 01.

. Disquete 0012.

. Foto 23 : Temo Santa Efigênia de Uberlândia, década de 1980.

Cód : P. 80 - 02.

. Foto 24 : Catupé do Martins diante do Cantuã Irene Rosa na década de 1970 em Uberlândia.

Cód : P. 71 - 01.

. Disquete 0013.

. Foto 25 : Catupé do Bairro Dona Zumira em Uberlândia, novembro de 1998.

Cód : P. 69 - 02.

. Foto 26 : Marujo Azul de Maio da cidade de Uberlândia.

Cód : P. 82 - 01.

. Disquete 0014.

. Foto 27 : Moçambique do Oriente em frente do altar da Igreja do Rosário em Uberlândia.

Cód : P. 84 - 01.

. Disquete 0015.

. Foto 28 : Moçambique de Belém em seu quartel no Bairro Santa Mônica- Uberlândia.

Cód : P. 76 - 01.

. Foto 29 : Congado Amarelo Ouro em seu primeiro ano de festa uberlandense. 1999.

Cód : P. 86 - 03.

. Disquete 0016.

. Foto 30 : Dança ritual do Moçambique de Belém (Mão de Onça em destaque), 1999.

Cód : P : 77 - 02.

. Foto 31 : Garoto do Moçambique de Belém percutindo a patagoma, 1999.

Cód : P : 78 - 02.

. Disquete 0017.

. Foto 32 : Azul e Rosa no Bairro Santa Mônica em Uberlândia, década de 1980.

Cód : P. 86 - 01.

. Foto 33: Congado Congo Branco de Uberlândia em 1998.

Cód : P. 86 - 02.

. Foto 34: Amarelo Ouro, Bairro Saraiva em Uberlândia, 1999.

Cód : P.86 - 03.

. Disquete 0018.

. Foto 35 : Temo de Vilão da Serra do Salitre-MG, e a luta de cristãos contra os mouros, 1999.

Cód : P. 91 - 01.

. Foto 36: Moçambique de Lagoa da Prata-MG, na festa São Gotardo-MG. Cód : 123 - 01.

. Disquete 0019.

. Foto 37 : Temo de São Gotardo-MG e o combate com bastões.

Cód : P. 92 - 01.

. Foto 38 : A Igreja de Rio Paranaíba-MG, construída no ano de 1763.

Cód : P112 - 01.

. Foto 39 : Sô Crispin, descendente direto de escravos e um dos primeiros Reis congadeiros em Rio Paranaíba -MG ,1938.

Cód: P. 111-01.

. Foto 40 : João Brasileiro é o penúltimo remanescente de uma tradição familiar congadeira que existiu no Alto Paranaíba -MG, 1951.

. Disquete 0020.

. Foto 41: Temo dos Marinheiros de Itapeçerica-MG, no ano de 1948. Cód : P. 125 - 00.

. Caixa IH. 0021 - 0030

. Disquete 0021.

. Texto 01 : Poemas em homenagem aos temas de congado de Uberlândia-MG,1999.

Cód : P 127 - 01.

. Texto 02 : Histórico inicial dos temas de congado em Uberlândia, 1997.

Cód : P. 127 - 02.

. Disquete 0022.

. Foto 42 : Congo Sainha de Uberlândia no ano de 1940. Cód : P. 128 - 01.

. Foto 43: Congo Sainha no ano de 1997, em Uberlândia-MG. Cód : P128 - 02.

. Disquete 0023.

. Foto 44 : O congado no ano de 1940.

Cód : P. 54 - 03.

. Foto 45 : Catupé Nossa Senhora no Bairro Martins.

Cód : P. 71 - 02.

. Foto 46: José Rafael do Congo Sainha no ano de 1940,em Uberlândia-MG.

Cód : P. 54 - 01.

. Disquete 0024.

. Foto 47 : Congo Sereno de Rio Paranaíba, 1995.

Cód : P.113 - 01.

. Foto 48: A Igreja do Rosário de Rio Paranaíba-MG,1995.

Cód : P.112 - 01.

. Foto 49 : Espadas cruzadas protegem o reinado de Rio Paranaíba-MG.

Cód : P,92 - 01.

. Foto 50: Moçambique de Rio Paranaíba-MG.

Cód : P.113 - 02.

. Disquete 0025.

. Foto 51: Dançadora do Congo São Benedito, de Patrocínio-MG, 1999.

Cód : P.124 - 01.

. Foto 52 : Temo de São Gotardo-MG.

Cód : P.91 - 02.

. Disquete 0026.

. Foto 53 : Moçambique de Lagoa da Prata-MG.

Cód : P.123 - 01.

. Foto 54 : Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário, no Bairro Santa Mônica, 1996.

Cód : P. 63 - 02.

. Disquete 0027.

. Foto 55 : Um encontro de capitães congadeiros na década de 1940.

Cód: P.54-02.

. Foto 56 : Jeremias em Palestra sobre o congado uberlandense, 1998.

Cód : P.17 - 02.

. Foto 57 : Congo Sainha de Uberlândia, na década de 1960.

Cód: P.55 -02.

. Disquete 0028.

. Foto 58 : Moçambiqueiro José Rodrigues, que possui raízes congadeiras ancestrais.

Cód : P. 126 - 01.

. Disquete 0029.

. Foto 59: Temo Camisa Verde na Av. João Pessoa em Uberlândia-MG, década de 1970.

Cód : P. 72 - 01.

. Foto 60 : Moçambique de Belém em seu quartel no Bairro Santa Mônica, em Uberlândia-MG.

Cód : P. 72 - 02.

. Disquete 0030.

. Foto 61 : Mario Antônio, Zezão e Mestre Capela (Walter Prata), Congo Sainha, década de 1970.

Cód : P.129-01.

. Caixa IV.

. Disquete 0031 .

. Foto 62: O Congo Camisa Verde e o Congo Sainha em momento raro, quando ambos em Uberlândia representavam a irmandade congadeira.

Cód : P.130-0 1.

. Disquete 0032.

. Foto 63 : Continuação do Congo Camisa Verde e Congo Sainha no ano de 1950.

Cód : P.130-02.

. Disquete 0033.

. Foto 64 : Bastões com as carrancas de Pai João Congo e Pedra Preta.

Cód: P.131-01.

. Disquete 0034.

. Fotos 65;66;67 : José Rafael; apresentação de capitães e congadeiros reunidos na década de 1940.

Cód : P.54-01; P.54-02; P.54-03; respectivamente.

. Disquete 0035.

. Congadas de Minas Gerais I.

. Disquete 0036.

. Congadas de Minas Gerais **11**.

. Disquete 0037.

. Foto 68: Ramon Rodrigues, capitão do Moçambique de Belém, 1999.

Cód: P.132-02.

. Foto 69 : Missa afro com o Padre Preguinho, 1997.

. Cód : P.132-03.

. Foto 70: Meninos do Moçambique de Belém e as suas patagomas, 1999.

Cód : P.132-04.

. Disquete 0038.

. Foto 71 : Moçambique Pena Branca do Bairro Patrimônio, década de 1970.

Cód : P.133-01.

. Foto 72 : Igreja do Rosário de Uberlândia, 1996.

Cód : P.133-02.

. Foto 73 : Terno de Vilão da Serra do Salitre- MG ,1997.

Cód: P.133-03.

. Disquete 0039.

. Foto 74: Marinheiro de São Benedito de Uberlândia, 1996.

Cód : P.134-01.

. Foto: 75 : Moçambique Princesa Isabel, Bairro Patrimônio, década de 1970.

Cód : P.134-02.

. Disquete 0040.

. Foto 76: Exímios patagomistas do Moçambique de Belém em novembro de 1998.

Cód : P. 165-01.

. **Caixa V: 0041 a 0047**

. Disquete 0041.

. Foto 77 : Igreja do Rosário de Uberlândia (pintura de Lilian de Castro). Cód: P.165-02.

. Disquete 0042.

. Foto 78 : Pintura retratando desembarque do Terno de Marinheiro (Lilian de Castro).
Cód : P166-0 1.

. Disquete 0043.

. Foto 79: Moçambique em rito processional (pintura de Lilian de Castro).
Cód : P. I 67-01.

. Disquete 0044.

. Foto 80 : Pintura simbolizando o Terno de Vilão com o seu entusiástico dançar (Lilian de Castro).
Cód : P.168-0 1.

. Disquete 0045.

. Foto 81: Reunião de vários grupos de congado (pintura de Lilian de Castro).
Cód : P. 168-02.

. Disquete 0046.

. Foto 82: A ressurreição anual do Rei Congo (pintura de Lilian de Castro).
Cód : P.169-0 1.

. Disquete 0047.

. Foto 83: Pintura em Homenagem aos antigos congadeiros (Lilian de Castro).
Cód : P.170-01.



Esq./Dir.
Zezão, Capela e
Mário Antônio.
Congo Sainha
Década de 1980.
(Fonte: Congo Sainha)

Antiga guarda
congadeira de Uberlândia.
Década de 1950.
(Fonte: Congo Sainha)



Congo Sainha
em Olímpia-SP.
Década de 1980.
(Fonte: José Rodrigues)

CONGADAS DE MINAS GERAIS



“Eu não sô negro
cria de ninguém
eu sou congadero
não sô nênem
num sô pediguero
neguim de sinhô
sô moçambiquero
de muito valô”.

Desfile de congada pelas ruas de Uberlândia (MG). Tela de Lilian de Castro.



FUNDAÇÃO CULTURAL
PALMARES

Ministério da Cultura